Diario de Lisbôa

Edição Mensal

Numero avulso: 2$50 ESCUDOS Administrador e editor **MANZONI DE SEQUEIRA** ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º Endereço Telegrafico: DIBOA	DIRECTOR **JOAQUIM MANSO**	Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão **RUA LUZ SORIANO, 48** TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273 Endereço telegrafico: DIBOA

N.º 1 **1 a 30 de Abril de 1933** **1.º ANO**

Artigos. — Noticias. — Informações. — Gravuras, desenhos, caricaturas, fotografias. — O que vai pelo mundo. — O que se passou em Portugal. — A Politica, a Economia, o Direito, o Comercio, a Industria e a Agricultura. — As Ciencias. — A Historia e a geografia. — As Letras e as Artes. — A vida social, a vida feminina, a vida religiosa. — O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro. — A moda. — Os "sports". — Os livros que se publicaram. — As conferencias que se fizeram. — Os melhores artigos que se escreveram. As leis — As "prêmieres". — As exposições. — Os concertos. — Os que triunfam. — Os que morreram. O que se fez. — O que se disse. — O que se pensou. — O que se viveu. — A vida de um mês. — Um mês de vida nacional e estrangeira.

ANO 1.º LISBOA 15 DE MAIO DE 1933 N.º 1

10 MAI 2010
Compra
BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

Diario de Lisbôa

Edição Mensal

Numero avulso: 2$50 ESCUDOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ABERTURA

SAI hoje o primeiro numero da edição mensal do Diario de Lisboa. *Era uma necessidade, nos tempos que vão correndo, em que as criaturas, sem tendo tempo de se desensimesmarem da sua luta pela vida, perdem o contacto com o seu mundo exterior ou o restringem a um ambito cada vez mais estreito e confinado. Tempos apressados e de levante em que os acontecimentos se sucedem, não havia entre nós um jornal retrospectivo e de sintese em que rapidamente a vida se pudesse inventariar para estar em dia com o que vai pelo mundo. Depois o «Diario de Lisboa» mensal pretende ser o leitor, o secretario do leitor. Ao fim do mês contar-lhe-á tudo o que sucedeu, tudo o que se realizou, factos e acontecimentos que se deram, livros que se publicaram, pessoas que morreram, ciencia que progrediu, tudo enfim o que marca na vida ou na bisbilhotice universal. E isso, além da elucidação constituirá tambem uma lembrança para estar continuamente em dia, não deixando de comprar o ultimo livro, ou de prever no horizonte a proxima guerra. Não intenta imitar nenhum jornal, nenhuma revista, nenhuma ideia. A necessidade o criou, pretende apenas satisfazer essa necessidade. Este primeiro numero é apenas um «tentamen». Se o publico inteligente para quem ele é criado nos ajudar, a sua missão definir-se-á com precisão e ele virá a ser qualquer cousa de notavel. Buscará tecnicos cooperadores, o homem que sabe de cada cousa, para falar de cada cousa, receberá avisos, sugestões e indicações do publico, e o publico é um precioso colaborador, melhorará a sua parte grafica, secções ainda indefinidas terão o seu desenvolvimento condigno, buscará enfim criar um elemento de estudo e de trabalho que busque tudo e tudo informe, devidamente arrumado e sem exageros de palavras ou de espaço descrito. Será neutral.*

Neutral e imparcial em materia de politica e de religião ele procurará relatar factos. Quando expandir ideias, essas terão uma assinatura por debaixo e marcarão o pensamento de um nome cotado cujo alvitre é sempre bom ouvir. Procurará enfim servir o publico. Este se quizer ser servido ajuda-lo-á. E nós aqui estamos para o servirmos conscios de que alguma cousa fizemos para a cultura popular, a cultura dos que não têm tempo nem dinheiro para ler dezenas de jornais e consultar centenas de revistas. Vence? Será uma bela cousa realizada. Acaba por falta de incentiva? Fracassa?

Nem por isso fica na nossa consciencia, sem azedume, a certeza de que cumprimos o nosso dever. E isto dito, vamos começar.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

O MEZ DE ABRIL na tradição popular

—Abril aguas mil, coadas por um mandil (avental), e em Maio três e quatro.

—Uma agua de Maio, e três de Abril, valem por mil.

—Chuvinha d'Ascensão das palhinhas dá pão.

—A ti chova todo o ano, e a mim chova Abril e Maio.

—Se chover em Maio carregará o rei o carro e em Abril o carril; e entre Abril e Maio o carril e o carro.

—Se não chover em Abril pode o lavrador o carro e o carril ou em Abril queima a velha o carro e o carril.

—Se não chover entre Maio e Abril dará el-rei o carro e o carril por uma fogaça e um funil, e a filha a quem a pedir.

—No tempo do cuco tanto está molhado como enxuto.

—Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado.

—Abril frio, pão e vinho.

—Frio de Abril nas pedras vai ferir.

—Do grão te sei contar que em Abril não ha de estar nascido, nem por semear.

—Quem me vir e ouvir guarde pão para Maio, lenha para Abril.

—Entre Abril e Maio moenda para todo o ano.

—Abril vem com as favas no mandil.

—Em Abril queijos mil; e em Maio três ou quatro.

—Em Janeiro seca a ovelha suas madeixas ao fumeiro, e em Março no prado, e em Abril as vai urdir.

—A rez perdida em Abril cobra a vida.

—Bosta de Março tira nodoas

quatro; bosta de Abril tira nodoas mil.

—Por S. Marcos bogas a sacos.

—Saveis por S. Marcos enchem os barcos.

—Solho de Abril abre a mão e deixa-o ir.

—Altas ou baixas em Abril vêm as Pascoas.

—Não é cada dia Pascoa nem vindima.

—Não ha Entrudo sem lua nova, nem Pascoa sem lua cheia.

—Se a Pascoa é de assoalhar, é o Natal atrás do lar; se a Pascoa é atrás do lar, é o Natal a assoalhar.

—Por Abril dorme o moço ruim; e por Maio o moço e o amo.

—As manhãs de Abril são doces de dormir.

—Sono de Abril deixa-o teu filho dormir.

—Vai-te embora Mundo (ou Janeiro) deixar-me-ás Abril e Maio.

—Em Abril vai onde has de ir e torna ao seu covil ou em Abril guarda o gado e vai onde tens de ir.

—Por todo Abril mau ha descobrir.

—No principio ou no fim, Abril sóe ser ruim.

Os santos advogados

Dia 2—S. Francisco de Paula—advogado da successão masculina e de agua nos lugares secos.

Dia 5—S. Vicente Ferrer—advogado contra as dores de cabeça.

Dia 14—S. Pedro Gonçalves Telmo—advogado contra os perigos do mar.

Dia 23—S. Jorge—defensor do Reino, e patrono dos barbeiros e armeiros.

Dia 29—S. Pedro, Martir—advogado contra a pedra que destrói as sementeiras.

O PRIMEIRO DE ABRIL dia das mentiras

O primeiro de Abril é o dia das mentiras, e é costume nesse dia os jornais forjarem uma noticia falsa que faça sensação. Lembra-nos nesse género a de um peixe monstro que dera á costa em Paço de Arcos, a da estatua do Marquês de Pombal inclinada, etc.

A deste ano foi batida pelo *Diário de Lisboa*, acreditando nela muita gente, especialmente amigos dos dois duelistas... em hipótese.

Tendo-se travado entre os srs. drs. Alfredo Pimenta e Afonso Lopes Vieira uma violenta polémica a propósito da edição da «Lírica», de Camões, comentada pelo ultimo e pelo sr. dr. José Maria Rodrigues, suscitou-se entre aqueles dois escritores uma pendencia de honra que teve hoje o seu desfecho.

Ontem, ás primeiras horas da noite, os srs. visconde do Torrão e dr. Caetano Beirão, testemunhas do sr. dr. Alfredo Pimenta, tiveram uma conferência com os srs. dr. José de Figueiredo e Raul Lino, testemunhas do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, não tendo chegado a acôrdo na maneira de dar como nula a pendencia, com honra para ambas as partes.

Supômos que o sr. dr. Afonso Lopes Vieira se mostrou irredutivel com todas as formas de entendimento sugeridas nessa reunião, que, por vezes, decorreu agitada. Sendo reconhecida unanimemente pelas testemunhas a qualidade de ofendido ao sr. dr. Afonso Lopes Vieira, os seus representantes escolheram a espada como arma de combate.

O encontro foi aprazado para as sete horas de hoje, na Tapada da Ajuda. O sr. dr. Alfredo Pimenta, acompanhado das suas testemunhas, e do seu médico assistente, sr. dr. Anibal de Castro, foi o primeiro a chegar. Eram seis e quarenta e cinco. Já clareava o dia. Embora um pouco pálido, mostrava-se firme e decidido. Luvas brancas e monóculo.

Minutos depois, noutro carro, chegava o mestre de armas Carlos Gonçalves, escolhido como juiz de campo. Cumprimentos rápidos, sêcos. Precisamente ás 7 horas, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira, acompanhado das suas testemunhas srs. visconde de Torrão e dr. Caetano Beirão, e do seu médico sr. dr. Anibal Bettencourt, entrava na Tapada.

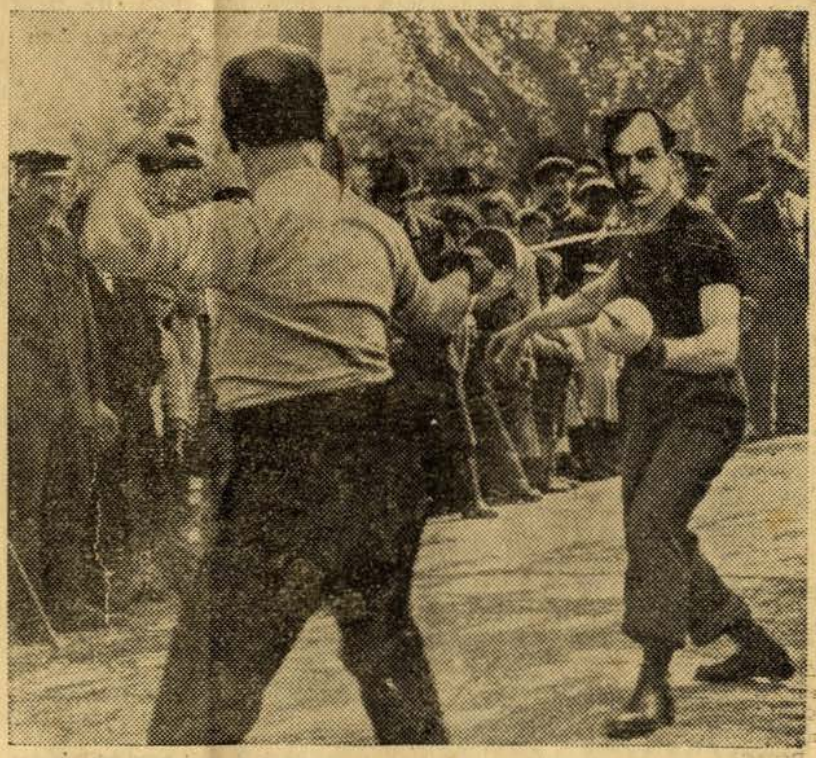
O sr. dr. Afonso Lopes Vieira, aparentando uma grande serenidade, cumprimentou com leve acêno de cabeça o grupo das testemunhas do seu adversário, conversando alguns breves instantes com o mestre de armas Carlos Gonçalves. Apesar da hora matutina, tinham-se juntado alguns curiosos, atraídos pelo aparato.

Foi então escolhido o campo—uma vereda estreita e sombreada — iniciando-se logo o duelo.

No primeiro assalto, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira, manejando com facilidade a espada, e com a vantagem de jogar á esquerda, fez recuar, por vezes, o seu contendor.

No intervalo, a assistencia sublinhou a vivacidade do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, enquanto o sr. dr. Alfredo Pimenta ouvia das suas testemunhas algumas indicações. O segundo assalto foi mais rijo e perigoso. Houve um momento em que a lamina do sr. dr. Alfredo Pimenta procurou com furia o braço esquerdo do adversario, caindo a fundo, mas este desviou-o sem perigo.

A MENTIRA DA FOTOGRAFIA



O duelo Alfredo Pimenta e Afonso Lopes Vieira

Novo descanso de dois minutos, que os dois médicos dos duelistas aproveitáram para realizar uma rápida conferencia, cuja intenção fácilmente se adivinhou entre os raros assistentes. E iniciou-se o terceiro assalto, com vantagem para o sr. dr. Afonso Lopes Vieira que, pela segunda vez, fez recuar o seu adversario.

Este ainda se recompôs, mas, dois segundos depois, era tocado num braço. O combate foi imediatamente suspenso. O sr. dr. Alfredo Pimenta apresentava no ante-braço direito uma profunda incisão de três centimetros, com abundante hemorragia.

Ainda manifestou desejo de continuar o combate, mas por determinação unanime dos médicos foi dada por liquidada a pendência com honra para ambas as partes, tendo-se lavrado as competentes actas. Os srs. drs. Afonso Lopes Vieira e Alfredo Pimenta não se reconciliaram. O sr. dr. Alfredo Pimenta recolheu a casa, tendo sido durante o dia de hoje muito visitado e cumprimentado.

No dia 2 o *Diário de Lisboa* publicava o seguinte:

A reportagem fantasiosa que ontem publicámos sobre um suposto duelo Alfredo Pimenta-Afonso Lopes Vieira, justificada por ser o dia 1.º de Abril, causou sensação em Lisboa, tendo sido o caso do dia nos centros de cavaco, onde a grande maioria das pessoas acreditou na veracidade do duelo.

Tanto para casa do sr. dr. Afonso Lopes Vieira como do sr. Alfredo Pimenta numerosas pessoas telefonaram, a informar-se do estado de saude dos «contendores», recebendo com satisfação a noticia de que o duelo não passara duma fantasia inofensiva.

Os dois imaginários duelistas, com quem tivemos ocasião de trocar hoje impressões, acharam graça á brincadeira e não guardam por isso o menor ressentimento. O sr. dr. Alfredo Pimenta teve até ocasião de apreciar a solicitude de numerosos amigos, que lhe telefonaram, para saber se o ferimento era de gravidade.

Resta esclarecer que o arranjo fotográfico que reproduzimos nos foi amávelmente cedido pelo nosso camarada Leitão de Barros, e representava uma fase do duelo Carlos Gonçalves-António Osório, com a diferença de a cara de mestre Carlos Gonçalves ter sido substituida pela do dr. Afonso Lopes Vieira.

—Em *A Voz* de 14 de Abril o sr. dr. Alfredo Pimenta historia e faz comentarios ao duelo de que foi imaginario personagem, num artigo da sua *Tribuna Livre*, intitulado: «Para a historia do celebre duelo».

* * *

Tambem pela primeira vez, ao que julgamos, para o *poisson d'Avril* foi empregada a radiotelefonia. O posto C T 1 D H anunciou que ás 15 horas um individuo se precipitaria do elevador de Santa Justa munido de um para-quedas. Como coincidisse com a chegada do «Gonçalo Velho», o facto levantou protestos.

I — Ciencias sociais e politicas. Direito

a) Sociologia
b) Politica internacional
c) Economia nacional: A vida do Estado

a) Politica interna. Governo e administração publica e civil. Funcionalismo
b) Economia e finanças: Riqueza publica. Bancos, moeda, bolsa, credito. Pautas Exportação e importação. Estatistica.
c) A acção social: O capital e o trabalho.
d) Previdencia social: Assistencia. Seguros. Desemprego. Cooperativismo. Mutualismo, Lotarias.
e) Pedagogia e educação: Psicologia. Vida escolar. Movimento professoral,
f) Higiene e Sanidade.
g) Ciencias militares: A guerra e a ciencia da guerra. Exercito e Marinha. Vida militar.

d) Direito: *Jurisprudencia. Legislação. Crime e repressão. Tribunais. Vida forense. "Diario do Governo".*

a) Sociologia

O CAPITALISMO

Seu passado, seu presente e seu futuro.—Lição no "Instituto dos Altos Estudos"

O professor Bento Carqueja iniciou no dia 27 no Instituto de Altos Estudos, da Academia de Ciencias de Lisboa, a série de três prelecções acerca de —«O Capitalismo, seu passado, seu presente, seu futuro. A primeira prelecção versou sobre as origens do Capitalismo e a segunda realizou-se no dia 29 versando sobre os aspectos do capitalismo no presente.

Principiou por afirmar que o assunto é da maior importancia, tanto no campo da Ciencia Economica, como da Sociologia, assunto vastissimo que procuraria sumariar, o mais possivel, limitando-se a pôr em evidencia a grande evolução economica e social, que deu em resultado o triunfo alcançado pelo Capitalismo e pela grande industria, no seculo XIX.

Definiu o que deve entender-se pelo Capitalismo moderno e afirmou que o existente em velhos tempos, especialmente nos romanos e nos gregos, era um Capitalismo puramente comercial e financeiro, sem aplicação á industria.

Examinou a vida economica na Idade Media, com as primeiras manifestações do Capitalismo, aliás diferente do regime capitalista moderno, caracterizado pela expansão do comercio internacional, pelo desenvolvimento da grande industria, pelo triunfo obtido pelos maquinismos, pela preponderancia, de cada vez mais acentuada dos grandes potentados financeiros.

E' a união de todos estes fenómenos que constitui verdadeiramente o capitalismo moderno.

Foi no seculo XIII que, nas regiões economicamente mais activas, como a Italia e os Paises Baixos, o Capitalismo começou a exercer influencia na industria, podendo afirmar-se que o capital, na verdadeira acepção da palavra, nasceu o dia em que a riqueza mobiliaria se desenvolveu, sob a forma de especies amoedadas, sendo as formas do Capitalismo comercial e do Capitalismo financeiro as que primeiro se esboçaram.

Para a evolução se operar, tornou-se porém, necessaria a transformação de toda a organização de trabalho, das relações entre patrões e trabalhadores, transformação que deu em resultado exercer-se, sobre as classes sociais, a acção mais profunda, até então nunca observada.

O triunfo obtido pela organização capitalista não é anterior ao seculo XIX e pode mesmo afirmar-se não ser anterior á segunda metade deste seculo.

Passou rapidamente em revista as primeiras manifestações do Capitalismo na Idade Média, descrevendo o regime feudal e os progressos do individualismo, acentuando o que foi o

Capitalismo nos Paises Baixos, traçando a proposito o quadro do que foi nosso «Feitoria de Flandres» e do papel que desempenharam no mundo financeiro os feitores portugueses.

Falando da génese do Capitalismo, referiu-se aos potentados financeiros da Italia e da Alemanha, ás Bolsas, aos progressos do crédito publico, ás crises financeiras, ao desenvolvimento dos bancos, á influencia preponderante do Capitalismo comercial, á doutrina catolica e calvinista acerca do juro.

Pintou, com vivas côres, as consequencias economicas dos descobrimentos dos portugueses, referindo-se ao grande comercio maritimo, aos estabelecimentos coloniais e aos progressos do Capitalismo, no seculo XVI.

Passando ao seculo XVII, descreveu o que foi o Capitalismo comercial e financeiro, especialmente pela preponderancia da Holanda, á custa da decadencia comercial da America.

Passando ao seculo XVIII, aludiu á preponderancia maritima e á expansão comercial de Inglaterra, narrando o que foi o pacto colonial na Espanha e na Inglaterra e, depois de descrever os efeitos da tecnica, da concentração industrial e da introdução dos maquinismos, falou do despertar do regime capitalista, no seculo XVIII, auxiliado pela transformação dos meios de comunicação.

Mostrou a influencia do Capitalismo na propriedade predial e no regime agrario; as relações dele com a abolição da escavatura, a sua influencia sobr as transformações das classes operarias, descrevendo como o Capitalismo substituiu as distinções economicas ás distinções juridicas.

Para se compreender o caracter do capitalismo contemporaneo é indispensavel estudar, não apenas o capital em função do trabalho, mas tambem a acção do Capitalismo nos diversos fenomenos de ordem politica, de ordem intelectual, de ordem religiosa, bem como a reacção desses fenomenos nas novas formas da organização economica.

Recordou na 2.ª conferencia a lição util que deram os homens dos seculos XVI e XVII, preparando a passagem da civilização limitada da Idade Média para a civilização de expansão material, caracteristica dos tempos modernos.

A evolução do Capitalismo assinalou-se por uma transformação paralela dos fins e os meios da actividade economica, como se reconhece pelas obras publicadas a tal respeito, nomeadamente as de Sombart, das quais deu larga ideia especialmente sob o aspecto da concentração capitalista.

A dinamica do capitalismo é uma concepção admiravel, tendo por base a noção do consumo, da circulação e da produção. Aludiu á Moda, que constitui hoje uma verdadeira necessidade, a que se não pode ser superior. E que dizer dos «cartels» e dos «trusts», originados muitas vezes pela necessidade e para pôr termo a situações dificeis, ou destinados a aproveitar periodos favoraveis.

As sociedades anonimas têm realizado verdadeiros prodigios e os abusos delas não podem ser levados á conta de falta de préstimo.

Tem sido com o auxilio de mecanismo e de Capitalismo que pessoas de origem modesta têm podido, tanto no dominio politico e cientifico, como no economico, a triunfar hoje, mais do que outrora, atingindo altas situações.

Traçou o quadro da luta entre o trabalho domestico e o trabalho feminino nas oficinas e assinalou o movimento de concentração dos estabelecimentos industriais e comerciais, referindo-se especialmente á concentração bancaria, seguindo as doutrinas de Riesser.

O professor Bento Carqueja

(Visto por Teixeira Cabral)

E' certo que a introdução de métodos cientificos na direcção das empresas produziu a «deshumanização destas e a sua «condensação».

Traçou um largo quadro das causas economicas, sociais, orçamentais e politicas dos diversos aspectos do organismo capitalista, após a Guerra, referindo-se pormenorizadamente a cada uma destas causas. Já antes da Guerra, o Capitalismo sofria da omnipotencia dos «cartels», o movimento tem-se acentuado. Na Alemanha, a produção sindicou-se nas proporções de 96,3 0/0 na potassa, 94,3 0/0 nas minas em geral, 94,5 0/0 na linhite, 90,1 0/0 na antracite, 86,9 0/0 na electricidade e 85 0/0 na grande metalurgia do ferro.

Isto constituiu o principal fermento da vida capitalista, provocando o chamado «capitalismo tardio».

Analisou a atitude dos chefes de empresas, apontando a opinião de Eckert de que existe um enfraquecimento do desejo de ganho, produzindo tanto na Europa como na America e na Asia; em todo o caso, a base do Capitalismo permanece a mesma, e sólida; na Alemanha, deixou de haver a era dos directores «gerais»; o tipo do empresario modificou-se, reclamando grande habilidade para os negocios, um certo talento de orador, largas concepções do conjunto, etc.

Tem de reconhecer-se que estamos no coração do Capitalismo, o que basta para o legitimar.

O orador descreve a posição actual dos empresarios industrias, conquistada á custa de contrariedades sem conta. Os antigos chefes de empresas tiveram de vencer dificuldades que não conheciam, pelo menos com tal intensidade; os novos chefes foram vitimas do seu espirito ardente, ultra-especulativo mas entre mortos e feridos muitos foram socorridos, a tempo, para os não deixar morrer.

A função do Estado tornou-se muito mais activa; interveio para defender e organizar interesses ameaçados, tais como os resultantes da limitação da concorrencia entre produtores, os da salvação de bancos e outros estabelecimentos de crédito importantes. A protecção aduaneira tem sido tambem muito acentuada, para vencer a concorrencia estrangeira.

Passando a considerar questões relativas á estrutura do Capitalismo, referiu-se especialmente ás do capital-dinheiro, capital-objectos, mão de obra e mercados, mostrando que o problema monetario é dominado pelo problema do oiro e afirmando ser preciso extrair mais oiro. E', sem duvida, uma situação dificil, em virtude do desenvolvimento do crédito e da influencia dos processos aperfeiçoados do pagamento. Em todo o caso, a afluencia do oiro a certos países, como os Estados Unidos, deve considerar-se um mal.

Durante os anos que se seguiram á paz, os economistas concentraram a sua atenção nos principios de estabilização da moeda; para defender a paridade, é preciso, porém, que a situação não seja muito desfavoravel, sob o ponto de vista do balanço das contas.

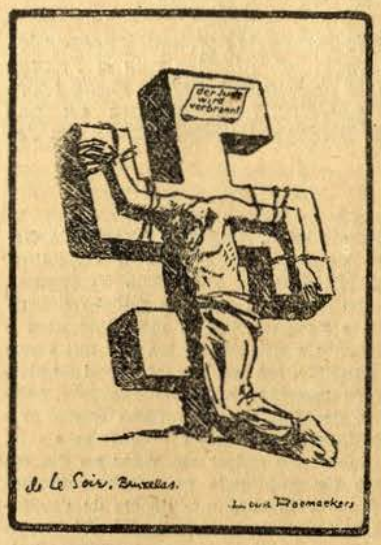
Concluiu, afirmando que se está em presença de um periodo de transição em materia de Capitalismo; que ha muitas questões a resolver; mas que essas questões hão de ser solucionadas dentro dos principios que a ciencia das Finanças tem estabelecido e que serão examinados numa terceira prelecção.

Muito aplaudido e cumprimentado no final, o sr. professor Bento Carqueja que fará a sua 3.ª lição no proximo mês.

* * *

Em *O Primeiro de Janeiro* Marques Guedes vem publicando *A Democracia e a sua crise*. E' a historia politica da Europa dos nossos tempos, sintetica e clara, numa serie de artigos que são notaveis; no *Diario de Noticias* de 24 Antonio Ferro publica uma entrevista com Manuel Azaña «o democrata violento» e no de 30, no mesmo jornal, Armando Boaventura com Alexandre Kerensky em Madrid. No dia 17, pela pena do seu redactor em Bruxelas, Louis Frank diz numa entrevista que «A primeira condição para extinguir a crise mundial é restabelecer a ordem nas finanças publicas e o equilibrio na produção agricola e industrial».

b) Politica internacional



O JUDEU SERÁ CRUCIFICADO!

(Desenho de Raemeckis, publicado no *De Telegraal* de Amsterdam)

O que sobrenadou do mês de abril internacional foi a guerra aos judeus na Alemanha, que deu lugar a muitos assassinatos, perseguições a que o famoso Einstein fosse professorar para França, a tanta cousa contra o pensar das gentes de hoje que mais se diria termos voltado ao tempo medieval. O gesto infeli. da Alemanha deu lugar a represalias economicas da Inglaterra, país de liberdades e da America, país de negocios.

O julgamento dos engenheiros ingleses inculpados pela G. P. U. prendeu muito tempo a atenção do publico, mas o perigo foi sabiamente afastado pelos *soviets* com penas minimas ou absolvições dos incriminados.

Tambem os Estados Unidos terem abandonado o estalão-ouro perturbou o mundo que logo se refez do susto. E terem 22 dos Estados que compõem a grande America abandonado no dia 6 a lei secca, foi um grande triunfo de Roosevelt. Se Lesseps cortou Suez e teve ideia de cortar o Panamá, Roosevelt abriu as comportas que barravam um Oceano de cerveja que dizem foi o que beberam os Americanos para festejar a morte da lei.

As conversas perleminares da Conferencia Economica a que foram MacDonald e Herriot tambem fixaram a atenção do mundo. Em Avignon abriu a 15 o Congresso Socialista francês sob a presidencia de Cluchier, Getulio Vargas fez as eleições e sofreu um desastre, François Marsal antigo chefe do governo francês está acusado do desfalque de 400.000 libras num *trust*, a guerra continua na America, na China onde os japoneses progridem,

Sanchez del Cerro, coronel e presidente do Peru, foi assassinado a tiro. Ambições, guerras, crimes, morticinios perseguições é a ordem do dia. E o terrivel ponto de interrogação permanece sem resposta. A temivel symbolização da *Guerra* de Durer ameaça o mundo.

A França puxa para a Paz. A Alemanha quere a guerra. A Italia arma-se e ameaça, por si só, pôr o mundo em movimento. A Austria quer ser alemã? A colonia pode sustar um choque germano-russo ou russo-germano? Quer a Alemanha num futuro mais ou menos proximo expandir-se para o lado dos *soviets?*

A crise será jugulada ou ficará ainda a Europa estrangulada por ela e pela augustia que consigo deflagra e propaga? São enigmas e muitos haveria ainda a pôr, que nos parecem de dificil resolução.

Terá tambem a Europa a serenidade para resolver esses problemas calma e serenamente, evitando dredonaughts e zepelins, gazes, canhões, tanks e baterias? O Futuro o dirá. Nós temos agora a França que elevou ao dobro a taxa aduaneira dos nossos vinhos. Entretanto Pio XI inaugurou solenemente o Ano Santo, lançando a sua benção ao mund que não sabemos o que fará para a não merecer.

★ ★ ★

CONFERENCIAS—No dia 6, na Universidade Popular Portuguesa, os srs. drs. Filipe Ferreira e Leitão e Silva sôbre *Economia politica;* no dia 7, na Universidade Popular Portuguesa, o sr. dr. Marques Guedes, a 5.ª conferencia da serie *Grandes figuras morais contemporaneas*, dissertando sôbre Wilson, a paz precaria de Versailles, os 14 pontos, problemas criados pelo tratado, a S. D. N., e o reconhecimento pela figura do idealista que traçou o esquema, não compreendido, da Paz; no dia 9, no Porto, o militante operario e jornalista sr. Joaquim Silva, sôbre a *Delegação operaria á Confederação Internacional do Trabalho, em Genebra.*

O JUDEU NA CRUZ

(Desenho de Raemeckrs, puproduzido na *Republica* de Lisboa)

NECROLOGIA:—No dia 17 faleceu na Baía o dr. Vital Soares, vice presidente eleito do Brasil em 1930.

—No dia 2 em Jammagar o maharajá Jam Sahib de Nawanagar e em Londres Lord Chelmsford, vice-rei da India de 1916 a 1922; no dia 10 o escritor e politico espanhol Marquez de Villa Urrutia, em Madrid; em 24 o Barão von Schoen que foi embaixador alemão em Paris a quando da declaração de guerra.

BIBLIOGRAFIA:—*Politica internacional*—Henrique Baptista—*A Russia Bolchevista.*

Economia politica—A. Filomeno Lourenço—*Principios de Economia politica;* Alvaro Reis Gomes—*Mutualismo.*

LIVROS FRANCESES — Corteano — *L'E'volution de l'E'tat.* (Estudo das leis psicológicas da vida social e economica), 20 francos; Maurice Druesne—*Les problémes économiques modernes et la technocratie*, 12 francos; Joannes Haessle—*Le Travail*, 20 francos.

Trotabas — *La Responsabilité de l'Etat en Droit interna*, 2,50 frs.; — *Qu'est ce que le régime parlementaire*, 6 frs.; Francesco Niti — La Démocratie, 2 vols.; 75 frs.; Etienne Fournol — *Manuel de Politique Française*, 12 frs.; Dreux — *Le Cadastre et l'impôt foncier*, 40 frs.; Berdiaeff — Problème du Communisme, 10 frs.

A ARTE NA ALEMANHA HITLERIANA

A pintura *A musica* *A dansa* *A poesia*

(Do *Ceske Slovo*, de Praga rep. no *Lu* de 34)

c) Economia nacional: A vida do Estado

a) Politica interna. Governo e administração publica e civil. Funcionalismo

O mês politico foi sem duvida um dos mais importantes da vida do Estado. Votou-se a Constituição, promulgaram-se importantes decretos, fizeram-se discursos contendo afirmações peremptorias de orientação politica. O primeiro navio da nossa moderna esquadra entrou no Tejo entre aclamações festivas, regressa ouro aos cofres do Banco de Portugal e responde-se dignamente á elevação de direitos que a França entendeu por bem fazer aos nossos vinhos. Estão coordenadas, por coesão perfeita, as directrizes da politica encetada com a Ditadura entrada agora em regime constitucional.

A Constituição

As fases e alterações no regime constitucional português podem concretizar-se assim:

Primeira Constituição — Votada em Côrtes em 22 de setembro de 1822 (após a revolução de 20). Durou nesta fase até 31 de maio de 1823. Depois, absolutismo.

Segunda Constituição ou Carta Constitucional—Doada por D. Pedro IV, em 29 de abril de 1826. Durou até 6 de maio de 1828. (D. Miguel). Foi a Carta restabelecida em 24 de julho de 1833 pela entrada das tropas liberais em Lisboa. Durou cêrca de ano e meio.

Primeira Constituição de 20 (a votada em 1822 foi novamente posta em vigor em 10 de setembro de 1836, foi suspensa praticamente e recomeçou em pleno exercicio em 1838.

Segunda Constituição ou Carta Constitucional—Foi novamente lei em 9 de fevereiro de 1842.

Acto adicional (Saldanha)—Julho de 1852, modificou um pouco a Carta.

Modificação da Carta Constitucional—24 de julho de 1885, (ministerio Fontes).

Carta Constitucional—3 de abril de 1896 restaurou-se conforme a doação de D. Pedro IV. A Carta Constitucional, com a interpretação pratica da ditadura franquista, durou até á proclamação da Republica.

Primeira Constituição da Republica—18 de agosto de 1911, votada em Camaras Constituintes. Com suspensões praticas de exercicio por motivo do golpe de Pimenta de Castro (23 de janeiro de 1915), e depois pela revolução de Sidonio Pais (8 de dezembro de 1917) foi suspensa definitivamente em 28 de maio de 1926 pela proclamação da Ditadura.

Nova Constituição da Republica (aprovada em plebiscito)—12 de abril de 1933.

(Do *«Diario de Lisboa»* de 11 de abril).

★ ★ ★

No dia 9 reuniu no Ministério do Interior a Comissão encarregada do apuramento dos resultados do plebiscito, e que constam da seguinte acta publicada no *Diário do Govêrno:*

«Aos nove dias do mês de Abril de 1933, na Sala do Conselho de Ministros do Ministério do Interior, teve a sua reunião final a assembleia geral de apuramento dos resultados do plebiscito nacional de 19 de Março de 1933, sôbre a Constituição Politica da Republica Portuguesa, assembleia que é constituida nos termos do artigo 16.º e § unico do decreto-lei n.º 22:229, de 21 de Fevereiro de 1933, pelo conselheiro presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Eduardo Augusto de Sousa Monteiro, como presidente; pelo procurador geral da Republica, Francisco Henrique Góois; e director geral da Administração Politica e Civil do Ministério do Interior, José Martinho Simões, como secretários; pelo desembargador do Tribunal da Relação de Lisboa, Alfredo Anibal de Morais Campilho; e ajudante do procurador da Republica junto da mesma Relação, Antonio Nunes Rica, como escrutinadores.

«E, estando todos presentes, passaram a examinar os documentos relativos ao plebiscito, verificando haver actas e comunicações telegráficas relativas a todo o continente e ilhas adjacentes e ás colónias de S. Tomé e India, nenhuma comunicação havendo relativamente ás colónias de Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, Macau e Timor.

«Em seguida, verificou, pelas actas e comunicações, não haver reclamações, constatando, no entanto, divergencias em algumas actas que a assembleia, constituida em comissão, resolveu no acórdão preparatório do apuramento geral que vai apenso a esta acta e dela fica fazendo parte integrante para todos os efeitos legais.

«Em seguida, procedeu-se á contagem geral, obtendo-se os resultados seguintes:

1.º — Numero de eleitores inscritos em todo o continente, ilhas adjacentes e colónias, um milhão trezentos e trinta mil duzentos e cinquenta e oito;

2.º — Numero de votos que aprovaram o projecto de Constituição politica da Republica Portuguesa, um milhão, duzentos e noventa e dois mil, oitocentos e sessenta e quatro.

3.º — Numero de votos que reprovaram o mesmo projecto, seis mil cento e noventa;

4.º — Numero de votos nulos, seiscentos e sessenta e seis;

5.º — Numero de eleitores que não intervieram no plebiscito ou relativamente aos quais, faltam comunicações, trinta mil quinhentos e trinta e oito.

«Em face dos numeros obtidos e de harmonia com o artigo 4.º do citado decreto-lei n.º 22.229, a Assembleia Geral de Apuramento deu a Constituição Politica da Republica Portuguesa como aprovada por um milhão duzentos e noventa e dois mil oitocentos e sessenta e quatro, contra seis mil cento e noventa, em um numero total de eleitores inscritos no recenseamento politico de 1932, de um milhão trezentos e trinta mil duzentos e cinquenta e oito.

«Devendo entrar em vigor no dia em que fôr publicada no «Diário do Govêrno» esta acta que depois de devidamente assinada e rubricada será arquivada na secretaria do Supremo Tribunal de Justiça, dela se extraindo duas cópias também devidamente assinadas e rubricadas, das quais uma será enviada á direcção geral de Administração Politica e Civil do Ministerio do Interior e outra á secretaria do Congresso da Republica para ali ficarem arquivadas e mais uma cópia devidamente assinada, para ser publicada na integra, na primeira série do «Diário do Govêrno».

«E nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos da Assembleia Geral de apuramento dos resultados do plebiscito nacional de 19 de Março de 1933, sôbre a Constituição Politica da Republica Portuguesa.

«Sala do Conselho de Ministros do Ministério do Interior, em 9 de Abril de 1933». — (Seguem-se as assinaturas).

★ ★ ★

Votada a constituição, e entrado num regime constitucional o sr. dr. Oliveira Salazar reuniu o ultimo conselho no dia 11, tendo ido nesse mesmo dia apresentar a demissão do seu ministerio sendo imediatamente encarregado de formar o novo gabinete. Este ficou constituido: *Presidente do Conselho e Ministro das Finanças* dr. Oliveira Salazar; *Ministro do Interior*, dr. Albino dos Reis; *Ministro da Justiça e dos Cultos*, dr. Manuel Rodrigues; *Ministro da Guerra*, Major Luiz Alberto de Oliveira; *Ministro da Marinha*, comandante Mesquita Guimarães, *Ministro dos Estrangeiros*, dr. Caeiro da Mata, *Ministro das Obras Publicas e Comunicações*, Engenheiro Duarte Pacheco; *Ministro das Colonias*, dr. Armindo Monteiro; *Ministro da Instrução Publica*, dr. Gustavo Cordeiro Ramos; *Ministro da Agricultura, Comercio e Industria*, Engenheiro Sebastião Ramires. Sub-secretarios: *Das Finanças:* dr. Aguedo de Oli-

veira; *Da Agricultura:* Agronomo Leovegildo de Sousa; *Das Corporações e Presidencia:* dr. Teotonio Pereira. A posse teve lugar no Palacio de Belem. Do Ministerio anterior saíram o general Daniel de Sousa e dr. Cesar Mendes respectivamente Ministros da Guerra e dos Negocios Estrangeiros. São novos Ministros o dr. Caeiro da Mata, reitor e professor de Direito da Universidade de Lisboa, autor de varios tratados da especialidade, socio efectivo da Academia das Ciencias, director do Banco de Portugal, Presidente do Conselho Superior de Instrução Publica etc.

O major Luiz Alberto de Oliveira era o comandante do batalhão de caçadores 5. Esteve em Africa e no C. E. P., possui varias medalhas entre elas a cruz de guerra.

O lugar de sub-secretario de Estado das Corporações e Previdencia Social foi criado por decreto que saiu no dia 11. Ficam sob a sua superintendencia «o Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios e de Previdencia Social e todos os assuntos que respeitem a corporações e outras instituições de trabalho».

O dr. Oliveira Salazar, chefe do novo governo, completou no dia 28 5 anos de governo. Comemorando o facto o *Jornal do Comércio e das Colonias* de 18 publicava um artigo onde ha dados curiosos e onde por onde se vê que o sr. dr. Oliveira Salazar é, nos ultimos cem anos, o estadista que mais tempo tem detido, ininterruptamente, a pasta das Finanças, como se verifica do seguinte quadro onde se apontam os titulares daquela pasta que mais tempo detiveram o Poder, considerado o limite minimo de dois anos:

Duque de Avila (1857-59) 2 anos.
Dr. Afonso Costa (1915-17) 2 anos e 8 dias.
Fontes P. de Melo (1865-68) 2 anos e 4 meses.
Hintze Ribeiro (1883-86) 2 anos e 4 meses.
Silva Carvalho (1832-35) 2 anos e 5 meses.
Conde de Valbom (1862-65) 3 anos.
M. de Carvalho (1886-89) 3 anos.
Hintze Ribeiro (1893-97) 3 anos e 1 mês.
Barão do Tojal (1842-46) 4 anos e 3 meses.
Antonio de Serpa (1872-77) 4 anos e 4 meses.
Fontes (1851-56) 4 anos e 9 meses.
Dr. Oliveira Salazar (1928-33) 5 anos.

Devemos observar que Fontes Pereira de Melo somou, das quatro vezes que foi ministro, 9 anos e 11 meses de exercicio e o Duque de Avila, nas seis vezes, 6 anos e 7 meses.

Os cinco anos de gerencia do sr. dr. Oliveira Salazar correspondem ao Governo sem solução de continuidade.

Já agora, e para que se verifique um contraste frisante e elucidativo, acentuemos que, em igual periodo de tempo, e em regime parlamentar, 1920-24 se verificaram 23 gerencias e 19 ministros cujos nomes damos a seguir, mencionando o tempo que alguns deles se mantiveram na gerencia da mesma pasta:

1920:
Antonio Maria da Silva (18 dias).
Antonio da Fonseca (46 dias).
Francisco Pina Lopes (109 dias).
Antonio Maria da Silva—2.ª vez (21 dias).
Inocencio Camacho (56 dias).
Antonio Granjo (64 dias).
Cunha Leal (93 dias).
1921:
Liberato Pinto (8 dias).
Antonio Maria da Silva (82 dias).
Tomé de Barros Queiroz (96 dias).
Antonio Vicente Ferreira (50 dias).
Francisco Antonio Correia (16 dias).
Francisco Peres Trancoso (41 dias).
Vitorino Guimarães (51 dias).
1922:
Albano Portugal Durão.
Eduardo Lima Bastos (20 dias).
Vitorino Guimarães (entrou o ano de 1923).
1923:
Velhinho Correia.
Queiroz Vaz Guedes (21 dias).
Cunha Leal (33 dias).
Alvaro de Castro.
1924:
Daniel Rodrigues.
Manuel Gregorio Pestana Junior.

* * *

Na Sala do Conselho do Ministerio do Interior reuniu-se em 11 do corrente, pelas 12 horas, o Conselho de Ministros para apreciar a situação politica criada pela entrada em vigor da Nova Constituição da Republica e para se pronunciar sobre alguns decretos destinados á execução do Novo Diploma Constitucional.

O senhor Presidente do Ministerio salientou a transcendente importancia politica da entrada em vigor da Constituição e o alto significado que teve o plebiscito que a aprovou, pelas condições de ordem e legalidade em que decorreu e pela grande percentagem de votos expressos a seu favor e declarou que com tal facto entendia ter o Governo terminado a sua missão politica, devendo por isso apresentar a sua Ex.ª o senhor Presidente da Republica a sua demissão.

O Conselho, por unanimidade perfilhou o modo de ver do senhor Presidente do Ministerio, ficando resolvido que o senhor dr. Oliveira Salazar apresentasse a Sua Ex.ª o Presidente da Republica a demisão do Governo.

O Conselho aprovou os importantes diplomas relativos a:

1.º Acto colonial;
2.º Organização do Conselho de Estado;
3.º Direito de reunião;
4.º Censura;
5.º Prazos de vigencia das leis e novas formulas oficiais;
6.º Casa Militar de Sua Ex.ª o senhor Presidente da Republica.

* * *

No jornal *Republica* do dia 12 arquiva-se uma entrevista com o escritor Bourbon e Meneses sobre a sua irradiação do Partido Socialista; no *Diario da Manhã* de 20, Antonio Ferro declara que *Se um Estado Novo cria um pleno geral de renascimento não poderá esquecer que para renovar a mentalidade de um povo é necessario, conjuntamente, renovar-lhe a sensibilidade!;* o *Diario de Lisboa* de 14 publica um artigo *Ha cinco anos. O mandato presidencial do sr. general Carmona terminaria amanhã, se a Constituição não a tivesse prorrogado.*

NECROLOGIA—No dia 2 faleceu em Angra do Heroismo o capitão Domingos Borges, governador civil; no dia 18, em Lisboa, o conselheiro Domingos Eusebio da Fonseca, director geral aposentado e antigo deputado.

No dia 17 devia efectuar-se a trasladação dos restos mortais do antigo ministro do trabalho Augusto Dias da Silva. Não se efectuou por ainda estar incorrupto.

—A duquesa do Porto sr.ª D. Nevada de Bragança esteve no dia 2 em Lisboa onde chegou a bordo do *Vulcania* a visitar os restos mortais de seu marido o infante D. Afonso. Seguiu viagem para Cannes.

—No dia 21 passou o 42.º aniversario da morte de Elias Garcia. Agostinho Fortes evoca a figura do velho republicano no *Diario de Lisboa* de 21 e num artigo de fundo do *Diario de Noticias* da mesmo dia. No dia 7 passou o 12.º aniversario do falecimento de Alexandre Braga.

A Paz—Impossivel de abrir: fechadura francesa
Italia—Mas possivel de forçar, Martelo italiano
(Do *Il* 420, de Florença)

b) Economia e finanças,— c) A acção social. —d) Previdencia social.

BOLSA E CAMBIOS

O mês de Abril pouco tem que contar no campo da actividade bolsista. Foi um mês fraco, fraquissimo mesmo em transacções sobre papeis de crédito.

Excepção feita dos fundos do Estado e de dois ou três papeis particulares chamados de especulação, o publico desinteressa-se da bolsa. A crise economica e os exemplos provados de má administração tornaram o pequeno capitalista ceptico e medroso. Nas actuais circunstancias, a instituição oficial duma eficaz fiscalização do anonimato poderia talvez fazer voltar a confiança e concorrer grandemente para deminuir a apatia nos negocios desta natureza.

Na categoria dos fundos do Estado houve de notavel a subida do 6 ½ 0/0 Consolidação, em que houve maior numero de transacções e contratos de maior vulto. Os Externos e o Rácico cairam levemente. Os Portos e as Inscrições mantiveram-se. Mas quasi todos apresentavam tendencia frouxa ao terminar o mês.

Nas transacções sobre acções bancárias o publico deu preferencia ao papel do Banco de Portugal, que caiu ao principio mas voltou novamente a firmar-se. O Comercial e o Lisboa & Açores mantiveram-se e o Ultramarino caiu ligeiramente.

Nas categorias de algodões, caminhos de ferro, seguros e coloniais o movimento foi insignificante e as cotações mantiveram-se em regra sem interesse.

Foi na categoria das *Companhias Diversas* que se notou alguma animação sobre papeis não estaduais. Esta animação foi, em todo o caso, fraquissima se atendermos a que das 41 especies desta categoria apenas se efectuaram operações sobre 18 e dentre estas algumas foram cotadas apenas uma, duas ou três vezes.

Merece especial referencia o Gás e Electricidade, que teve uma alta apreciavel e grande numero de transacções. Vem depois a Portuguesa de Tabacos, que tambem subiu, a Portugal e Colonias, que se manteve, as Aguas de Lisboa com ligeira alta e os Cimentos de Leiria com uma alta notabilissima, que tombou no ultimo dia do mês.

Isto quanto a acções.

Quanto a obrigações, citaremos as transacções sobre Benguelas, que tiveram uma queda formidavel devido aos boatos correntes sobre a sua proxima conversão em acções da Tanganika. Porém no ultimo dia do mês recuperaram o valor do primeiro dia. Todas as restantes se mantiveram ou manifestaram ligeiras subidas.

Os fundos brasileiros tiveram fraca procura e cairam todos levemente. Como de costume, houve preferencia pelo Porto-Rio e pelo Funding de 1914. Tambem se cotaram os 5 0/0 de 1895 e 1913, mas o numero de transacções foi insignificante.

Sobre cambios, passou-se no mês de Abril um facto da maxima transcendencia, que veio lançar maior confusão e desordem no campo, já tão confuso e desordenado, das cotações monetarias internacionais. Foi o facto dos Estados Unidos anunciarem o abandono do estalão ouro ou, o que tanto importa, o recurso á inflação.

Este ano de 1933, que um especialista estrangeiro ousou já classificar de «ano da inflação», pode, de facto trazer-nos grandes surpresas monetárias, caso a tão reclamada Conferencia Economica Internacional nada consiga fazer sobre o assunto. Efectivamente, continuando a crescer as barreiras aduaneiras, as restrições sobre divisas e os *deficits* orçamentais, mal se compreende por que meios se hãode livrar os governos dos grandes Estados do flagelo inflacionista que os ameaça.

Felizmente que Portugal disfruta, sob este ponto de vista, uma situação privilegiadissima, que lhe resulta do equilibrio do seu orçamento e da tendencia, cada vez mais acentuada, para o equilibrio da sua balança de pagamentos internacionais.

Mas vamos ao que mais importa.

Ao principiar o mês de Abril, o dolar, que tinha saido mal ferido do interregno ou feriado bancário norte-americano de março, chegou a mostrar uma certa firmeza, em que, no fundo, ninguem acreditou. E lá foi singrando entre pequenas altas e baixas até que, a partir do dia 18, com as noticias inflacionistas vindas de Nova York, se deu a queda quasi vertical que alarmou os mercados de todo o Mundo..

Com o dolar cairam as moedas de quasi todos os paises e até o proprio franco caiu tambem.

Mantiveram-se apenas a libra e as moedas que a acompanham, como sucede com o nosso escudo.

Depois, a partir do dia 22, em consequencia das conversações internacionais de Nova York, o dolar reagiu um pouco e o franco francês voltou facilmente ao ponto de partida em virtude das declarações peremptorias feitas em Paris de que a França não abandonaria o padrão ouro.

Como nota final poderemos dizer que ao findar o mês de Abril havia muito quem acreditasse na alta do franco, pouquissimos que acreditavam na estabilidade do dolar e que a todos os espiritos parecia ter voltado a ideia de que a libra, não sendo a mais forte, é, contudo, a moeda mais equilibrada do Mundo.

JOÃO MARQUES PEREIRA

Ouro português

Pelo vapor *Vulcania* chegaram no dia 1 da America do Norte, em 14 barricas, 96 barras de ouro com o peso de quasi 1 tonelada e no valor de 601.000 dolares. Foi adquirido antes da moratoria bancaria e do embargo á saida de ouro dos E. Unidos, e escoltado por praças da G. N. R. deu entrada nos cofres do Banco. No dia 5 chegaram tambem no *Highland Chieftain* 200 barras de ouro fino com o peso de 12.500 gr. cada que foi para Inglaterra em 13 de março, para refinar.

No dia 11 regressaram a Lisboa no *Almanzora*, vindas de Inglaterra, 143 barras de ouro fino com o peso de 12,5 cada e o peso total de 1.800 kg. Fazem parte da remessa de 13 de Março, que se acha toda já nos cofres do Banco de Portugal.

BIBLIOGRAFIA—Dr. Antonio de Oliveira Salazar—*Conceitos economicos e sociais da nova constituição (Separata das Cadernos corporativos)*; Serafim Martins—*Salazarismo—I Pedras de constituição.*

O *Bulletin mensuel de Statistique* da Sociedade das Nações apresenta melhoramentos nos numeros de Janeiro para cá. Interessa a todos pelas notas sôbre o mundo inteiro.

Mutualismo

No dia 3 esteve no Ministério das Finanças uma comisão para entregar ao sr. dr. Oliveira Salazar as conclusões a que chegou a «Semana do Mutualismo», da iniciativa do jornal *O Seculo*. São as seguintes:

«1.º — Obrigatoriedade de inscrição nas associações de socorros mutuos, fixando-se que os estabelecimentos, seja qual fôr a sua índole, e desde que mantenham um certo numero de empregados, não os admitam sem que se faça prova da sua inscrição na mutualidade.

2.º — Isenção de todos os impostos e contribuições, num sentido efectivo, de harmonia com o que preceitua o artigo 19.º do decreto n.º 19:281, de 29 de

Janeiro de 1931, o que se tornará extensivo á cobrança de 5 por cento no imposto de sucessão e doação, como se especifica na alínea *d)* do § 3.º do artigo 2.º do decreto n.º 19:405, de 15 de Novembro de 1930.

4.º — Desenvolvimento intenso das mutualidades escolares, dando-lhes o máximo de atribuições e generalizando-as proficientemente.

4.º — Reorganização dos tribunais mutualistas, fazendo com que a sua acção seja o mais possivel eficaz, justa e benéfica.

5.º — Fiscalização constante e promulgação de medidas atinentes á manutenção de higiene dos locais de trabalho, obedecendo o alojamento urbano ás mais modernas leis de higiene, o que virá atenuar os encargos dos cofres associativos, não só na acção particular, como dentro da orbita do Estado.»

O sr. dr. Aguedo de Oliveira, que a recebeu, prometeu transmitir ao sr. Ministro o desejo das Associações de Socorros Mutuos.

LOTARIAS

OS MAIORES PREMIOS DO MÊS

Dia	400 contos	40 contos	10 contos
1	1808	5802	9147
8	5472	8858	4688
15	3493	7718	3270
22	5353	9023	5516
29	6753	8497	8893

e) Pedagogia e educação. — f) Higiene e Sanidade.

No *Diario da Manhã* de 28, saiu a tradução um artigo de M. A. Thibaudet publicado no *Jornal de Genève* sobre a Universidade de Coimbra.

— O n.º 21, de 5 de Abril, de *A Escola Primária*, é quási todo consagrado á Reforma dos serviços administrativos de Instrução Primária, decreto n.º 22.369, que publica na integra. O n.º 22 traz um artigo de critica e comentários ás conferencias pedagógicas ultimamente realizadas.

—No dia 2 foram distribuidas as primeiras 62 bengalas brancas aos cegos, no Asilo Antonio Feliciano de Castilho. Foi uma cerimonia enternecedora. A bengala branca é obrigatoria para os cegos. A primeira bengala distribuida pertence a João da Silva, cego por acidente de trabalho, que se apresentou a recebe-la acompanhado de seu neto.

BIBLIOGRAFIA—Hipolyte Ducos — *Qual é a razão da Escola Unica?;* Mario de Oliveira—*A Escola Unica.* Belfon — *La Mémoire.* (Estudo psicopedagógico), 4 frs.; Jagot — *Psychologie de l'amour, l'instinct, la sensibilité, l'imagination,* 12 francos.

CONFERENCIAS—No dia 1, na sede da Construção Civil de Palma, o sr. Mario Portocarrero Casimiro, sôbre *Instrução e educação popular.* Tratou do ensino primario nos paises escandinavos, na Belgica, na França e na Inglaterra, da instrução e educação popular na Russia, e da obra da Universidade Livre; na festa de despedida dos alunos do 7.º ano do Liceu de Camões, pelo aluno Marques Matias, sôbre *Ritmos romanticos;* no Salão do *Seculo,* o prof. Sousa Carvalho, sôbre *A evolução da ortofonia e a sua importancia pedagogico-social.* Tratou dos defeitos da voz e da palavra na antiguidade classica, falou dos tratamentos medico-cirurgicos, lembrou o nome do dr. A. A. da Costa Ferreira e das tentativas feitas a favor da causa, dá o resumo de tudo o feito e termina com uma prolongada salva de palmas. Projectou-se um filme; no dia 4, no Sport Club do Porto, Porto, o dr. Leonardo Coimbra, sôbre *Valor e significado da cultura,* e no dia 5, no mesmo club, o dr. Simões da Costa, sôbre *O problema da origem da terra.*

NECROLOGIA—No dia 8 faleceu no Porto o engenheiro sr. Manso Calado, professor da Escola Industrial Faria Guimarães, vitima de uma queda da escada onde se encontrava uma maquina de projecção. A morte foi devida a fractura de craneo. Fora combatente da Grande Guerra como tenente de Artelharia Pesada, tomara parte no 9 de abril, contava 41 anos e era casado. No dia 27 de um desastre de camionete o engenheiro Julio Vieira da Silva Pinto, antigo professor do Instituto Superior Tecnico de Lisboa. Em Lausanne faleceu o dr. Julio Picard, catedratico da Universidade de Basilica que durante 40 anos regeu a cadeira de Quimica. Era pai do sabio Augusto Picard.

g) Ciencias militares. A guerra e a ciencia da guerra.

A guerra e a arte da guerra

Vem aí a guerra

Dia por dia, os telegramas, vindos de todos os recantos do mundo lembram-nos espessas nuvens que pouco a pouco, ennegrecessem a atmosfera, trocando o azul limpido dos festivos dias de sol pelo ambiente pesado, asfixiante, que precede o deflagrar das tormentas.. Vem aí a guerra? Esta interrogação, impressa em jornais e publicações dos mais diversos paises, criou uma depressão colectiva que muito recorda os grandes medos da Idade-Media—instintivos panicos sem causa, provindos de misteriosas reacções psiquicas do povo que, nas trevas, via fantasmas temerosos e, nos deuses das cate-[illegible], juizes inexoraveis.

Vem aí a guerra?

Os negocios decorrem incertamente, a actividade economica estagna-se e a suprema incerteza de uma Humanidade sem horizontes esclarecidos nem rumo certo não é a menor das causas deste desentrelaçamento da cadeia do trabalho, anel por anel ligada, fundida fortificada pelo suor, pela tenacidade, pelo desejo de bem fazer das gerações passadas, as quais viveram num mundo de certezas e de verdades em cuja imutabilidade acreditavam.

Uma vez mais:—Vem ai a guerra?

Lloyd George, politico veterano, arguto adivinho do xadrez internacional, declarou em Sheffield, durante a trigesima reunião anual do conselho nacional das igrejas livres evangelicas, «que todas as nações, presentemente, marcham para o campo de batalha».

—A situação é muito grave, sendo inutil quanto se faça para o dissimular. Os acontecimentos dos derradeiros meses representam serios revés no caminho do desarmamento. Este é o significado da guerra sino-japonesa e o do que se passa na Alemanha. Não devemos condenar na orientação da guerra e na preparação da paz. Permitam-me, pois, que diga umas palavras acêrca do tratado de Versailles. Nele incluimos clausulas relativas ao desarmamento dos alemães e quebramos as suas espingardas, destruimos aos milhares as suas metralhadoras. Depois de despojarmos a Alemanha dos seus armamentos dissemos-lhe:—nós desarmaremos uma vez feito o vosso desarmamento... Nenhum dos paises que assinou este compromisso o executou. A Alemanha mostrou-se paciente. Tudo que o tratado exigia foi por ela executado na sua letra e no seu espirito até ao dia em que aqueles que o impuzeram foram os proprios que o violaram.

As palavras de Lloyd George são exactas, em grande parte. Noutra discutiveis. Mas o que nelas há de aterradoramente verdadeiro é que «as nações, presentemente, marcham para o campo de batalha». Em que confiamos? Uma só esperança resta:—a fadiga daqueles que viveram a guerra de 1914 e conhecem a sua dolorosa realidade. Mas já outras gerações marcham atrás dos veteranos da grande conflagração e, romantizando com a sua juvenil fantasia a guerra sem grandeza nem nobreza das lobregas trincheiras, recairão na eterna contradição

humana:—glorificar a vida através da Morte.

Ct.e Amédée Tosti — *L'Italie dans la Guerre mondiale* (1915-1918), 32 frs.; Bruce Lockhartn—*Mémoires d'un agent britannique en Russie* (1912-1928), 25 frs.; Hosono — *Histoire du désarmement*, 50 francos.

Marinha de Guerra Portuguesa

No dia 1 entrou a barra o aviso «Gonçalo Velho» que desde o dia antecedente se encontrava fundeado em Cascais.

As toldas do navio, na vespera transformadas em paiois de munições estavam já desempachadas por os explosivos vindos de Inglaterra para o ministerio da Marinha terem sido já transferidos para o Arsenal. Mar picado e ventania furiosa o que fez com que a flotilha de escolta não pudesse passar além da barra onde aguardou que o navio chegasse. Este aproado á barra em breve entrou no meio de indiscritivel entusiasmo. Centenas de barquinhos o rodeavam e as margens do Tejo tinham inumeras pessoas contemplando o cortejo. Palmas, vivas, foguetes e morteiros o ruido dos apitos e sirenes e ás 15 e 45 o navio fundeava em frente do Terreiro do Paço, depois de ter salvado á fragata «D. Fernando», onde se arvorava o pavilhão do comandante das forças navais. Foi em seguida o «Gonçalo Velho» visitado pelo ministerio, todos os ministros com excepção do das Colonias que estava doente. Com o ministerio seguiam varias personalidades em destaque. Na camara do comandante foi servido um «Porto de Honra» falando o sr. ministro da Marinha que historia o estado em que a Marinha se encontrava e as medidas tomadas para o debelar, descerrando em seguida o retrato do sr. dr. Oliveira Salazar que pronunciou o seguinte discurso:

Dois sentimentos contrarios me dominam neste momento: é preciso que tenhamos descido muito baixo, para que seja um acontecimento nacional a chegada dum pequeno navio para a marinha portuguesa; é preciso que vá já muito alto no seu caminho ascencional a reorganização do país, para que este haja saido da sua indiferença, do seu triste conformismo com todos os aviltamentos e venha saudar tão entusiasticamente a reorganização da sua gloriosa marinha de guerra. Eu não tenho, porém hoje, senão um dever—alegrar-me com todos os que se alegram, apesar de não ser susceptivel de entusiasmo exuberante, por temperamento e pela convicção de que as coisas não acontecem por acaso, mas porque se preparam e porque se merecem.

E é este o caso. Começam chegando ao Tejo ou vão sendo construidos nele os barcos da nova esquadra: é a realização do que muitos julgavam um sonho e tantos uma impossibilidade. Eu sou testemunha da longa luta do Ministerio da Marinha com esse estado de espirito de descrença, de desconfiança, de hipercriticismo doentio, que ainda vem dos velhos tempos, que tudo azeda, que tudo destrói e que ainda nada poude construir. O povo não, esse reanimou a chama da sua fé patriotica e esperou. Esperou através dos sacrificios, das restrições impostas, das contrariedades da crise, do feroz egoismo internacional, que o plano da sua reconstrução fôsse sendo executado. E quando tudo estava preparado, ele o foi nesta parte.

Este pequeno barco entra nas aguas portuguesas pago, antecipadamente pago, integralmente pago, com dinheiro todo de portugueses, a Armada começa a renovar-se nos mesmos anos em que o país colheu todo o pão para comer. Os politicos do acaso encontrarão nisto uma simples coincidencia; mas eu afirmo que está aí a base fundamental e a razão deste custoso empreendimento. Nós não teriamos ouro para pagamento imediato da nova esquadra se pelas campinas não houvessem lourejado, abundantes, as searas. Para que pudessem sulcar os marés navios portugueses, foi preciso que a charrua sulcasse mais extensamente e melhor a terra da Pátria, poupando á nação largas somas do seu ouro.

Para que estará fadado este pequeno barco? Para a guerra? Para a paz? Nós queremos firmemente que não seja para a guerra, nós queremos firmemente que seja para a paz, mas seja qual fôr o seu destino, o que queremos é que albergue sempre portugueses, testemunhe sempre o valor dos nossos marinheiros, afirme sempre o heroismo da raça portuguesa e a glória impoluta da nossa Pátria. Embaixador de Portugal por todos os mares, nós queremos que ele seja sempre a afirmação clara da nossa herança passada e do nosso presente, a expressão mais alta dos mesmos principios que tornaram possivel e o fizeram surgir — a paz interna, a ordem publica, a compreensão do interesse nacional, a unidade da Pátria, a seriedade da administração, os sacrificios de todos em prol do bem comum.

Sob a bandeira de Portugal, vai o pequeno barco cruzar os mares distantes, visitar os longinquos países, os portugueses espalhados por todas as partes do mundo. Não há, senhores oficiais e valentes marinheiros, que esconder a face, mas que erguer altivamente o rosto: é uma Pátria renascida que vós representais, cercada do prestigio que lhe grangearam o seu esfôrço próprio e os seus processos de govêrno. E já me não custa agora a mim falar na alta estirpe dos marinheiros portugueses porque sinto fortes os vossos ombros para levar a sua pesada herança.

Senhor Ministro: Cumprimento em V. Ex.a a Marinha de Guerra, e permito-me saudar no comandante deste barco essa futura esquadra portuguesa. — uma esquadra nova que seja uma nova esquadra.

O navio atracou á estação do Sul e Sueste e durante alguns dias foi visitado pelo publico. Por motivo da chegada do *Gonçalo Velho*, o sr. almirante Magalhães Corrêa, foi muito cumprimentado. Em Evora realizou-se uma sessão de regozigo.

O «GONÇALO VELHO»—Suas caracteristicas:

Deslocamento, 1.000 toneladas. Velocidade máxima, 16 milhas por hora. Velocidade económica, 10 milhas por hora. Armamento, 2 peças de 120 milimetros, uma a vante outra á ré; 2 peças anti-aéreas de 76 milimetros, uma a vante, outra á ré; 2 metralhadoras pesadas de 40 milimetros; 2 lança-minas; 24 minas á ré; 2 projectores. Foi construido em Inglaterra.

ALEMANHA: No dia 1 foi lançado á agua o cruzador *Almirante Sheer*, vencedor da batalha da Jutlandia, que fora construido com o nome de cruzador B, em Wilhelmshaven. M.elle Blomberg quebrou a tradicional garrafa de champagne e von Papen e o ministro da Marinha von Blomberg pronunciaram alocuções entusiastas. Foi tambem posto ao serviço o cruzador *A «Deutschland»*. No lançamento do primeiro o almirante Raeder disse:

«Este novo cruzador foi construido dentro das restrições impostas pelo tratado de Versailles, que continua a pesar sobre a Alemanha e sobre o seu pacifico povo». Referindo-se ás reivindicações do Reich, declarou: «Queremos, unicamente, dar ás nossas fronteiras territoriais e maritimas a mesma segurança que qualquer nação pacifica reclama para si, como um direito evidente». Terminou :

«Foi o amor ao nosso glorioso passado que fez que a nossa orgulhosa frota, junto de Scapa Flow, preferisse a morte voluntaria á rendição sem gloria, e que deu á marinha do Reich a necessaria energia para que a Alemanha de novo goze de prestigio nacional».

—A revista francesa *Les Annales*, de 7 de Abril, publica um curioso artigo, profusamente ilustrado *Les marchands de canons ont-ils besoin de la guerre?* E' um inquerito feito por Paul Allard, magnificamente documentado.

—Tambem *Science et Monde*, de 13, publica *La verité sur les armements allemands*. Todo o numero, muito ilustrado de gravuras mapas e graficos, trata apenas déste assunto.

O 9 de Abril

9 DE ABRIL — Realizou-se a comemoração costumada. A Liga dos Combatentes da Grande Guerra efectuou a venda do capacete. O *Seculo* publicou uma agua-forte do pintor Sousa Lopes e o *Diario de Noticias* um trabalho de Varela Aldemira.. A Sociedade de Propaganda de Portu-

gal realizou uma romagem á Batalha, para colocar no Museu das Oferendas uma placa de bronze dourado com um soneto de D. Alberto Bramão, consagrado ao Soldado Desconhecido.

SOLDADO DESCONHECIDO

Desconhecido? Não. Eu conheci-o
E toda a gente o conheceu tambem...
Era aquele rapaz, cheio de brio,
Que abandonou a noiva e pai e mãi,
E foi, tisnado ao sol, curtido ao frio,
Em nobre ardor, por esse mundo além,
A defender a Patria, onde floriu
O encanto ideal que a juventude tem.
Batalhou e venceu, glorioso e forte!
Morto?!... Que importa, se morreu em graça!
O heroi que morre vence a propria morte.
O heroismo é feito de imortalidade
O heroi fundiu-se no clarão da Raça,
E a Raça tem por si a Eternidade!

D. Alberto Bramão.

O sr. Raul Esteves publicou no *Diario da Manhã* do dia 9 um artigo *A lição da grande guerra* e o sr. general Ferreira Martins outro no «Diario de Noticias» sob o titulo *O Capacete simbolico.* Entre as principais homenagens do dia realizaram-se a concentração dos combatentes no Alto de S. João; inauguração do monumento, ossario, original de Maximiano Alves e Raul Xavier, no mesmo cemiterio e desfile ante o monumento da Avenida da Liberdade. Em Tavira, o sr. ministro da Guerra inaugurou o monumento aos mortos da guerra *maquette* original de Alberto Ponce Castro.

CONFERENCIAS — No dia 8, comemorando o 9 de Abril, realizou na Escola Ferreira Borges, uma conferencia, *A guerra de* 1914-1918, o sr. dr. Pires Cardoso.

—No dia 13 realizou-se na 2.ª repartição da Aeronautica Militar, a abertura das propostas do concurso para o fornecimento de três aviões de caça e das peças sobrecelentes com que o Estado resolveu dotar a nossa aviação.

Apresentaram propostas para o fornecimento as fabricas suiça «Conte»; polaca «V. Z. L.»; francesas «Doré» e «Olivier», «Newport», «Morane» e «Patez»; sueca «Junker's»; holandesa «Fokker» e inglesas «Hawker» e «Fairey».

—Na Revista Militar, no dia 10, realizou-se uma assembleia geral para proclamação e entrega dos respectivos diplomas aos novos associados. Foram recebidos os srs. dr. Julio Dantas e Joaquim Leitão, que em nome da Academia das Ciencias de Lisboa foram agradecer a oferta das insignias da Ordem de S. Tiago á Academia. Foram aprovados novos socios o sr. almirante Augusto Osorio, honorario, tenente-coronel Barreto de Oliveira e major Eduardo de Meneses.

—No dia 7 terminaram em Vendas Novas os trabalhos finais para o estagio de vinte coroneis das diferentes armas.

—A viuva e á filha do capitão Anibal de Azevedo, na miseria, requereram ao chefe do Estado uma pensão. E' um documento confrangedor que o *Diario de Lisboa* publica no seu numero de 8, e que bem merecia ser atendido.

BIBLIOGRAFIA — Capitão Correia Guedes:—*Guia tatico do comandante do pelotão em combate* 2.ª ed.; Joaquim Abranches—*Os Caminhos de ferro na Grande Guerra.*

NECROLOGIA—No dia 11, em Lisboa o general reformado José Vitorino de Sousa e Albuquerque; no dia 15 em S. Tomé o tenente da administração militar Armando Martinho de Oliveira Soares; no dia 18, em Lisboa, o coronel de infantaria Francisco Afonso de Chedas Santana; no dia 20 o coronel Antonio do Canto Blanc Moreira da Camara Falcão e em S. Tiago de Cacem o tenente Antonio Maria Camarate de Campos; no dia 21 assassinado por um seu filho louco, em Tavira, o segundo comandante de infantaria 4 João Carlos de Vasconcelos; no dia 22 o general João José Pereira Dias, em Lisboa.

—Em Paris em 21 o major Ladoux que durante a guerra dirigiu os serviços de espionagem e contra-espionagem e que fez prender e fuzilar a celebre Mata-Hari; em Londres a 27 Sir Geoffrey Salmond Marechal chefe da aeronautica.

d) Direito

No dia 29 realizou-se no restaurante Arcadia um banquete de homenagem ao professor de Direito da Universidade de Lisboa e bastonario da Ordem dos Advogados sr. dr. Barbosa de Magalhães.

CONFERENCIAS—Na Juventude Universitaria Catolica, Campo dos Martires da Patria, 43, o dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho realizou, no dia 2, a sua conferencia *Situação da familia em face da legislação portuguesa.*

BIBLIOGRAFIA: *Direito:* — Couto Martins—*Codigo de registo comercial;* Léon Rabinowicz—*O crime passional;* Felix Ribeiro—*Os marmores do Alentejo e a legislação em vigor.* (Congresso Alemtejano 133).

NECROLOGIA—Em 12, em Budapeste o conhecido jurista Vitor Concha.

TRIBUNAIS:—No dia 3 foi julgado, no Tribunal do Comercio de Lisboa, o marquês de Sagres, sr. José Antonio Alvares Pereira de Almeida de Oliveira Sagres, acusado de quebra fraudulenta. Foi absolvido.

II -- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

A) Organização e metodos. Ensino tecnico
B) Comercio
a) Produção.
b) Transportes e comunicações: Aviação. Caminhos de ferro e camionagem. Portos. Marinha mercante. Estradas. Correios, telegrafos, telefones.
c) Mercados e feiras.
d) Comercio externo. Relatorios consulares.
e) Publicidade. Exposições.
C) Industria: *Industrias varias. Exposições.*
D) Tecnologia
E) Agricultura

Os fastos da complexa vida comercial e industrial foi para nós a questão do *Vinho do Porto.* A Sociedade Quimica Portuguesa pede ao governo que lhe permita estudar o assunto, o governo cria o *Instituto de Vinhos do Porto* e *A Voz* publica no dia 11 um importante artigo do sr. Nicolau Pereira de Almeida sobre *A situação internacional dos vinhos do Porto.* O governo francês determinou elevar os direitos e represalias aduaneiras foram executadas que no proximo numero historiaremos.

* * *

O dirigivel «Akron», um dos dois maiores do mundo, pertencente á marinha norte-americana, caiu no mar ás 0,30 do dia 4. O desastre deu-se ao largo da costa de Nova Jersey, a 20 milhas do farol flutuante de Barnegat, em frente da praia do mesmo nome. O dirigivel soçobrou em plena tempestade e morreram 74 pessoas. Comunicou o desastre o navio-cisterna alemão *Phoebus,* que salvou 4 sobreviventes, um dos quais o rádio-telegrafista Copland, faleceu em resultado de esforço e queimaduras. Os sobreviventes salvos foram o imediato do «Akron», tenente Wiley.

O «Akron» levava a bordo 19 oficiais, 57 marinheiros e 1 passageiro. Saíra de Kakehurst á noite para realizar um vôo de treino.

III -- Sciencias

A) Matematicas
B) Fisico, quimicas, naturais
a) Fisica
b) Quimica
c) Naturais
C) Medicas. *Medicina, Cirurgia, Especialidades. Farmacia. Arte veterinaria*

Expedição cientifica

— Os aviões da expedição Houston voaram sôbre o Monte Everest. Atingiram 10.675 metros, ou sejam 1.800 metros mais alto do que o cume do Everest. Os dois aviões que praticaram a façanha eram tripulados pelo marquês de Clydesdale e pelo tenente-aviador Macintyre.

CONFERENCIAS—No dia 5, na Universidade Portuguesa, o dr. Bento de Jesus Caraça, sôbre *Iniciação matematica;* na Sociedade de Geografia, no dia dia 6, realizou o professor dr. Fernando de Almeida, uma conferencia intitulada *Uma prioridade da ciencia matematica portuguesa: Daniel Augusto da Silva, 1814-1878, e a Instituição da Estatistica.*

—No dia 10, fez na Sociedade de Geografia, o sr. coronel Roma Machado uma conferencia sôbre *Algumas palavras sôbre a vulcanização dos Açores e da Madeira.*

BIBLIOGRAFIA—Fernando L. M. Zamith—*Como resolver problemas de fisica.*

—F. Dacos e M. Rousseau—*Mesures radio-électriques élémentaires,* 25 frs. (Livro util aos electricistas tecnicos de T. S. F., cinema sonoro, estudantes e professores de escolas superiores e faculdades).

c) Medicas

O CONGRESSO DE ANATOMIA

O CONGRESSO de Anatomia ainda este mês realizado em Lisboa («XXVIII.ª Reunião da «Association des Anatomistes e 1.ª da «Sociedade Anatómica Portuguesa) parece-me ter, em sintese, a seguinte significação:

Da parte da «Association des Anatomistes», sociedade anatomica francesa com perto de 500 associados de todas as nacionalidades, exprime, como disse o seu presidente neste ano, o professor Champy, no discurso da sessão inaugural, a simpatia a admiração com que em França e nos outros paises se olham os trabalhos dos anatómicos portugueses, acompanhadas pois da certeza de que em Lisboa a «Association des Anatomistes» encontraria para esta reunião o ambiente mais adequado. Da parte da «Sociedade Anatómica Portuguesa», exprime não só a solidariedade moral entre os anatómicos ou morfologistas portugueses (anatomicos propriamente ditos, antropologos, histologos, embriologos), como tambem as suas grandes possibilidades, que adquiriram e em que se situaram, de acção e realização no dominio dos ramos scientificos que cultivam.

Para o ano efectuar-se-á em Santiago de Compostela outro Congresso anatomico, (1. Reunião da Sociedade Anatomica Luso-Hispano-Americana, e 11.ª da Sociedade Anatomica Portuguesa).

Será acontecimento importante não só em vista do cultivo das sciencias morfológicas, mas ainda pelo que representará de alta solidariedade moral e de larga expansão mental dos anatomicos portugueses, espanhois e sul-americanos.

25 de Abril de 1933

HENRIQUE DE VILHENA

Na XXVII.ª reunião da «Association des Anatomistes», em Nancy, no ano de 1932, foi entusiásticamente aceita a proposta do sr. prof. Celestino da Costa de que a futura reunião dessa colectividade anatómica se efectivasse em Lisboa.

Desde logo na Faculdade de Medicina desta cidade se começou a trabalhar para o futuro Congresso e se organizou uma comissão com os srs. professores H. de Vilhena, presidente; Pires de Lima e Geraldino Brites, vice-presidentes; Marck Atias, tesoureiro, e Celestino da Costa, secretário geral. Como secretários adjuntos os srs. assistente e professor auxiliar da Faculdade, drs. Xavier Morato e Vitor Fontes. Entre os vogais os srs. professores Maximino Correia e Ernani Monteiro, e professor auxiliar dr. Barbosa Soeiro. Ao mesmo tempo esta comissão e os demais membros portugueses da «Association des Anatomistes» determinaram-se a criar a «Sociedade Anatómica Portuguesa», que ficou e cuja mesa é a mesma da comissão constituida pelos fins da 1932, e organizadora do Congresso. Desde logo a este nucleo anatómico aderiram muitos professores, assistentes, médicos, naturalistas de Lisboa, Porto, Coimbra, que aos ramos da ciência anatómica se dedicam.

Trabalhando sempre, a comissão do Congreso, no grande desejo de proporcionar aos seus hóspedes uma galharda recepção e hospedagem, promoveu a 1.ª reunião da «Sociedade Anatómica Portuguesa» conjuntamente a XXVIII da «Association des Anatomistes». Foi a data do Congresso estabelecida de 9-14 de Abril de 1933.

Nos caminhos de ferro espanhóis e portugueses se obtiveram grandes facilidades que permitiram que ao Congresso concorresse grande numero de congressistas, não só franceses, como espanhóis, belgas, italianos, polacos, iugo-eslavos, etc.

Os congressistas espanhóis, que já pertenciam á «Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana», vieram sobretudo por solidariedade com a jóvem «Sociedade Anatómica Portuguesa».

A «Association des Anatomistes» para a mesa da sua reunião em Lisboa nomeou os professores Champy (Paris), presidente; e Atias (Lisboa), Del Rio Hortega (Madrid), e Vallois (Toulouse), vice-presidentes, e Collin (Nancy), secretário.

A este Congresso, que decorreu sempre no meio do maior entusiasmo, vieram não só os professores das especialidades, mas ainda assistentes, chefes de trabalhos, preparadores e pessoas de familia dos membros do Congresso, esposas, filhas, e o seu numero subiu acima de 170.

No dia 10, ás 9 da manhã, no anfiteatro de Anatomia realizava-se a sessão de abertura com numerosa assistencia. Presidiu o sr. prof. Sobral Cid, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo á sua direita os srs. professores Champy e Collin, e á esquerda os srs. professores Vilhena e Celestino da Costa.

Os srs. professores Vilhena e Sobral Cid leram, em francês, os seus discursos de boas-vindas, o primeiro em nome da comissão organizadora do Congresso e da «Sociedade Anatómica Portuguesa», e o segundo em nome da Faculdade. Foram estes discursos sublinhados e coroados por vibrantes aplausos dos congressistas. O sr. professor Champy leu o seu discurso de agradecimento desde logo frizando

que a presente reunião da «Association des Anatomistes» em Lisboa se efectuava pela estima e admiração em que os anatomistas estrangeiros têm os seus colegas portugueses.

Após os discursos iniciaram-se no anfiteatro do Instituto de Histologia os trabalhos, tendo-se logo nesse dia lido bastantes comunicações.

Nos dias 11 e 12 prosseguiram. Das 100 comunicações e 9 demonstrações especiais indicadas no programa foi lido um grande numero.

Todas as festas, passeios e excursões se levaram a efeito tal como anunciado no programa, havendo de dizer-se que tudo decorreu com satisfação e aprazimento de todos os congressistas que por varios modos o patentearam.

Muitos dos congressistas estrangeiros, sobretudo as senhoras acompanhadas de senhoras portuguesas, que sempre solicitamente as guiaram nos passeios, visitaram varios pontos interessantes de Lisboa.

Ofereceram-se aos congressistas numerosos opusculos sobre Portugal, entre eles, elaborados especialmente para o efeito.

Realizaram-se ainda varios almoços intimos, tendo tudo decorrido sempre na mais harmonica das cordialidades. O congresso durou até ao dia 16, visitando os congressistas os Museus de Arte Antiga, dos Coches, os Jeronimos, Sintra, Cascais, Estoril, Batalha e Alcobaça, a Curia e o Porto, etc.

O discurso de abertura do prof. Vilhena é um hino á nossa terra. Damo-lo na integra:

«Quanta satisfação é a nossa, da comissão organizadora desta reunião da «Associaton des Anatomistes» e da «Sociedade Anatomica Portuguesa» por termos alcançado este momento de vos receber e de inicio de nossos trabalhos! Podeis julgá-lo lembrando-vos ou pensando que ha um ano que nenhum dia se passa sem que se nos apresente a ideia desta Reunião, sem que nos preocupemos com o momento de vos receber, com os dias de trabalhos, com as excursões a realizar, com as facilidades que deveis ter ou as comodidades que vos devem cercar: no desejo intenso não só de que encontreis aqui, na Faculdade, na cidade, no País, um ambiente de calorosa estima e de carinho, como ainda de que esta Reunião seja de todo o proveito para as ciencias morfologicas a que nos dedicamos.

Não posso neste momento deixar de lembrar os nomes de alguns dos professores da Faculdade ou mesmo da velha Escola Medico-Cirurgica lisbonense que de algum modo tornaram possivel—influencias proximas, influencias a distancia—a presente Reunião, a hora actual de confraternização de tantos caros e muito distintos colegas estrangeiros e nacionais. Em primeiro lugar o professor Serrano, falecido em 1904, que pela sua extraordinaria dedicação á velha Escola e ao cultivo da ciencia anatomica, e pelo incentivo espiritual de sua obra, tornou possivel, já sete a oito anos depois de sua morte, a fundação dêste Instituto de Anatomia e o maior incremento desta ciencia na Faculdade. Com veneração recordo o seu nome, homenagem de um modesto trabalhador a um trabalhador cheio de honestidade e de talento e que deixou rastro perdurável. Em seguida cumpre-me evocar o nome do professor José Gentil, que ainda me ensinou na cadeira de Clinica cirurgica e sempre me honrou com a sua amizade. Professor de Anatomia descritiva por algum tempo, depois da morte de Serrano, foi por sua vontade que ocupei o prosectorado de Anatomia e assim pude iniciar a minha, aliás muito singela, carreira anatomica. Afirmou por então esse eminente professor que não aceitaria no prosectorado (havia apenas um lugar) outro que não fôsse eu, e, assim, para sempre, se fez crédor da minha gratidão.

O professor Moreira Junior, o mais antigo dos actuais professores em exercicio da Faculdade, Azevedo Neves que foi seu director e presidiu ao Centenario da Faculdade em 1925, e Sobral Cid, aqui presente e actual director, pessoas são que pela sua amizade pessoal, pela simpatia que sempre manifestaram por este Instituto e pelo incentivo que assim nos puderam dar, eu não poderia deixar de lembrar tambem, neste momento, com emoção.

O incremento do Instituto de Histologia e Embriologia e dos trabalhos histologicos e embriologicos em Portugal, em que tanto relêvo têm tido os professores Atias e Celestino da Costa, tesoureiro e secretario geral da comissão organizadora desta Reunião, não pouco nela influiu, e sem duvida nela muito influiu a actuação de Celestino da Costa, que justamente se pode dizer a alma dêste Congresso: foi pelo seu prestigio na «Association des Anatomistes» e pela sua proposta na ultima reunião, em Nancy, que se marcou a actual em Lisboa; e pela actividade que tem desenvolvido desde então em todos os preparativos do Congresso e por seu grande zêlo neste sentido, ficar-se-lhe-á devendo muito do exito que desejamos e esperamos.

Atias, o mais antigo dos membros portugueses da «Association des Anatomistes» foi igualmente um auxiliar valioso da comissão.

Entre os nossos confrades estrangeiros cumpre-me lembrar, e faço-o gratamente, os eminentes professores Champy, presidente da «Association», e Collin, secretario geral. Foi este nosso estimado Confrade incansavel tambem, na boa vontade e diligencia, pelas quais tão frequentemente, para o efeito do Congresso, se correspondeu com o nosso secretario geral. E se os professores Rodriguez Cadarso, reitor da Universidade de Santiago de Compostela, grande amigo de Portugal, dos portugueses, fraternal amigo meu, e Fernando de Castro é Del Rio Hortega, de Madrid, que tanto nos auxiliaram na intenção das vantagens a conseguir para os congressistas nas linhas de ferro espanholas.

Meus senhores: Esta reunião anatomica conjuga no mesmo esforço a «Association des Anatomistes» e a Sociedade Anatomica Portuguesa, de recente criação. Lançou os fundamentos desta Sociedade, a comissão organizadora do Congresso, que pensou desde logo em dar-lhe o surto, o impulso da reunião presente. A «Association des Anatomistes» sociedade anatomica adulta já, com perto de 30 anos de existencia,—podia dizer-se dela, com bom humor, «une femme de trente ans» á Balzac, ao mesmo tempo amiga de se reservar e de se perifolhar, de se reservar... compreendemo-lo bem, de se perifolhar... por todas as capitais da Europa—confraterniza assim com a novel Sociedade Anatomica Portuguesa que, semelhantemente, se pode dizer em periodo de puericia;—puericia aliás um tanto atrevida pois que, digamos sempre brincando, ainda mal deixou de chuchar no dedo e já se mete a fazer discursos ao lado da sua tão experiente irmã!

Meus caros confrades: Sois recebidos nesta Faculdade com amizade que vos peço acrediteis muito sincera e fervorosa. Se tiverdes tempo, deixado pelas ocupações mais instantes e pelas excursões do programa, visitai a Faculdade e suas dependencias, fora deste edificio. São elas o Instituto Bacteriologico Camara Pestana, o Instituto de Medicina Legal, o Oftalmologico, o Hospital de Santa Marta, o Manicomio Bombarda. Vereis ai a boa vontade, o esfôrço dos seus directores e colaboratorios para que essas instituições desempenhem na ciência e na vida portuguesa o seu mais justo e generoso papel. Visitai tambem como instituições estranhas á Faculdade, se o tempo vo-lo permitir, os Hospitais Civis e Militares de Lisboa, o Hospital Colonial e a Escola de Medicina Tropical, o Instituto de Investigações biologicas Rocha Cabral, o de Oncologia e a Maternidade Alfredo da Costa. Ainda algumas outras instituições medicas ou para-medicas se encontram na cidade, cujo nomes me permito aqui omitir para não me alongar.

E' a cidade de Lisboa que vos recebe um burgo pitoresco, com seu aspecto proprio, *sui generis*. Do alto dos seus montes vereis panoramas deliciosos, nos quais o Tejo e as terras sulenhas participam cativantemente, generosamente. Se tiverdes ocasião de vos eximirdes um pouco á conversação meridional daqueles que vos acompanham e se constituiram vossos dedicados cicerones, sentireis naturalmente, em vista do meio, da ambiencia, alguma coisa ou não pouco da qualidade psicologica dos lisboetas, ao mesmo tempo de entranhado amor pela sua terra natal, a cidade, e de uma como ansiedade de fuga para terras longiquas, africanas, asiaticas, através dos mares, dos grandes horizontes! E' uma gente curiosa! Amigo da sua casa, da sua rua, do seu bairro, da sua cidade, da sua terra, do seu Portugal, e ao mesmo tempo constantemente tomado de devaneios ao longe, das imagens de si mesmo em terras estrangeiras, e ultramarinas, exóticas. Ela não se percebe a si mesma e os estrangeiros não a entendem facilmente. Mas os estrangeiros quer em Lisboa, quer em outra parte de Portugal, experimentam sensações,

interessantes tambem, curiosas, e que podem em sintese e no que respeita ao seu mesmo interesse e bem-estar, exprimir-se deste modo e é a historia de um estrangeiro que vos venho repetir. Dizia-nos ele: no primeiro ano, tudo dos senhores me parecia mau; no segundo assimilei e assimilei-me; sentindo prazer em me deixar assimilar; dai por diante Lisboa erã a minha cidade, Portugal a minha segunda patria. Os senhores são estranhos, mas não são má gente. Um dia, um de vós lisboeta, português, veio dizer-me mal, como os senhores costumam ás vezes fazê-lo, de sua cidade, de seus concidadãos e de sua patria. Disse-lhe com bom humor: «vá-se embora, não o entendo, Lisboa é a minha cidade, os portugueses como se meus patricios, Portugal é a minha segunda Patria».

Nesta cidade, para passardes momentos de distracção, encontrareis meus caros Confrades, alguns passeios agradaveis, jardins, logradoiros publicos, monumentos, uns estimaveis, outros admiraveis, entre eles a Igreja de Santa Maria de Belem (Jeronimos) e o respectivo claustro, imagem estetica da grandeza dos nossos antepassados, os grandes navegadores e descobridores. E museus, como o Etnologico, de Arte Antiga, o de Arte Contemporanea, o dos Coches, o de Arte Sacra, o de Artilharia, e outros ainda de valor e significação muito distintos. E perto de Lisboa, meus caros confrades, poder-vos-á distrair e tornar-se-vos muito aprazivel a visita a Sintra, o *glorious eden* de Byron, e os seus dois palacios que foram reais, e ainda a Cascais e Estoril na orla maritima, e a Mafra por seu majestoso palacio e belissima igreja. E mais não vos digo da cidade e seus arredores, que bem podereis ver, em resumo com o mais referente a Portugal, nos opusculos que a comissão deporá em vossas mãos.

Quando fizerdes, logo a seguir aos trabalhos, a excursão ou excursões a outras terras portuguesas, incluindo Coimbra e Porto, vereis sempre os sinais não só da nossa antiga grandeza como da nossa grande vontade de viver uma vida sempre mais generosa e de assim a legar ás gerações que nos seguirem.

Mas para uma coisa ainda quero chamar a vossa boa atenção. E' para o nosso povo. Se Portugal foi grande, em grande, em muito grande parte foi pela infinita riqueza de sua alma popular. Ela permitiu as navegações e descobrimentos, ela lhes deu o sentido geral, de obra social, obra de um povo, e não apenas de grandes homens, que o foram sem duvida e assim se mostraram. Ela tem permitido que através de tantas crises sociais internas, e de tantas crises internacionais, mundiais, como a ultima, a da Grande Guerra, seus precedentes, ela mesma, seus consequentes, Portugal fosse mantendo seu imperio colonial. Na verdade a epopeia ultramarina portuguesa foi continuando através dos seculos, desde os descobrimentos, na terra africana, e a do seculo XIX, no descobrimento e assenhoreamento, e principio deste seculo, pela Grande Guerra, levada á intimidade africana, é uma pagina exemplar na historia da Africa. E com essa epopeia a colonização, seguida, sustentada, em que o nosso bom povo adaptou e se adaptou. Hoje o ultramar português é a continuação da terra metropolitana, não é a colonia, é a propria terra da Patria, semeada aqui e acolá pelo mundo.

Poucos povos e nenhum país tão pequeno em extensão territorial como o nosso, podem dizer alguma coisa de semelhante. E nenhum, sem duvida, pode acrescentar que foi o inicio da riqueza e da expansão de outros com tantos e tão grandes porções do mundo que descobriu e conquistou e que, evidentemente, tão poucos eram os seus filhos, não podia integralmente conservar e generosamente desenvolver.

Mas vós, meus caros confrades, reparai então no nosso povo. Um qualquer dele olhar-vos-á, primeiro com ar um pouco surpreso (certamente já longe de como no tempo de Montesquieu era visto um persa em Paris, e ele nos conta), mas logo entrará em si mesmo e solicito vos convidará a repousar na sua pequena casa, muito contente de toda a hospitalidade carinhosa que vos puder dar. Sua mulher pôr-vos-á na mesa o leite de sua cabrinha, e enquanto o homem vai ao trabalho seguirá discretamente a casa da comadre ou da vizinha, deixando-vos tudo preparado para que a vossa vontade estejáis e repouseis. Os pequenos estarão ainda um momento olhando-vos curiosos, plantados na vossa frente, mas em breve se retirarão, com o pensamento: «não é caso para ficarmos aqui mais tempo, espantados, a olhar este senhor, vamos brincar!»

Meus caros confrades, minhas senhoras, meus senhores. Não me resta, neste grato momento, senão ainda saudar-vos calorosamente. Nesta Faculdade, nesta cidade, neste país, sêde os muito, os muito bem-vindos!

Entre os congressistas estrangeiros havia nomes mundiais como Dubreuil, professor de histologia em Bordeus; Raoul May, assistente do Instituto Pasteur de Paris; Grynfelt, professor de anatomia patológica em Montpellier; Dustin, professor de Anatomia em Bruxelas; Weber, professor de anatomia em Geneve; Gerard, professor de histologia em Bruxelas; Turchini, professor de histologia em Montpellier; Billet, professor de anatomia em Lille; Duesberg, professor de anatomia em Liege; Champy, professor de histologia em Paris; Sanchez y Sanchez, professor de anatomia em Valladolid; Rouvière, professor de anatomia em Paris; Cadarso, reitor da Universidade de Santiágo de Compostela; Vernet, professor de anatomia em Barcelona; Forster, professor de anatomia em Strasburgo; Latarjet, professor de anatomia em Lyon; Wolf, professor de anatomia em Praga; Cordier, professor de anatomia em Lille; Delmas, professor de anatomia em Montpellier; Lucien, professor de anatomia em Nancy; Debeyre, professor de histologia em Paris Girond e Verne, professores de histologia em Paris; Leplat, professor de anatomia em Liége; Beccari, professor de histologia em Florença; Jolly, professor de histofisiologia no College de França; Faurê-Fremiet, professor de embriologia no College de France; Leboucq, professor de anatomia em Gand; Bellocq, professor de anatomia em Estrasburgo; Tuma, professor de histologia em Praga, etc.

★ ★ ★

— No dia 1 terminaram as provas do concurso para professor auxiliar de anatomia patológica e patologia geral da Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi aprovado o sr. dr. Luiz Simões Raposo, candidato unico.

— No dia 27 terminou o prazo da entrega de requerimentos para o concurso de 18 vagas de médicos substitutos na Assistência Nacional aos Tuberculosos.

BIBLIOGRAFIA: — A. Celestino da Costa — *La Faculté de Médecine de Lisbonne*: 30-2 pág.; M. B. Barbosa Soeiro & Vitor Fontes — *Aperçu historique de l'enseignement de l'anatomie humaine* e *Aperçu de l'œvre de l'Institut Anatomique de Lisbonne*, por H. de Vilhena. (Separata dos *Arquivos de Anatomia*). (Ambas estas obras foram distribuidas aos congressistas de Anatomia).

Varias

Por decreto de 11 foi nomeado profesor de Anatomia medico-cirurgica e Cirurgia experimental da Faculdade de Medicina de Paris M. Proust. A lição de abertura terá lugar no dia 2 de maio, ás 18 horas.

—Na Faculdade de Medicina de Paris acaba de criar-se um *Instituto de Higiene industrial e medicina do trabalho*.

—A casa Citroen tem feito varias expedições de caracter cientifico, expedições feitas em automovel através regiões inhospitas ou desertos sem fim. Em 1922, cinco automoveis atravessam o Sahara e 20 dias depois entram triunfalmente em Tombouctous. Em 1924 realizou outra façanha e, finalmente, em 1931, sete automoveis sairam de Beyruth e outros sete das margens do Pacifico, encontrando-se todos em Pekin. Disso tudo, além de dados cientificos resultou um museu, o Museu Citroen, curiosissimo, e onde ha um espaço destinado á medicina e á farmacia. Os nossos medicos podem visitá-lo no Boulevard de Batignolles.

—O n.º 26 de *La Presse Médicale* insere além dos costumados resumos de Sociedades médicas o da *Société française d'Histoire de la Médicine*, deveras curioso sôbre humanismo médico. Tambem o n.º 27 critica o livro de Skevos Zervos *Les bistouris, les sondes et les curettes chirurgicales d'Hippocrate*. (48 grav. Manon).

— Os médicos que se interessem pelos estudos médicos em França poderão ver o curioso trabalho de G. Bauny *La réforme des Études Médicales*.

Le régime laité en thérapeutique— Etiene Boltanski: *Le traitement radiothérapique de l'acne juvénile;* e Benzaquen: *Prophylaxie et traitement de la rougeole;* Gernez e Breton: *Contribution au traitement des fièvres typhoparatyphiques par le principe lytique transmissible (ou batériophage) anti-Eberth préparé par electrophorise;* Luttembacher: *Les arythmies;* Parturier e Pont: *Foie et lésions gingive-dentaires,*

e Deguy: *Les chiffres normaux de la tension artérielle.* São estes os artigos de maior interesse para a prática médica de todos os dias.

— O numero de 4 de Abril da *Revue thérapeutique des Alcaloides* publica o ultimo artigo do dr. Bessassis sobre *Georges-Noel, Lord Byron, (Essais de Clinique Romantique).* E' um curioso estudo médico, ilustrado com retratos e documentação vária. Tambem o n.º 4 de Abril, de *La Chronique Médicale* publica um estudo do dr. Jean-Claude Dubrême sobre *Médecins et médecines du moyen-age,* um artigo de Albert sôbre *Médecins-poètes, Prosper Viro.* O n.º 27, de 5 de Abril de *La Presse Medicale* tambem publica um artigo de Edmond Lacoste sôbre *Montaigne et la Médecine.*

— Entre os artigos mais importantes de *La Presse Médicale,* de Abril, (n.ºs 26 a 30), figuram os de Planques, Riser et Sorel — *La pression rachidienne chez les hypertendus artériels;* Gaston Lyon: *Sur le mode déction des sels de bismuth en pathologie gastrique et en chirurgie;* A. Ravina: *Traitement du rheumatisme articulaire por l'histamine et ses derivés;* Robert Clément.

CONFERENCIAS—No dia 2, no Instituto Clinico, pela visitadora-chefe do posto n.º 1, D. Emilia Linhares, sôbre *O desmame;* no dia 9, pela visitadora-chefe do Posto de Puericultura n.º 3, D. Maria do Ceu Veiga Ferreira, *Cuidados gerais de higiene infantil.*

— O n.º 32 de *La Presse Médicale* insere de L. de Gennes um *Etude de la fonction rénale au cours des hypertensions parouxystiques;* uma critica á tese médico-literária da Dr.ª Mary Trivas, *Le douloureux calvaire d'Alphonse Daudet (auto-observation d'un tabétique de qualité),* que o ano transacto se formou em Paris; e o n.º 33, de 26 de Abril, publica um curioso artigo sôbre *Therapeutica mercurial em sifiligrafia,* de Lévy-Bing e A. Carteaud, e outro de A. Sezary sôbre *Le valeur du traitement d'épreuve pour le diagnostic de la syphilis.*

— A *Revista de la Medicina italiana,* n.º 55, publica um curioso artigo de Tripodi, *Sobre los criterios de corabilidad de la ascitis en los cirróticos;* outro de Da-Rui y Bisio, *El quadro hematologico en la ulcera duodenal gastrico,* e outros de igual valor cientifico.

NECROLOGIA—No dia 8 faleceu na Casa de Saude de Benfica, vitimado por um cancro, o sr. dr. David de Morais Sarmento, professor agregado da Faculdade de Medicina de Lisboa e conferencista muito aplaudido.

Faleceu tambem dr. José Augusto Fernandes, major medico de infantaria 15 em Lisboa.

BIBLIOGRAFIA—Dr. Cassiano Neves —*A Tuberculose;* S.—*Introdução á tecnica cirurgica.*

MEDICAMENTOS NOVOS: — Os laboratórios Chin lançaram no mercado a *Pomada de Colloido, Vacina argentico-antipyogéna,* para supurações, antrazes, panaricios, eczemas, infectados, etc. O *Spartoval,* toni-cardiaco, e o *Sparto-canfora,* reunião da esparteina com a canfora.

— O Laboratório da farmácia Robert, de Barcelona, fornece aos médicos uma colecção de 41 radiografias em gravura que interessam aos tisiologistas.

IV -- Historia e Geografia

A) Historia e Ciencias auxiliares:
Pre-historia. Antropologia. Arqueologia. Cronologia, Epigrafia, etc.
B) Geografia:
Ciencias auxiliares. Viagens, guias, turismo.
C) Portugal
D) Colonias
E) Brasil

d) Colonias

A XXII reunião do Instituto Colonial Internacional

No dia 18 inaugurou-se nas salas do Senado, Palacio do Parlamento, a XXII reunião do Instituto Colonial Internacional.

E' o Instituto Colonial Internacional uma entidade privada, que se compõe dum numero limitado de membros — não mais de duzentos — seleccionados entre o escol dos colonialistas de todos os países. Organismo de estudo, dos mais transcendentes problemas coloniais, reune-se para apreciar pontos concretos, teses longamente estudadas por grande numero dos seus componentes.

Sem depender nem de govêrnos nem da Sociedade das Nações, goza dum prestigio e ocupa uma situação de superior independencia, que lhe permite apreciar com imparcialidade e elevado critério cientifico os assuntos que interessam á colonização.

A vinda a Portugal dos sócios do Instituto, estadistas uns, estudiosos de gabinete outros, pioneiros das tarefas coloniais quási todos, foi um acontecimento de excepcional relêvo, sobretudo num momento em que parecem adensar-se nuvens ameaçadoras da integridade do nosso dominio colonial.

Deve-se ao sr. Conde de Penha Garcia a reunião em Lisboa do Instituto de que é presidente por ter sido eleito há dois anos, na ultima reunião que se efectuou em Paris, e consequentemente a vinda de pessoas como Gennaro Mondaini, professor da Real Universidade e do Instituto Superior de Ciencias Económicas e Comerciais de Roma, e Corrado Zoli, italianos; Basil Williams, professor da Universidade de Edimburgo; J. Coatman, professor de Ciencias Económicas na Universidade de Londres, e dr. Newton Rhodes, professor da Universidade de Londres, ingleses; dr. Paul Valroger, advogado no Conselho de Estado; G. Julien, antigo governador colonial; Le Neveu, secretário geral da União Colonial Francesa; Henri Samue, antigo presidente do Conselho Colonial da Cochichina; Du Vivier Strell e Conde de Warren, das Colonias; René Yvon, administrador dos Serviços Civis da Indo-China; H. Solm, professor de Legislação Colonial; Henri Moncharville, professor da Universidade de Estrasburgo e Blanchard de la Brosse, governador de colónias, franceses; dr. E. Moresco, antigo vice-presidente do Conselho das Indias e delegado do seu País junto da Sociedade das Nações, holandês; coronel Bertrand, membro do Conselho das Colonias; Henri Carton, antigo ministro das Colonias; Edouard Jonghe, director geral do Ministerio das Colonias; Paul Fontaines, engenheiro civil e de minas; Octave Leuwers, secretário geral do Instituto; Louis Frank, antigo ministro das Colonias e Herbert Speyer, professor da Universidade de Bruxelas; Henri Rolin, conselheiro do Supremo Tribunal da Belgica; Pierre Rijckmans, secretario geral da União Colonial Belga, belgas; e o sr. E. Cutelain, senador, professor da Universidade de Padua e chefe da secção dos mandatos da S. D. N.

A' primeira sessão presidiu o sr. Conde de Penha Garcia, ladeado pelos srs. dr. Armindo Monteiro, ministro das Colonias, e Louwers, secretário geral do Congresso.

Entre os congressistas viam-se os delegados portugueses srs. brigadeiro João de Almeida, dr. Carneiro Pacheco, dr. Fernando Emi-

dio da Silva, dr. Rui Ulrich, marquês de Faria, coronel Roma Machado, engnheiro Lisboa de Lima, Armando Cortezão, dr. José de Penha Garcia, dr. Antonio de Aguiar, dr. Alberto de Oliveira, dr. Augusto de Vasconcelos, coronel Lopes Galvão e comandante Machado.

Aberta a sessão, o sr. conde de Penha Garcia, presidente, proferiu o discurso inaugural, em francês.

Depois de saudar a assembleia e agradecer a sua presença aos consocios que vieram tomar parte na sessão, referiu-se conceituosamente ás condições especiais que Lisboa lhes oferece:

«Estais, Senhores, numa cidade acolhedora, que se honra com a vossa presença. Esta cidade e o próprio país formam um quadro harmonico e dos mais adequados a uma sessão do nosso Instituto. Cercam-vos as lembranças de mais de cinco seculos de trabalhos de colonização, ás quais criam uma atmosfera das mais favoráveis ás nossas discussões. Reparai, senhores, que vos encontrais em um país rico de factos historicos que interessam a todas as nações colonizadoras. Nem um unico dos paises representados no Instituto pode deixar de recorrer aos documentos dos nossos arquivos para escrever a historia das suas colonias desde o seu inicio. E' mais um vinculo natural que torna significativo a vossa estada em Lisboa. A simpatia, a mutua compreensão, e solidariedade que deve, por assim dizer, inspirar e aproximar os que trabalham em dominios semelhantes e que aspiram a fins iguais, tornam-se, aqui, mais frisantes ainda.

Os descobrimentos maritimos dos Portugueses, a nossa obra de difusão e de escambo de conhecimentos e de produtos tiveram tão grande reflexo na civilização mundial, que experimentareis certamente em Lisboa a sensação de estar numa casa familiar, comum a todas as vossas Pátrias.

Por outro lado é Lisboa a Metropole de um Império Colonial espalhado em três continentes, o que constitui ainda um testemunho frizante da nossa vocação colonial.

Haveis de observar em Lisboa numerosas provas da nossa actividade, e se pudesseis penetrar na alma do nosso povo, ficarieis admirados de ver como o amor da obra colonial está nela arreigado. O sentimento da unidade nacional é tão vivaz em Portugal como nas colónias. A dedicação destas á Metropole tem sido mais de uma vez submetida a melindrosas provas, mas nunca afrouxou. As nossas Colonias constituem, para nós uma parte viva e forte da Nação, e eis porque as designamos de uma forma que admiravelmente traduz os nossos sentimentos: «Portugal de além-mar».

Seguiram-se interessantes referencias ás teses juridica e economica que vão ser relatadas respectivamente pelos srs. Solus e Vicente Ferreira, cujo elogio foi feito, bem como foram rápidamente enumerados os relatorios dos srs. Périer, dr. Warren, Mangini, Coatmam, além dos cinco relatores portugueses.

Foi prestada homenagem ao labor dedicado do secretário geral, sr. Louwers.

Depois de evocada a memória dos consocios falecidos, o sr. Conde de Penha Garcia referiu-se com elevação á obra presente do Instituto.

Refere-se aos nomes do dr. Oliveira Salazar e Armindo Monteiro, e conclue:

«Colocamo-nos no dominio calmo e fecundo da ciencia, e procuramos esclarecer as nossas discussões por meio do bom senso e da inteligencia. Não ignoramos, todavia, as dificuldades da hora presente. Sabemos bem que o contacto das raças, a força dos nacionalismos actuando ás vezes de mais, as particularidades tão complexas dos trabalhos coloniais, se levantam como causas de graves dificuldades. Não ignoramos, tambem, o peso das paixões e dos interesses em todo o empreendimento humano. Mas é isso que, precisamente, faz a força e a autoridade do nosso Instituto. Fazemos o possivel nas nossas reuniões de libertarmos sempre de toda a influencia que não seja baseada sobre o direito ou sobre a justiça, sobre o estudo dos factos e sobre a sua interpretação cientifica. Atravessamos, meus Senhores, um periodo que dá singularmente que pensar. Houve bastantes quebras desde alguns anos, não sómente no dominio financeiro e comercial, mas tambem, infelizmente, noutros dominios. A crise económica actua em toda a parte como um verdadeiro grito de alarme. O facto de ter aumentado, em demasia, a produção das riquezas, acarretou muitas desgraças, o que nos lembra as sombrias advertencias dos antigos profetas. Eu sei que hoje, como ontem, são os profetas muito pouco atendidos e que as suas predições depressa se esquecem.

A humanidade carece de palavras e ideias por vezes um pouco obscuras e, mais ou menos, metafisicas, para conservar a sua fé e a sua esperança em melhores dias. Uma dessas ideias é o que actualmente se designa por *economia dirigida*. Conhecemos muito mal as leis da economia politica e, ainda menos, as da economia social; no entanto propomo-nos a dirigi-las. Tentamos de o fazer com o espirito de humildade, convencidos da insuficiencia relativa do nosso saber. Capacitemo-nos, em todo o caso, da complexidade dos factos sociais e procuremos no estudo deles, ajudados pelo bom senso, os meios de os compreender e autoridade necessaria para os dirigir na medida do que é possivel. A crise económica que padecemos arraiou o problema da colonização com nova luz.

Homens não se governam como maquinas; não se industrializa excessivamente sem grande perigo para os capitais metropolitanos e para as populações indigenas. Há na realidade na melhor parte das colonias, duas economias diversas; uma metropolitana, complexa, civilizada; outra, simples, primitiva, que particularmente se adapta ás condições economicas dos nativos. Entram estas duas economias muitas vezes em conflito, acham-se ás vezes as raças indigenas um tanto abaladas pela primeira e, caso curioso, é a ultima que melhor tem resistido ás crises. A politica colonial moderna tirará certamente do estudo destes factos mais de um ensinamento proveitoso.

Provou-nos tambem a crise que o procurar, com demasiada rapidez, a elevação do «standard» da vida, é erro que a nossa actual geração está pagando assás caro. Eis um facto incontestável que não deverá ser esquecido pelos que dirigem uma obra de colonização.

A aceleração exagerada do ritmo da produção é uma especie de corrida aos armamentos;; se ela não gera sempre a guerra, ela traz sempre catástrofes. Em matéria colonial tambem aprendemos alguma coisa a este respeito.

Na verdade, é necessario reconhecer que temos esquecido desde há já muitos anos a necessidade da medida e do ritmo, o que é essencial a toda a obra social verdadeiramente sólida.

Sem pensar que demasia é algumas vezes mais prejudicial do que não pensar bastante, temos acreditado no desenvolvimento rápido e ilimitado das nossas obras de transformação social e economia das colónias.

E' preciso reconhecer a fragilidade e a imprudencia de algumas das nossas concepções não para perder confiança e ficar parados, mas para retomar o nosso caminho num passo mais seguro e equilibrado.

A acção humana a mais alta e a mais util é de saber prever. Este sentimento é a base de todo o progresso humano. Prever dentro do terreno das realidades, é poupar muitos dias dolorosos. Fazemos corajosamente pelos nossos estudos e as nossas discussões esta obra salutar. Olhamos o futuro pensando nas novas gerações e fazemos o possivel de lhes evitar os erros e as incompreensões que nos fizeram sofrer tanto.

Fiquei admirado de constatar que

E, agora, eu colocarei o globo terrestre sobre a sua base legitima
(*Micha*, de Varsovia rep. no *Republica*)

O Mês Artístico (30.ª Exposição de Belas-Artes)

AS PROMESSAS, oleo de Mestre Malhôa

Expositores, publico de *elite* e convidados da Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisboa na abertura da sua XXX exposição anual de Pintura a oleo, e

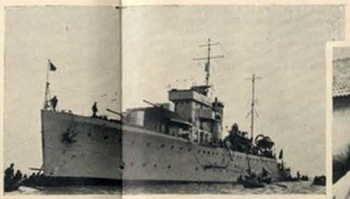
Aspecto da abertura da exposição (Foto Noticias)

esculptura ultimamen realisada. A exposiçã que foi o acontecimen to artistico do mez de pertou grande interess e foi muito visitada d publico.

O Mês Gráfico Nacional

NA Exposição da Creança, no Palacio de Exposições do Parque Eduardo VII. (Da esquerda para a direita, o Director Geral da Assistencia Sr. Machado Pinto, S. Eminencia o Cardeal Patriarca, o Sr. Presidente da Republica, o Sr. Ministro da Guerra, a medica Dr.ª D. Maria Carolina Ramos que fez a conferencia inaugural, Madame Carmona e filha, o Sr. Marquez de Faria.
Foto do dia da inauguração.

Graficamente o mez foi um mez fraco. Mez de exposições, congressos e festas, não nos deu fotos notaveis porque nenhum acontecimento de verdadeiro relevo se deu ou realisou. A Exposição da Creança foi bastante interessante no seu aspecto festivo com inumeras conferencias e gentes percorrendo em todos os sentidos o palacio da Exposição do Rio de Janeiro definitivamente instalado entre nós, para justificar o prologuio do bom filho a casa torna. Os congressos colonial e dos anatomistas tiveram é certo notavel relevo scientifico, mas que não ecoou na vida citadina. A sua repercussão foi apenas a do mundo jornalistico e scientifico. A vinda do *Gonçalo Velho* e a perda do jogo em Vigo pela equipe portugueza foram os acontecimentos que apaixonaram a opinião publica. A entrega das insignias da gran-cruz da Ordem de S. Thiago á Academia das Ciencias, foi um acontecimento literario com um alto significado cultural e moral, uma cerimonia cheia de significação e de brilho. No Estoril casou-se o escriptor inglez Aubrey Bell, autor de um notavel livro sobre Fr. Luiz de Léon, uma *Historia da literatura portugueza* que o Dr. Agostinho de Campos de colaboração traduziu e de umas dezenas de estudos, muitos de alto valor literario para o nosso paiz. Aubrey Bell foi sempre um retrahido e um solitario e ha mais de 20 anos que se não fotografa. Agora mesmo só á impertinencia da objectiva se deve o retrato que nós damos e que o escriptor fez os maiores esforços para impedir.



O novo barco de guerra «Gonçalo Velho»

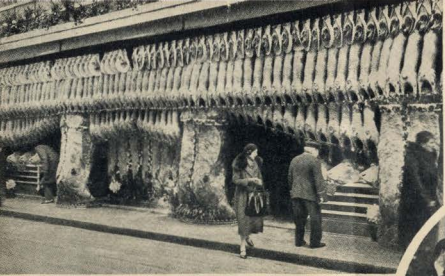
O Sr. Aubrey Bell

Na Semana Portugueza de Vigo. Emilia Docet «Miss Espanha», vestida á moda do Minho recebe um formoso ramo do capitão da equipe portugueza.

Assistencia ao Congresso do Instituto Internacional Colonial. Ao centro na 1ª fila o Sr. Conde de Penha Garcia e o Sr. Ministro das Colonias.
— Em baixo, a assistencia ao Congresso dos Anatomistas. Fotografia tirada na Escola Medica.

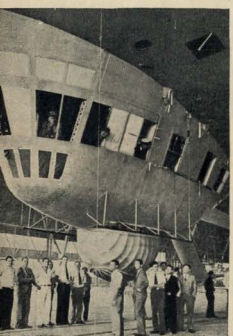
Na festa solemne que se realisou na Academia das Sciencias de Lisboa, para entrega das insignias da gran-cruz de Santiago da Espada, o seu presidente Dr. Julio Dantas, o reitor da Universidade de Coimbra e varios Academicos entre os quaes Bento Carqueja, Achilles Machado, Eugenio de Castro, Joaquim Leitão, Pedro Pitta, Queiroz Veloso e Albino Forjaz de Sampaio.

O mês no Estrangeiro



— Curiosa fachada de um estabelecimento de carnes em Paris. Tão curiosa que mereceu esta foto da Associated Press e a sua reprodução na *L'Illustration*.

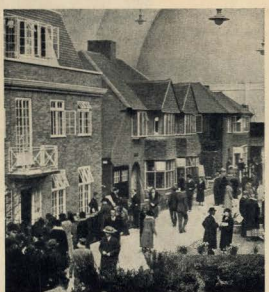
— Apesar de republicana, e de ter dado o voto ás mulheres as ruas de Madrid na Semana Santa tiveram o mesmo luzimento da Semana Santa monarchica e reaccionaria.



— A cabine do maior dirigivel do mundo *Akron*, com alguns aficiaes. Em 4 de Abril adou-se no Atlantico com 73 oficiaes e ulantes tendo apenas escapado 3 pessoas catastrofe.

— O odio aos judeus na Alemanha provocou estes disticos, na fachada dos armazens judaicos, que não foram mandados pintar pelos respectivos donos.

— Os pequenos alemães são já educados para a guerra. Esta gravura mostra dois pequenos partidarios do nacional-socialismo no seu trajo racico e caracteristico.



—Aspecto da Exposição da Casa Ideal ultimamente realisada em Londres. Casas e mobiliario, utilidades, tudo o que existe capaz de entontecer uma dona de casa.

todos ou quási todos os nossos relatórios se terminam com frases de energia, de confiança e de esperança. Aceitamos o auguro dos nossos colegas. Que as nossas discussões possam levar á metropole e ás colónias sentimentos de confiança e de solidariedade, preocupações de justiça, ecos de paz, de ordem e disciplina voluntária sob a égide da ciencia e da confiança em Deus.»

Seguidamente o sr. dr. Armindo Monteiro pronunciou o seguinte discurso, que pela sua importancia excepcional reproduzimos na integra:

O discurso do sr. ministro das Colonias

Sr. Presidente e meus colegas do Instituto Colonial Internacional

Com profunda satisfação cumpro o dever de vos dirigir as mais efusivas saudações. Representantes categorizados da Ideia colonial de que ha muitos seculos os portugueses foram os precursores audaciosos, têm os membros do Instituto Colonial Internacional mais do que ninguem direito a recebê-las. Em nenhuma lugar poderirim elas soar melhor do que nesta velha cidade de Lisboa, berço das descobertas e conquistas longiquas, fonte do movimento de colonização moderna. E nenhuma oportunidade mais perfeita do que esta se poderia oferecer para trocarem opiniões sobre alguns dos mais inquietantes problemas do nosso tempo, a homens que, como vós, com seu engenho, saber ou acção pratica, tão farta contribuição têm dado para a obra do prolongamento da civilização cristã na Africa, na Asia, e na Oceania.

Interesses de enorme extensão, ambições nem sempre bem cabidas, juizos muitas vezes falsos, têm desvirtuado as questões ultramarinas. E' claro a falta de contacto entre as verdades coloniais e a opinião publica; e o acolhimento dado a certas coloniais por certa opinião de homens de Estado facilmente toma os aspectos que por vezes assustam e desanimam.

As palavras que possam dizer-se aqui farão talvez compreender melhor coisas que são diferentes das que na Europa se vêm todos os dias e que por isso não podem ser julgadas com os elementos da logica que se aplicam aos acontecimentos correntes

As questões coloniais exigem, ao lado de uma competencia propria, um sentido especial: é assim nos homens como nos povos. Não é colonizador o povo que um dia sonhou com empresas longiquas, com com prosperidades que da emigração para remotas paragens lhe pudessem vir, só porque na metropole tem gente a mais ou capitais abundantes. A colonização exige um genio especifico, uma vocação caracteristica, uma força intima, que participa do gosto da aventura e do estar imediato e ao mesmo tempo do desconhecido, do desprezo pelo bem, ansia de conquistar a riqueza através de mil sofrimentos e perigos, reclama uma maneira de ser especial em que, ao lado de uma infinita tolerancia e piedade pelo que lhe é inferior, na gente do sertão, figura a intransigencia no desejo de os elevar, aproveitando as suas aptidões e abrindo a sua inteligencia, sentimento e actividade á clara luz duma vida mais nobre.

Inutilidade de grandes excessos de população para uma obra de colonização

O exito de uma colonização não é a resultante de factores quantitativos —em gente ou em capitais. Depende essencialmente da qualidade dos elementos que nela se lançarem—das suas virtudes, em primeiro lugar, da sua organização depois e da sua preparação tambem.

E' preciso desvanecer o erro de supôr que a posse de colonias pode dar a qualquer povo solução ao problema da colocação dos seus excessos demográficos ou dos seus capitais inactivos, erro que pode ser de consequencias tragicas para o futuro de toda a obra colonizadora moderna.

A emigração acode sobretudo ás zonas em que o desenvolvimento do capital é mais rapido do que o da mão de obra. E' esta circunstancia que melhor explica as formidaveis cifras da imgração para os paises americanos em todo o correr do seculo XIX. As possibilidades do meio natural, favorecendo a criação e a acumulação de capitais, solicitavam ali incessantemente novos braços. Assistimos a uma verdadeira sucção das multidões europeias.

Apesar do avanço da ocupação dos territorios que hoje são as colonias de todos os que aqui nos encontramos, a direcção dos movimentos emigratorios não marcava um desvio. Continuavam elas a trilhar indiferentes aos seus velhos caminhos. Enquanto na America as populações brancas se multiplicavam rapidamente na Africa e na Asia só acusavam aumentos insignificantes.

Na Africa não ha agora decerto uma população de raça branca superior a 3,5 milhões de habitantes. Mas no seculo XIX sairam da Europa para longinquos continentes cêrca de 150 milhões de pessoas. Ainda hoje é verdadeiramente miscrocopio o contingente da emigração para as colonias. Ao lado dos 50 ou 60 milhões de europeus que em 1913 habitavam fora do país natal, fazia na verdade pequena figura o parco milhão e meio que tinha escolhido a Africa para campo de acção.

Mas poderá esta cifra surpreender?

Sem contarmos com as dificuldades de adaptação ao meio—dificuldades que dia a dia vão deminuindo—a verdade é que nas colonias, apesar do periodo de intenso desenvolvimento por que têm passado, só em pontos perfeitamente conhecidos é sensivel a falta de mão de obra. E facilmente estas insuficiencias são satisfeitas pelo braço negro ou amarelo. O branco não poderá concorrer com eles. Imaginem que miserias e tragedias provocaria um país cujo governo se lembrasse de transportar para as colonias grandes massas dos seus naturais para resolver o problema do desemprego ou da sua mesa miseria na Europa. Depois de ter gasto fabulosas quantias, pouco mais conseguiria do que criar um vasto proletariado branco em regiões onde dificil seria valer ao seu abandono. A colonização que desse modo se fizesse seria apenas a forma de entregar á fome, á doença, á morte quasi sem defesa, multidões que, apesar da violencia de crise, ainda hoje encontram na Europa o amparo de uma solidariedade geral que na Africa naturalmente faltaria.

Ha longos anos que algumas das nações de mais forte população possuem no continente africano vastas colonias. Se examinarmos, ao fim do portiado trabalho nelas desenvolvido, os resultados alcançados, com desanimo verificamos que estão abaixo do minimo que com pessimismo se podia supôr. A emigração só vagarosamente acode ao apêlo dos países africanos. E constata-se que povos que longa e asperamente lutaram pela posse de colonias—não têm afinal, todos os colonos que precisariam ter. Os grupos dos seus nacionais estabelecidos no estrangeiro são muito mais importantes e numerosos de que os que tomam rumo dos territorios adquiridos na Africa, na Asia ou na Oceania.

Ao lado deste facto convem referir um outro, para mostrar a inanidade da tese dos que vêm nas colonias possiveis servedouros de população. E' que muitos dos grandes países europeus começaram a interessar-se pelas actividades ultramarinas precisamente no momento em que as cifras mostravam que o desequilibrio demográfico tinha desaparecido diante do desenvolvimento industrial. Certos países extraram na vida colonial quando a sua emigração tendia já a desaparecer: e a sua população não sentiu

NO "PARAIZO FASCISTA
ADÃO E EVA

Hitler a Mussolini—Partamos esta bola ao meio meu Benitinho

(Do *Mucha*, de Varsovia rep. do *Lu* de 7)

Diz ao mundo que te escute como são gentis contigo!

(De *The Nation* de New-York)

a influencia das aquisições ultramarinas.

Na verdade, a colonização não dará nunca uma formula que permita a resolução do problema dos excessos demográficos. Estes acudirão no futuro como no passado, aos territorios que, com menor esfôrço, permitirem a colocação mais lucrativa. Não é este o caso das colonias africanas. Por uma especie de fatalidade superior, a população tem-se acumulado nelas muito lentamente, na medida em que a acção do homem sobre o meio foi modificando as condições naturais, domando o que nelas ha de violento ou de inconciliavel com a vida da gente da nossa raça. Por isso, a dificil função de colonizar pôde ser desempenhada tão perfeitamente por povos de pequenas cifras demográficas, como por aqueles em que estas atingem dezenas de milhões. A colonização não é uma questão de numero. Mas ter colonos não é o mesmo que ter gente em demasia.

Inutilidade tambem de excessiva abundancia de capitais para se activar a colonização

E tambem não é tanto uma questão directamente ligada á grande abundancia de capitais como a muitos pode parecer. Ha argumentos que se empregam facilmente e que encontram tão favoravel acolhimento, mesmo entre pessoas de cultura economica, que ao fim de certo caminho tomam o aspecto de dogmas. Encontramo-los, depois, por falta dum exame atento, repetidos como verdades indiscutiveis e elevados ás culminancias das ideias directoras do governo dos povos. Está nessas condições a opinião que aponta a necessidade dos grandes capitais disponiveis como factor essencial da colonização.

Ora o certo é que, se exceptuarmos as zonas mineiras, onde, em qualquer ponto do globo, são faceis e possiveis sempre as grandes concentrações de capital, na quasi totalidade das regiões tropicais o dinheiro só encontrará emprego na medida em que o seu desenvolvimento agricola o permitir. Este será sempre lento: depende não só de elementos respeitantes ás proprias colonias, mas tambem de factos externos. De entre os primeiros devem destacar-se as possibilidades de integração do preto na disciplina dum trabalho ordenado e continuo e uma prolongada acção sobre as condições naturais do meio, par lhes tirarmos a sua irregularidade e violencia; de entre os segundos convem mencionar, pela sua fundamental importancia, as probabilidades de absorção dos produtos pelos mercados externos. Quem examinar a lista dos generos coloniais facilmente poderá verificar que o Mundo chegou, quanto á maioria deles, ao estado de saturação. A politica do aumento da produção nas colonias tem hoje um sentido quasi exclusivamente nacional. E' uma tabua de salvação. Cada país, fechado no seu egoismo, procura assentar a actividade produtora ultramarina apenas nas necessidades dos seus proprios mercados—excluindo o recurso á produção alheia. Se para além deste nacionalismo violento encararmos o problema, vemos que da aplicação de grandes capitais ao desenvolvimento da produção sairão complicadas as condições da crise africana: desenvolver-se-á a produção dos generos a que os mercados não poderão dar facil escoamento. E' de notar, como circunstancias de enorme valor, que ainda hoje muitas empresas agricolas coloniais se mantêm em laboração graças apenas aos lucros noutros tempos acumulados.

Os efeitos da crise sentir-se-iam em Africa com maior agudeza se, por um lado, os Estados não tivessem acudido a muitas das mais prementes dificuldades e se, por outro, as reservas do passado não fôssem cobrindo os prejuizos do presente. Mas já chegámos á sobreprodução. Muitas das materias primas coloniais obtiveram, noutro tempo, preços que naturalmente não voltarão a ter em épocas próximas, porque as condições em que eram oferecidas mudaram. Temos em Portugal um exemplo de singular evidencia na economia da ilha de S. Tomé, cujo brilhante desenvolvimento se deve, em grande parte, ás altas cotações de cacau — e que hoje as circunstancias do Mundo tristemente arrastaram até níveis que, se durante muito tempo se mantiverem, serão incomportaveis. Está ameaçada, assim, na sua propria vida, uma das mais fecundas e altas manifestações da actividade colonizadora da nossa época.

O que serão os preços do futuro? Ouço, com frequencia, afirmar que é preciso ser optimista. Ao contrário, eu creio que é preciso ser péssimista, prevendo o mal, para lhe fazermos face. O optimismo afasta-nos da realidade. Desvaira a opinião. Por certos meios comerciais terem encarado a vida das colonias com excessiva confiança é que a crise atingiu além-mar a intensidade que lhe conhecemos. Não julgo que os tempos dourados voltem fácilmente: e boa rota será a de preparar os povos para aceitarem o trabalho árduo, a disciplina e os sacrificios que as duras eventualidades do presente exigem. Os coloniais precisam de se defender da opinião dos que consideram a prosperidade como o estado natural das coisas e sôbre ela alicerçam as suas organizações. Quantas ruinas se teriam evitado se, na arquitectura das actividades ultramarinas, todos os países tivessem considerado os grandes lucros como excepção e o esgotamento rápido de tôda a produção como um favor da fortuna, que é, por natureza, inconstante!

O momento duma crise como esta oferece, mais do que nenhum outro, uma boa oportunidade para estudarmos as coisas coloniais, sobretudo as africanas, sob o aspecto da sua resistencia.

A situação das grandes empresas e dos pequenos colonos

Facilmente verificamos qeu as grandes empresas foram as primeiras a ceder diante do grande temporal economico que se levantou. Não é animadora a paisagem que por esse lado temos diante dos olhos. Muitas das que não vivem do favor do Estado, vivem amparadas pelo credito, ou fechadas dentro de moratorias, de acordos, de transacções com crédores, quando não entraram ousadamente no campo das liquidações. Grande numero delas parou completamente a sua actividade. Assim acontece, em grande escala, por exemplo, na zona das industrias mineiras. Ha colonias onde dois terços dos capitais investidos se consideram perdidos. Através da formula das grandes empresas tinha a colonização penetrado no grande publico, absorvendo largas quotas das economias privadas. A colonização pela Bolsa é hoje uma grande ruina. E atrás dela ficou, para durar muito tempo, a desconfiança geral.

Nem pode isto surpreender a quem pensar nos grandes riscos que oferece a colocação de capitais em regiões fracamente povoadas, em que o trabalho é uma força incipiente e cuja riqueza é, muitas vezes, uma obscura interrogação Constituiram-se em muitos casos grandes acumulações de capital, com fins que se diziam coloniais: no fundo visavam o sustento de certas industrias europeias ou simples manobras de Bolsa. Assim se ergueram, na Africa, construções gigantescas, que não conseguiram sustentar-se fora dos orçamentos metropolitanos, e por muito tempo hão de onerar a pobre economia colonial com encargos que os recursos locais dificilmente poderão comportar, e que, na verdade, não são sempre justificaveis, á face das necessidades das varias regiões. O estudo imparcial da actividade das grandes empresas coloniais, que muitas vezes dispuzeram de somas astronomicas, mostra quasi sempre o seu insucesso. Os industriais e os financeiros abusaram das colonias como objectos de lucro: estas tomam agora a sua terrivel vingança. Para evitar abalos profundos, é preciso que a aplicação de capitais no Ultramar se faça atendendo exclusivamente ás necessidades dêste e não ás das industrias ou das finanças metropolitanas. Nas colonias convém talhar com mãos largas. Mas devemos contentar-nos com a terra, sem logo ambicionarmos chegar ao Ceu. Nem sempre se fez assim, e esse foi o erro. Sobrecarregaram-se, por isso, as colonias com o pêso de juros e

de amortizações que a sua economia não póde suportar, em vez de lhe dar seguros elementos de força, a desordenada e imoderada entrada de capitais acabará sempre por se revelar um factor de ruina. O capital deve ser como o entusiasmo: que nunca falte o necessario, mas que tambem nunca transborde.

A média e a pequena colonização têm mostrado maior poder de resistencia do que os grandes capitais. As duas vastas colonias portugueses de Angola e Moçambique dão-nos um exemplo flagrante do que elas valem como força de vanguarda colonial. Varridos pelos primeiros vendavais os casos de simples má gestão, pode dizer-se que as forças das colonias ficaram intactas. O comerciante e o agricultor não abandonaram os seus postos. Apesar de todas as dificuldades da hora presente, quasi podemos, sem erro, falar da permanencia das quantidades exportadas. Em muitos casos, mesmo estas aumentaram.

Não admira: A administração por elas exercida tem um caracter imediato. A direcção não se dilui; as ordens não se afastam dos seus objectivos; o trabalho sofre a influencia dum incitamento eficaz; o estado maior e a burocracia são os estritamente indispensaveis. Nenhuma actividade se perde; nenhum esforço é desproporcionado; nenhuma despesa deixa de ter um fim util. E eu considero, cada dia com mais fortes razões, que estas são as grandes molas do exito nas actividades coloniais.

Não sei assim se o triste correctivo que ás passadas audacias do capital privado esta crise infringiu, os não terá desencorajado por muito tempo, nem se eles consentirão em retomar os longinquos caminhos da Africa, da Asia e da Oceania sem solidas garantias por parte dos Estados. Mas sei que a colonização pelas grandes massas de capital não teve a fecundidade e não deixou—no Ultramar—atrás de si, a solida e resistente obra que as pequenas iniciativas, as pequenas economias aplicadas e administradas por quem as reuniu têm construido lentamente.

O que tem sido a colonização portuguesa e os seus resultados

Nas colonias portuguesas estamos em frente dum caso tipico de colonização levada a cabo por um povo de pequena população e de modestos recursos monetarios: e que, apesar disso, chegou modernamente na Africa a resultados que não temem confrontos com os que conseguiram os povos mais populosos e ricos do mundo. Examinemos, em primeiro lugar, a questão das populações. Permitam-me que cite alguns numeros. Em 1913, nos 3.000:000 de quilometros quadrados que tinham de superficie as vastas colonias alemãs espalhadas pelo globo, viviam 24.389 europeus; nas grandes colonias italianas de Africa, segundo dados dignos de fé, habitam agora 54.500 europeus, o que representa inegavelmente, um limitado esforço nos 7.000.000 de quilometros que tem de superficie a Africa Oriental e Equatorial Francesa; no Camarão e Madagascar vivem 49.000 europeus e assimilados; no Congo Belga havia, ha pouco, 20.000 europeus; na Gold Coast, Serra Leôa, Kenya, Uganda, Tanganika, Zanzibar, Niassaland e Rodesia do Norte, segundo publicações dignas de crédito, haverá 42.000 europeus. Nas colonias portuguesas da Africa residem, na hora actual, calculando baixo, não menos de 60.000 europeus e mais de 120.000 assimilados. Temos 80 brancos por 10.000 indigenas; das outras colonias referidas, a cifra mais alta é de 25 europeus por 10.000 pretos. E, enquanto Portugal representa 30 europeus por 1.000 quilometros quadrados, nas outras colonias tropicais a proporção não deve ir, em área igual, além de 24.

Assim parece que nenhum país conseguiu, tanto como Portugal, interessar as suas populações no desenvolvimento das colonias tropicais. Um país de pequena demografia obteve resultados que não sei se outros terão atingido—apesar das massas enormes da sua gente. Atribui-se a Bismarck, com ou sem verdade, a afirmação de que Portugal é um país com colonias e sem colonos. Os numeros desmentem categoricamente esta opinião, que foi posta a correr Mundo e deu origem a muitas e injustas apreciações sobre a actividade colonial do meu País. Portugal é no Mundo um dos países que mais colonos têm.

Pode considerar-se prodigioso o desenvolvimento do comercio africano nas ultimas dezenas de anos. Todas as nações que sôbre si tomaram a grande tarefa de desbravar o misterio do continente negro têm sabido estar, sem excepções, á altura das suas graves responsabilidades. A nenhuns sacrificios de vidas ou de dinheiro se têm poupado. Em lugar das raquiticas cifras que indicavam o comercio de ha 30 ou 40 anos, encontramos hoje numeros que resumem sempre milhões.

E' dificil, nesta materia, reunir elementos que não possam ser discutidos. Nas proprias publicações oficiais topamos com divergencias. São diferentes os metodos de notação e de elaboração: numeros que parecem comparaveis não o são em rigor. Com todas as justas reservas me permito por isso ler aqui algumas cifras.

Em 1928, o comercio total das colonias da Africa Ocidental Francesa, com os seus 11.000:000 de habitantes, foi de 2.761 milhões de francos: a cada pessoa pertenceram 249 francos. No mesmo ano, a Africa Equatorial Francesa, Madagascar e suas dependencias movimentaram 1.550 milhões de francos nas suas importações e exportações: a cada um dos 6.750.000 habitantes que estes dominios têm corresponde uma quota de 230 francos. Traduzem estes numeros um esforço da extraordinaria importancia e intensidade.

Em 1929, o comercio geral das colonias inglesas de Kenya, Uganda e Tanganika somou 26.071:291 libras—o que corresponde a Libras 2-6 por cabeça. A Nigeria, póvoada por mais de 19 milhões de negros, teve um comercio avaliado em cêrca de 31 milhões de libras —ou seja por habitante Libras 1-12.

As colonias italianas de Africa tiveram em 1930 um comercio maritimo que vejo totalizado em 851,5 milhões de liras: é de 373 libras a capitalização obtida, e é, sem duvida, muito alta.

O comercio externo do Congo Belga atingiu em 1930 o enorme quantitativo de 3.320 milhões de francos: são 395 francos por habitante. Não podiam sequer sonhar com estas cifras os ousados pioneiros belgas, que não ha ainda muitos anos trouxeram o Congo para a civilização, escrevendo na historia do seu país paginas de imperecivel gloria. Os seus esforços e lutas fortificaram em larga seara.

Osino da igreja de Potsdam onde funciona o novo Reichstag

(Da *Leningradskaia Pravda*, de Leningrado)

Tendo falado dos outros, não parecerá mal que fale agora do meu País. Ficam bem no alto dos numeros citados os algarismos que marcam o movimento comercial das colonias portuguesas de Africa. Em 1930 somou ele a enorme quantia de 4.244:578 milhares de escudos. Apesar da crise, a capitação comercial correspondente foi de cêrca de 598 escudos.

Se é certo que todos os países fizeram o que deviam e trabalharam com o afinco e denodo que a nobre misão de colonizar exige, bem parece que Portugal soube dignamente enfileirar entre eles—levando até a um lugar que avulta entre os primeiros a exploração das terras que ocupa.

O que temos feito em obras de fomento: portos, linhas ferreas e estradas

Como elementos essenciais de toda esta imensa actividade comercial aparecem-nos os portos, as estradas e os caminhos de ferro. Milagrosamente, a iniciativa do europeu sulcou as colonias em todos os sentidos com vias de comunicação modernas.

Ha oito ou nove meses atravessei a Africa de costa a costa em poucos dias: partindo do Lobito sôbre o Atlantico, deixei o comboio sem interrupções em Lourenço Marques, sôbre o Indico. Pela primeira vez um veiculo sôbre «rails» foi de Oceano a Oceano. Cito este facto, que ficou ligado á historia dos Caminhos de Ferro de Benguela, como indice do imenso trabalho realizado e das facilidades de comunicação já existentes.

E consintam que reivindique para o meu País um lugar de relêvo entre os que mais intensamente se têm dedicado á tarefa de abrir na selva os caminhos da civilização.

Falemos primeiro dos portos.

Não se tem Portugal poupado a despesas para construir nas suas colonias de Angola e Moçambique portos que satisfaçam a todas as exigencias da tecnica moderna. E pode dizer-se que, pelo seu proprio esforço, já em ambos os litorais de Africa, Lobito e Lourenço Marques oferecem á navegação uma utensilagem modelar. As obras em curso no Lobito custaram cêrca de 50 milhões de francos; em obras e utensilagem empregámos em Lourenço Marques mais de Libras 2.300:000. São portos magnificos, a que o maior futuro está reservado. Convém juntar-lhes a Beira, onde obras importantes vão avançando e que, em breve tempo, rivalizará com os melhores portos de Africa.

Para se ter a noção exacta do valor relativo dos grandes portos africanos portugueses, basta dizer que em 1930 entraram em Lourenço Marques 1.671 navios, tendo embarcado e desembarcado 1.876.000 toneladas e 163.025 passageiros. Em Durban entraram 1.383 navios, em East London 740, na Beira 644, em Dar-es-Salaam 601 e 687 em Mombaça.

Se é certo que a natureza favoreceu singularmente os nossos portos, não é menos certo que das suas condições próprias nós temos procurado tirar todo o proveito possivel. Assim os vamos elevando até ao nivel em que se encontram os mais importantes.

★ ★ ★

Em matéria de estradas e de caminhos de ferro não tem sido o nosso esfôrço menor do que o dos outros países coloniais. Temos em Angola e Moçambique 3.750 quilómetros de vias ferreas em exploração e mais de 58.000 quilómetros de boas estradas em todas as possessões africanas.

Desculpem-me se ponho diante dos vossos olhos os numeros que justificam a minha afirmação. Mas pertenço a um País que tem sido no estrangeiro tantas vezes injustamente apreciado, que eu não posso perder esta ocasião de dizer o que temos construído e o que sômos como elemento criador de riqueza e de civilização.

Para a Africa Ocidental francesa, Madagascar e Africa Equatorial, vasto império com mais de 20 milhões de habitantes e 6.735.000 quilómetros quadrados, cita o *Annuaire Statisque de la France* 3.069 quilómetros de via ferrea. O Congo Belga tinha em 1930 conseguido já 3.750 quilometros, realizando assim uma tarefa imensa. A Italia nas suas grandes colonias tinha 849. A Nigeria, para as necessidades, de 19 milhões de habitantes tinha 1.831 milhas de linhas e a Rhodesia do Norte 506.

Obra de titans se pode chamar a que levou a estes resultados. Já hoje não podemos fazer uma ideia certa das dificuldades que foi preciso vencer para cruzar o sertão africano, em todas as direcções, com dezenas de milhar de quilometros de caminhos de ferro, dominando as resistencias dos homens e das cousas. Ha poucos anos ainda o interior da Africa era praticamente inacessivel. Tudo dependia da lenta marcha das caravanas. O «rail» mudou as condições da vida. Entregou a Africa ao branco e as sociedades negras, tradicionalmente tumultuarias, levou desconhecidos elementos de riqueza e bem-estar. Deu-lhes sobretudo um que elas ignoravam: a paz.

Ao citar os numeros que aí ficaram quis apenas atribuir a Portugal a sua grande e justa parte nesta gloriosa transformação.

O que são as virtudes do colono português

Lugar de igual relevo nos cabe na materia de protecção ao indigena, de ensino, de assistencia sanitaria agricola e pecuaria. Não documentarei agora com numeros estas afirmações porque falo ha muito tempo já e não os quero cansar mais. Limitar-me-ei por isso a salientar que toda a obra colonial portuguesa, levada a cabo por vezes com exigencia de fortes sacrificios por parte da Nação, não acumulou pesados encargos sobre os orçamentos ultramarinos. Pode dizer-se que, exceptuando Angola, que deve cêrca de 800.000 contos, o futuro das restantes colonias está livre. Podemos apresentar Moçambique como o exemplo de uma administração que tem sabido desenvolver-se dentro das suas proprias possibilidades e das disponibilidades gerais do Tesouro, sem utilizar a sua capacidade de crédito.

Pode dizer-se que a colonização portuguesa, de um modo geral, tem conseguido avançar regradamente sem nunca forçar as finanças do Estado a gastos incomportaveis, contentando-se com pouco quando chegam os tempos das restrições e sempre realizando muito. Nesse admiravel espirito de adaptação está um dos grandes segredos dos nossos triunfos ultramarinos. A seu lado convém colocar três outros factores: a iniciativa do colono, o seu profundo nacionalismo, o talento de tratar com as raças inferiores.

Não tem o colono português encontrado quem dignamente proclame as suas virtudes. E contudo elas podiam ser apresentadas ao Mundo inteiro como exemplo de audacia fria, de desprezo pelo perigo, de indiferença pelo sofrimento, de sobriedade, de persistencia no trabalho, de amor á terra.. O colono português tem a sua propriedade, a sua loja, a sua pequena industria, quasi com um posto de honra. Se a crise vem e inesperadamente lhe tira todo o lucro com que durante anos sonhou resignadamente põe-se a viver com pouco, espera, fica e recomeça.

Um grande sentimento poetiza a sua vida: o amor a Portugal. O simples nome da Patria arranca lagrimas de enternecimento aos seus olhos—que nenhum outro sentimento poderia fazer chorar. Falem de Portugal a qualquer colono lusiada perdido no sertão africano: vê-lo-ão transfigurar-se em soldado. Temos assim algumas dezenas das melhores fortalezas em Africa. O sentimento da unidade da Nação—a mesma na Europa, na Africa, na Asia ou na Oceania—domina a sua vida. E Portugal pode pedir-lhe os ultimos sacrificios que, sem hesitar, os fará alegremente.

Falo com saber feito de experiencia e gratidão, porque muito tenho pedido, em nome da colectividade, e muito sem regatear, nesta hora dificil, me tem sido dado.

O amor dos indigenas á Metropole

E isto explica o facto de, quasi sem força militar, dominarmos, em plena paz, as grandes populações que trouxemos para a sombra da nossa bandeira. O colono português tem a intuição profunda dos bons metodos da politica indigena. Sem violencia sabe fazer-se obedecer. Sem rigor consegue a disciplina no trabalho. Como ministro atravessei as colonias portuguesas da Africa de ponta a ponta; penetrei sózinho em multidões profundas; misturei-me algumas vezes com a turba negra, sem defesa. Sempre me vi acolhido pelo clamor alegre do gentio, sempre as suas manifestações de amizade me mostraram que a autoridade que eu representava era olhada com respeito, isento de todo o terror, considerado como a pro-

Apesar do meu estomago, isto é que não sei se poderei engulir....

tecção de que se necessita e que se deseja. Esta conquista do coração do preto é a obra formidavel de todos os portugueses das colonias—de todos sem excepções—e a marca indelevel da nossa colonização—que nós todos confundimos com o proprio futuro de Portugal e consideramos tão necessaria ás almas como a independencia.

E preguntareis agora, naturalmente, se nos contentam os resultados alcançados. Contentes estamos decerto, como quem muito e honradamente tem trabalhado e vê dia a dia crescerem-lhe os bens. Mas não estamos satisfeitos. A fascinação do passado faz-nos julgar sempre mediocre o presente. A ambição nacional exige que cada dia façamos mais e melhor: e havemos de fazê-lo, porque sabemos, queremos e podemos.

Ao findar, reparo que a paixão pelas cousas coloniais me levou a falar-vos mais como membro da ilustre agremiação que aqui se reune— e a que tanto me honro de pertencer—do que como ministro que tendo-vos dado as boas vindas, em nome do seu Governo, se deveria talvez ter limitado, protocolarmente, a desejar o completo exito dos vossos trabalhos.

Mas na verdade o facto de ver aqui reunidos tantos coloniais de grande categoria, ilustres por inumeros serviços prestados á causa ultramarina e tão distintamente presididos pelo meu compatriota sr. conde de Penhía Garcia, tornaria inutil a expressão dêsses desejos pela antecipada certeza de que as vossas discussões deixarão fecundo resultado—para o bem de todas as Nações.

Nas sessões seguintes o sr. Solus apresentou a sua tese sôbre *O direito privado em matéria de relações entre indigenas e não indigenas*, e o dr. Vicente Ferreira sôbre *O regime monetário nas colónias*, que foi impugnada pelos srs. J. Coatman e Ruy Ulrich, e defendida pelo dr. F. Emidio da Silva. A tese do sr. Solus foi discutida por Speyer, Charles e Moresco.

Discutiu-se a crise das colónias, iniciando a discussão o sr. Vivier du Strell, a que se seguiram os srs. Lisboa de Lima. O sr. Conde Narren foi o relator da 3.ª tese, *A crise nas colónias*.

O dr. Armando Cortesão apresentou um relatório sôbre *A Guiné portuguesa e a crise*, e o sr. engenheiro Bacelar Bebiano outro sôbre *A colónia de Cabo Verde e a crise*, etc.

O sr. Presidente da Republica recebeu os congressistas, o sr. Conde de Penha Garcia deu-lhes uma festa intima em casa, e no Grémio Alentejano os congressistas portugueses deram um banquete aos seus colegas estrangeiros.

Incorporando-se ainda nos trabalhos do Instituto Colonial Internacional fêz o sr. Luiz Frank, no dia 19, uma conferência na Academia das Ciências sôbre *As politicas indigena, economica e financeira seguidas pela Bélgica no Congo Belga*, que foi muito aplaudida.

Varias

Uma entrevista oportuna «As ambições sobre as nossas colonias só nos devem estimular para fazermos tudo pelo Imperio» diz-nos o conde de Penha Garcia, é o titulo de um artigo muito curioso no *Diario de Lisboa* de 17.

—*Brito Camacho e as colonias* é o titulo de um artigo de Aquilino Ribeiro publicado no *Diario de Lisboa* de 19.

—Reuniu-se, no dia 15, no Palacio da Ega, á Junqueira, a Comissão da Historia da Colonização Portuguesa. Depois de alguma discussão sôbre se seria preferivel a organização de uma Historia Geral Sintetica e Sincronica ou de Monografias das nossas actuais colonias e das que já nos não pertencem, ficou resolvido que se adoptasse este ultimo criterio, fazendo antecéder o trabalho de uma Introdução Geral á Historia da Colonização.

Em 15 de Maio, a comissão reune-se, de novo, para assentar, definitivamente, no plano a entregar ao sr. ministro das Colonias.

CONFERENCIAS—Na Semana Portuguesa, em Vigo, pelo tenente sr. Henrique Galvão, *A Galiza no povoamento das colonias;* no dia 12, no Centro Socialista de Alcantara, o sr. Mario Coelho, sôbre *A Provincia de Angola.*

BIBLIOGRAFIA—Gilberto Marques—*Africa. Portugal futuro; Colonia de Moçambique. Territorio de Manica e Safala;* Luiz Teixeira—*Na roda do Batuque.*

Historia

Da conferencia que sobre *Joana d'Arc* o professor da Universidade de Coimbra dr. Providencia Costa tinha feito na Associação dos Estudantes Catolicos do Porto reproduz *A Voz* do dia 10 um largo excerpto.

BIBLIOGRAFIA: — Moses Bensabat Amzalak—A politica dos principes de Italia; id.—*Um discurso de Messaneh ben Israel recitado em Amsterdão em* 1642; Teotonio da Fonseca—*Um punhado de gnealogias.*

—G. Lenotre—*La Maison desCarmes*, 22 frs.; Guy de la Batut—*Louis XV*, 15 frs.; Jaques Boulanger—*Sous Louis Philippe: Le Boulevard*, 15 frs.; Miguel de Unamuno—*Avant et aprés la Révolution*, 15 frs.

Geografia

BIBLIOGRAFIA—José Pinto Guimarães—*OParaguai.*

Portugal

—Em *O Seculo* de 16 publica Voetelink um artigo sob o titulo: *O castelo de Wychen na Holanda, que foi pertença dum português, vai ser vendido.*

CONFERENCIAS—No dia 5 realizou o engenheiro sr. José Araujo Correia, na Sala Algarve da Sociedade de Geografia, uma conferencia sôbre *O genio da raça.*

BIBLIOGRAFIA—Mario de Gusmão Madeira—*O Alemtejo desconhecido.*

Este numero foi visado pela comissão de censura.

V -- Letras

A) As letras e os letrados: *Instituições culturais. Premios e estimulos literarios.*
B) Bibliotecas e arquivos: *Biblioteconomia. Paleografia. Cronologia. Diplomatica. Selos e gravuras. Numismatica. Filatelia. etc.*

C) Bibliografia:

a) Bibliografia. Dicionarios. Obras gerais.
b) Historia literaria. Biografia. Memorias, cartas, etc.
c) Romances. Contos. Novelas.
d) Poesia.
e) Obras para crianças.
f) Diversos.
g) Literatura estrangeira e traduções.

D) O Livro: *Artes graficas. Decoração do livro. Ex-libris.*

A lingua portuguesa

Principiam os filologos e os puristas a afligir-se com os maus tratos que este nosso idioma, duma riqueza sem par, está sofrendo por parte de muitos que o escrevem e falam, sem saber o que fazem nem o que dizem. A reacção é tardia. Vem fora do tempo. Será, porventura, o mal novo, recente e inesperado? Ninguem, com conhecimento de causa, ousará afirmá-lo. Não se trata, como á primeira vista poderia parecer, duma varinha de erupção instantanea, virulenta e violenta, porque estamos perante uma epidemia antiga, já fértil em estragos profundos e de há muito a reclamar remédios, que ainda não lhe foram aplicados. A doença não se caracteriza pela sua espontaneidade. Não se autogerou. Não

provem de focos desconhecidos. Situa-se na propria base do nosso ensino. Basta, para se ter a certeza disso, tomar contacto, ainda que pela rama, com os programas da instrução publica portuguesa. Chega, e de sobra, reparar na forma como nas escolas nacionais se ensina, em geral, o português e atentar no lugar que ele ocupa entre as disciplinas com que emparceira. Se não se fez dele um filho espurio, pouco menos. Deu-se-lhe, teóricamente, uma importancia máxima. Mas, na prática, tudo claudica, tudo sossobra, tudo se afunda num mar de superficialidades, capaz de afogar as mais visiveis, as mais prometedoras vocações literarias.

E' vêr o português que fala e escreve a grande maioria dos alunos dos nossos liceus. Nem brilho, nem observação, nem sentimento, nem nada. Chame-se um estudante do sétimo ano de letras. Dê-se-lhe um tema, por banal que seja, para ele desenvolver por escrito. O monstrozinho que ele cria, a que pretende dar côr e movimento, que ele anima com os seus conhecimentos e com a sua inteligencia, mete mêdo. Nem ideias nem, frequentemente, sombra de bom senso. Palavras sem nexo, termos fora de proposito, frases pueris, ignorancia perfeita da arte de redigir é o que ele revela com uma evidencia e uma sem-cerimonia, diante das quais não há paciência, por mais sólida, nem boa vontade, por mais benevolente, capaz de resistir. O espectaculo indecoroso principia por indignar. Depois confrange, tortura, entristece. Dos bicos da pena do letrado incipiente não saiu nada que mereça admiração. Cinco anos de latim a pesar-lhe sôbre os ombros e sete de português arrumados na sua pasta escolar não lhe abriram os miolos, não os abasteceram de regras fundamentais, não o ensinaram a ser claro, conciso e correcto. E assim, em vez de produzir duas ou três duzias de linhas, que se leiam com prazer, deu de si, quando muito, um relatorio de cabo de esquadra, em que a sintaxe anda ás turras com a ortografia e o bom gôsto não roçou nem ao de leve os seus dizeres ingénuos, pueris, por vezes picarescos e quási sempre ridículos.

Donde provém semelhante incompetencia para o uso da lingua pátria, que é o instrumento superior e indispensavel com o qual o homem se apresta a travar todas as batalhas, que são o recheio da existencia? Da falta de zêlo dos professores? Não. Os professores fazem tudo quanto podem para ensinar bem, para cumprir o seu dever. Afirmo-o com prazer. O mal resulta da falha palpavel, iniludivel, de não haver, desde a escola primária ao ultimo ano dos liceus, aulas práticas de redacção, nas quais se ensinasse apenas a escrever, pondo-se de lado tôda a teoria, que noutras aulas se ministra convenientemente. E' desta lacuna que resulta o português bárbaro, que para aí se escreve, com um desafôro a reclamar os mais duros correctivos. Nem todos nascem para literatos, para jornalistas, para poetas. O fogo sagrado, de que tem brotado os imortais monumentos literários, de que a Humanidade se ufana, a poucos ilumina. São raros os que o sentem arder no cérebro e nos nervos. São poucos o que a deusa inspiração abriga sob as suas asas de quimera e de sonho. E é por isso mesmo que as grandes obras de arte, marcos indestrutiveis de tôdas as civilizações, não abundam. Mas do génio á mediocridade equilibrada e sensata vai uma distancia infinita, dentro da qual, se não é possivel criar celebridades, se pode difundir uma cultura metódica e rigorosa, que não faça dos ignorantes pedantes nem dos pobres de espirito perigosos energumenos. E' sôbre essa zona amorfa que devem incidir os cuidados dos pedagogos e dos educadores. Os tipos excepcionais caminham por si. Não necessitam de muletas. A fôrça estranha, a vibrar dentro deles, não os deixa ficar pelo caminho, como animais cansados e inuteis.

Barulho de botas, botas, botas...

(De *Le Rire*, Paris, rep. no *Lu* de 21)

Mas os outros, os que não sofreram a acção impulsiva do bafo dos deuses, esses não podem ser entregues ás suas proprias faculdades, ás suas debeis energias. E' principalmente para eles que se inventou a escola. E' nessa escola que a sua inferioridade mental, que a sua inercia, que a sua irreflexão, que o seu desapêgo pelas letras tem de ser modificado, sofrendo todas as metamorfoses, exigidas pela sua condição de filhos espurios da inteligencia. Não se injecta massa cinzenta na caixa craneana de ninguem. Os magos da cirurgia ainda não descobriram o processo de realizar esse prodigio, nem provavelmente pensaram nisso. E' possivel, todavia, se não fácil, moldar, afeiçoar, aperfeiçoar e tornar mais plástica e mais ductil a que cada um traz do ventre materno. Para isso mesmo é que há ensino. Como há de escrever com correcção todo aquele que passar pelos bancos das escolas sem sofrer as lapidações que o seu espirito tacanho ou inclinado apenas ás especulações cientificas, reclamar? Não se trata simplesmente de aproveitar tendencias iniludiveis ou vocações imperativas. Seria pouco isso. Seria tarefa quási inutil. A tarefa a realizar é outra. Consiste nesta coisa rudimentar e simples de se incutir gôsto pela escrita em quem o não tenha, em se evitar que saiam das nossas escolas carpinteirando em português bárbaro, ininteligivel e afrontoso, aqueles que por elas passam, carregados de livros e, as mais das vezes, já velhos aos dezasseis anos...

A criação da cadeira da arte de bem escrever a lingua portuguesa, a instituição nos liceus de Portugal duma catedra em que o oficio de redigir se aprenda a fundo, é tão necessaria á nossa cultura como o pão o é á nossa existencia fisica. Sem ela o português bárbaro, encarapinhado, retorcido e mascavado que para aí se usa, por não se saber construir outro melhor, continuará a ser uma das maiores vergonhas do nosso tempo. Na actual organização do ensino, não se deu á prática da composição literária o merecido lugar. Como podem os professores, assoberbados pelo ensino de programas vastissimos, abrir esse lugar indispensável? Os franceses há muito que compreenderam a importancia máxima que na vida duma criatura humana desempenha a boa e correcta escrita. E por o terem compreendido é que nos seus estabelecimentos culturais se dá á composição literária importancia capital. A epistolografia francesa é o espelho do esfôrço feito pelos pedagogos da França para que o idioma de Corneille e de Michelet não tambe num barbarismo aviltante. Poulbot, o subtil desenhador das porteiras e dos garotos de Paris, publicou, em tempos, em volume, alguns dos seus melhores desenhos, traçados como comentário á Grande Guerra. O livro, curiosissimo e desopilante por vezes, traz um prefácio. De quem? De duas porteiras, que lhe escreveram duas cartas, uma descompondo-o sem piedade e outra exaltando-o sem reservas. Leiam-se essas cartas, vindas do povo. Quantos alunos dos liceus portugueses, quantos diplomados, quantos letrados com cartas de longos e dificeis cursos seriam capazes de as redigir?

Se a arte de escrever é, entre nós, uma dolorosa lástima; se esta faculdade, que se nasce com cada um de nós tambem pode ser adquirida com a prática e com a leitura, anda por aí arrastada pelas ruas da amargura e envolta em farrapos andrajosos e indecentes, a arte de falar e de dizer tambem não

está mais afinada, tambem não goza de maior e mais avantajado prestigio. Uma e outra equivalem-se. Fundem-se nos mesmos cadinhos. Os rapazes de hoje não sabem falar, não conhecem a musica deliciosa da sua lingua. Exprimem-se, geralmente, numa algaravia tumultuaria, em que as palavras se atropelam com furor, jogando o murro, esbofeteando-se, recusando-se a ligar-se e a unir-se por esse fluido subtil chamado o ritmo. Ouvidos educados não toleram sem reagir essa sarabanda de sons quási inarticulados, em que as gerações de agora exteriorizam os seus pensamentos e os seus sentimentos. Não é apenas o calão que adquiriu foros de classicismo, que nos põe os cabelos em pé. São as próprias expressões verbais do dicionário que, despedidas como pedras, rolando ao acaso umas sôbre as outras, causam a quem as ouve um amargor de fel, que dificilmente se extingue. A gente nova do nosso tempo lê pouco. Não tem tempo para isso. As aulas e o cinema divorciam-na dos bons autores, mestres da lingua. Daí, não conhecer senão a linguagem banal de todos os dias, que ninguem corrige, nem enriquece, nem depura. Como remediar esta calamidade degradante?

Instituindo, onde se mostre mais conveniente, cadeiras em que se ensine concretamente a falar, a recitar, a declamar. Há, nos programas oficiais do nosso ensino, muito a suprimir, por desnecessario, exagerado e confuso. Façam-se essas supressões. Ampute-se tudo o que fôr excessivo. E abrir-se-á por esse meio espaço suficiente para lá caberem cursos de redacção e dição, tão precisos ou mais como os restantes. A fala foi dada ao homem para ele exprimir com limpidez o que quere, o que deseja, o que pensa e o que sente. Não cultivar ao máximo essa maravilhosa dádiva da natureza é opôr á civilização obstáculos irremoviveis. Um povo culto não pode ser formado só por literatos, por grandes escritores ou por fulgurantes artistas da palavra. Mas nenhum povo pode orgulhar-se de civilizado sem saber falar e escrever bem, correntemente e com simplicidade, a sua lingua. E essa virtude não se improvisa nem se inventa. Adquire-se nas escolas e são os professores que a inoculam na inteligencia e na consciencia dos seus alunos. Vive-se em Portugal, pelo que respeita ao uso que se faz do português, perante um pecado original, perpetrado pelos pedagogos e reformadores do ensino publico. Redima-se esse pecado, dando-se nas escolas á arte de falar e de escrever a importancia que lhe é devida. Só assim se evitará que dessas mesmas escolas saiam, em vez de criaturas aptas a saber o que dizem e o que escrevem, rabiscadores dum idioma grosseiro e desconhecido, e papagaios enfatuados, que articulam sons sem saber o que fazem...

ADELINO MENDES.

(De *O Seculo* de 2 de Abril)

A nova lei da censnra

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º—E' garantida a expressão de pensamento por meio de qualquer publicação grafica, nos termos da lei de Imprensa e nos dêste decreto.

Art. 2.º—Continuam sujeitas a censura prévia as publicações periodicas, definidas na lei de Imprensa e bem assim as folhas volantes, folhetos, cartazes e outras publicações, sempre que em qualquer delas se versem assuntos de caracter politico ou social.

Art. 3.º—A censura terá sómente por fim impedir a prevenção da opinião publica na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os principios fundamentais da organização da sociedade.

Art. 4.º—A Censura será exercida por comissões nomeadas pelo Governo, podendo ser remuneradas as respectivas funções.

Art. 5.º—As comissões de Censura ficam subordinadas ao gabinete do Ministerio do Interior, por intermedio da Comissão de Censura de Lisboa, que funcionará como comissão central.

Art. 6.º—As comissões encarregadas da Censura não poderão alterar o texto censurado com aditamentos ou substituições, devendo limitar-se a eliminar os trechos ou passagens reputadas inconvenientes, de harmonia com o disposto no artigo 3.º.

§ unico—A permissão, pela comissão de Censura, da publicação de qualquer escrito, não revela responsabilidade civil e criminal dos autores ou responsaveis pelo escrito, nos termos da lei de Imprensa.

Art. 7.º—Das decisões da comissão de Censura ha recurso para o governador civil do respectivo distrito, salvo em Lisboa e Porto, onde os recursos serão decididos por uma comissão composta pelo governador civil, pelo presidente da respectiva comissão de censura e por pessoa idonea, que o Governo nomeará.

Junto de cada comissão de censura haverá um representante da Imprensa.

§ 1.º—O recurso será interposto por meio da exposição fundamentada em papel comum, acompanhada da prova original censurada e com indicação da Comissão de Censura que proibiu a sua publicação.

§ 2.º—Quando em recurso fôr autorizada a publicação do escrito censurado, a entidade que julgar o recurso, ponderando as circunstancias que ocorreram, poderá propor ao Govêrno que a emprêsa jornalística ou o proprietario da publicação seja indemnizado dos prejuizos, propondo tambem o quantitativo da indemnização.

Art. 8.º—O Govêrno expedirá, por intermédio do Ministério do Interior, as instruções adequadas á execução dêste decreto.

Art. 9.º—Este decreto entra imediatamente em vigor.

Academia das Ciencias de Lisboa

Sessão do dia 6

Reuniu no dia 6 a assembleia geral da Academia das Ciencias de Lisboa, presidida pelo dr. Julio Dantas. Depois reuniu a classe de Ciencias, sob a presidencia do sr. dr. Pedro José da Cunha, secretariado pelo sr. dr. Pereira Forjaz. O sr. dr. Egas Moniz realizou uma comunicação sôbre «Produção esclerogomose da dura-mater, simulando um tumor cerebral», trabalho este, feito em colaboração com o sr. dr. Amandio Pinto.

Descreveu o caso de um doente com sintomatologia de tumor cerebral: cefaleia intensa, estase papilar e perda de visão, accessos epilepticos iniciais, hemianopsia transitoria e halucinação visual, a que fez a prova encefalografica. Os sintomas neurologicos e a arteriologia estavam de acôrdo sôbre a localização de um tumor nos lobos temporal e occipital direitos. A arteriografia cerebral mostrava, ainda, que a neoplasia não tinha circulação propria intensa, e que o polo anterior do lobo temporal, impulsionado pelo tumor, exercia uma forte compressão sôbre a parte superior do sifão carotídio, á altura da pequena asa do esfenoide. Operado pelo sr. dr. Amandio Pinto, foi encontrado um tumor da dura-mater, que se estendia para a parte inferior do cérebro.

Foi excisada uma grande porção do tumor, com uma espessura de perto de 2 cm. O doente, oito dias depois da operação, podia levantar-se; as dôres de cabeça tinham desaparecido, e a visão começava a aclara-se. Passados alguns dias, saía do hospital. Observado, um mês depois da operação, apresentava uma visão muito melhorada e sentia-se bem. O exame histologico do tumor mostrou que se tratava de um processo esclero-gomoso sifilitico.

Contudo, este doente não melhorara com uma medicação adequada. Quando se trata de producões desta natureza, é necessario operar os doentes, sob pena dêstes ficarem cegos, podendo, ainda, sobrevir piores consequencias. Após o exame histopatológi-

co, foi-lhe instituido um intenso tratamento complementar anti-sifilitico.

O sr. dr. Egas Moniz demorou-se em considerações sôbre alguns dos aspectos sintomaticos, apresentados pelo doente, e que, em sua opinião, devem ser considerados como pertencendo a esta especie de lesões intracranianas.

O sr. dr. Silva Carvalho exaltou o alcance cientifico das novas investigações realizadas pelos srs. drs. Egas Moniz e Amandio Pinto, associando-se o sr. presidente.

Depois, o secretario da secção, sr. dr. Pereira Forjaz, ofereceu á Academia, em nome do seu autor, quarenta e duas obras do sr. professor dr. Simões Raposo, apreciando o ultimo dêsses trabalhos, que tem o titulo: — «Contribuição para o estudo da imunidade anti-cancerosa, e se ocupa das experiencias, feitas em animais sãos, do enexrto de tecidos cancerosos. O metodo dos enxertos permitiu esclarecer a maior parte dos problemas relacionados com a evolução dos tumores malignos. No decorrer das experiencias, feitas com este objectivo, verificou-se que, em certos animais, em que fôra feito um primeiro enxerto, se não conseguia implantar, pelo menos durante certo prazo, novos pedaços de cancro. Este aumento de resistencia á implantação de fragmentos de cancro, recebeu o nome de imunidade anti-cancerosa. No entanto, a conclusão dessas numerosas experiencias é que não existe imunidade natural, absoluta, contra os enxertos do cancro.

Sessão solene do dia 8

No dia 8 a Academia das Ciencias de Lisboa em sessão solenne na grande sala da sua biblioteca recebeu as insignias da grã-cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, oferecidas por iniciativa da *Revista Militar*, e entregues por uma grande comissão de figuras prestigiosas do nosso meio literariorio e cientifico. Presidia á sessão o sr. dr. Julio Dantas, tendo á direita o sr. Monteiro de Barros representando o sr. presidente do Ministerio e o vice-presidente da Academia dr. Pedro José da Cunha e á esquerda o reitor da Universidade de Coimbra dr. João Duarte de Oliveira e Joaquim Leitão, secretario geral da Academia. Falaram o dr. João de Oliveira, como presidente da grande comissão doadora das insignias

terminando a sua oração:

«A oferta das insignias da Grã Cruz da Ordem de Sant'Iago á Academia das Ciencias já não é uma simples, vulgar gentileza duma instituição congenere a uma sua irmã na dignidade da mesma nobilissima Ordem; passou a ter o caracter duma homenagem muito mais ampla, em que o sentimento da «Revista Militar» se multiplica e reforça, até atingir o valor e a expressão dum nobre movimento patriotico, em que toda a Nação culta vem dar plena sanção áquele gesto de fidalga galhardia com que o sr. Presidente da Republica oficialmente consagrara o devido reconhecimento da Patria aos meritos da douta Academia.

A Universidade de Coimbra considera-se prestigiada com a honra do alto encargo que confiaram ao seu reitor.

A «Revista Militar», com sua patriotica resolução, altamente se ennobrece, mostrando que, sob a sua divisa «Pro Patria», igualmnte se inspira naquele conceito dum orador português quando, sem discutir preferencias, reconhecia que «se o oficio das armas pode dar, e dá muitas vezes, corpo e espaço a um povo, a profissão das letras dá-lhe coisa maior e melhor: dá-lhe pensamento e vida».

Seguidamente o sr. dr. Lobo de Campos entregou as insignias lendo a seguinte mensagem:

A «Revista Militar», por um dever de patriotica veneração, tomou a iniciativa do oferecimento á Academia das Ciencias de Lisboa da «Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada», que Sua Excelencia o Senhor Presidente da Republica se dignara conferir-lhe na memoravel sessão inaugural das festas do III Jubileu.

Para tão nobre fim, dirigiu-se ás personalidades mais distintas e ás agremiações mais representativas, e o acolhimento magnifico prestado a tal iniciativa logo evidenciou a admiração do escol das nossas actividades pela sábia orientadora da cultura nacional.

De menos anos de existencia que a veneranda Academia cuja fundação iniciou entre nós uma época de fecundo e brilhante trabalho espiritual, a «Revista Militar» encontrou-se, em dado momento, pelo acaso das circunstancias, na situação de mais antiga como dignitaria da «Ordem de ant'Iago», o que nesta singular conjuntura muito especialmente a desvanece, por legitimar e enaltecer a ideia da oferta das respectivas insignias á sua eminente confrade.

Mas a intima satisfação da promotora desta consagração justissima tambem se explica pelas velhas afinidades com a douta Academia, pois que alguns dos seus mais notaveis colaboradores, no decorrer de oitenta anos, foram socios igualmente notaveis das diversas classes academicas, e muito contribuiram para o seu prestigio e esplendor.

Ao entregarmos as insignias da «Grã-Cruz de Sant'Iago» á benemerita Academia, em nome de todos os que, pessoal ou colectivamente, se associaram a esta solenidade, cumpre-nos ter a honra de saudá-la pelos seus mais recentes e assinalados serviços á Nação, atribuindo poderes superiores a uma Comissão de Academicos para se organizar o «Grande Dicionario Etimologico e Historico da Lingua Portuguesa», estabelecendo o «Acôrdo Ortografico» com a ilustre Academia Brasileira, criando o Instituto de Altos Estudos, o que tudo dignifica mais uma vez a Ciencia, a Historia, a Lingua patria, instrumento imortal das Belas Letras.

A Academia das Ciencias de Lisboa, Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago do Mérito Cientifico, Literario e Artistico, bem merece, portanto—como nessa primeira Instituição de Cultura, constantemente engrandecida pelo alto saber dos seus socios e pela dignidade e autoridade das suas realizações e empreendimentos—a grandiosa manifestação de hoje, verdadeira homenagem nacional.

A sala inteira ovacionou efusivamente o gesto da entrega das insignias e a leitura desta mensagem.

O sr. dr. Julio Dantas numa oração elegante, agradeceu e disse:

«Esta solenidade, pela razão que a determinou, pelas generosas intenções que a ditaram, e, ainda, pela categoria das colectividades e das individualidades que nela participam ou nela têm representação, constitui uma das mais altas e significativas homenagens que, em todos os tempos, foram prestadas á Academia das Ciencias. Julgo-a, mesmo, unica na historia das Academias do Mundo, inteiro. Não temos, porém, que vangloriarnos dela. Essa homenagem não se dirige, pessoalmente, a nenhum de nós; passa por sobre os homens, detentores obscuros de um titulo transitorio, e projecta-se em cheio na instituição—que essa, sim, ouso afirmar que a merece. E', pois, em nome da Academia das Ciencias, a que tenho a honra de presidir; é em nome das laboriosas gerações de sábios e de letrados, que antecederam a nossa, e que, desde o ultimo quartel do seculo XVIII desinteressadamente contribuiram para o esplendor da ciencia e das letras em Portugal; é em nome dos nossos maiores, de cuja opulenta herança moral nós somos hoje os legatarios—que eu agradeço á grande comissão da presidencia do nobre reitor da Universidade de Coimbra, a oferta, que se dignou fazer-nos, das insignias da Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, com que s. ex.ª o Presidente da Republica agraciou a Academia das Ciencias na data do seu terceiro jubileu.

Mas não é como simples ostentação de culto externo, nem mesmo como homenagem aos nossos cento e cinquenta e quatro anos de permanente labor mental, que este acto mais nos interessa e mais interessa o País, que a ele, em espirito, assiste. Não. A vinda de v. ex.as a esta casa tem um alcance mais alto e um sentido mais transcendente, que eu me considero no dever de acentuar. Esta cerimonia representa o primeiro grande acto de solidariedade da familia intelectual portuguesa. Encontramo-nos—quem o ignora?—numa hora grave para os destinos da antiga civilização ocidental, hora de inquietação e de negação, em que a tendencia dos espiritos para novas formas de ordem politica, economica e social, se caracteriza pela exaltação da força e da violencia, do movimento e da maquina; pela desagregação dos ideais espiritualistas e individualistas; pelo repudio sistematico da lição do passado; pelo abandono do velho humanismo, fecundo e tradicional, tão necessario á compreensão da beleza e á disciplina das inteligencias. Perante a ameaça da subversão total da vida do espirito, as aristocracias intelectuais sentem, hoje mais do que nunca, a necessidade instintiva de se unir. O que v. ex.as fizeram, vindo aqui—representantes das Universidades,

delegados das corporações economicas, presidentes dos centros portugueses de alta cultura, membros da ilustre Ordem de S. Tiago da Espada—não foi apenas honrar a Academia, que com tanto jubilo os recebeu; fizeram mais, com a perfeita consciencia do alcance moral e civico do seu acto; vieram afirmar, solidariamente connosco, a sua inabalavel fé no prestigio da ciencia; na permanencia da velha civilização, flôr esplendida da latinidade; na maravilhosa imortalidade da beleza; no eterno culto da bondade e da fraternidade humana. E' esse, meus senhores, o verdadeiro significado da memoravel sessão de hoje. A simples entrega de uma insignia simbolica não passa de um pormenor, que se ofusca e desaparece perante esta congregação de valores, esta parada de forças espirituais, esta afirmação unitaria das instituições e dos homens que representam, no nosso País, a ciencia, as letras e as artes».

Sessão do dia 27

No dia 27 o sr. dr. Cunha Gonçalves leu um curioso trabalho sobre *«Direito consultudinario dos indigenas de Timor»*. E' um estudo profundo dos modos de ser sociais dos nativos e de alto valor tanto juridico como etnografico.

VARIAS

Premios literarios

O sr. dr. Fidelino de Figueiredo cedeu os seus direitos de autor, na tradução espanhola, do seu livro «As duas Espanhas», para ser criado um premio denominado «Oliveira Martins», a fim de que, no curso de 1933-34, um estudante ou ex-estudante da Universidade de S. Tiago de Compostela possa ampliar os seus estudos em Portugal.

O juri do concurso a abrir para aquele efeito, será constituido pelo reitor da referida Universidade e grande admirador do nosso País, sr. dr. Rodriguez Cadarzo, o decano de filosofia e letras, o secretario geral e os delegados da junta administrativa.O candidato premiado deverá apresentar, depois, qualquer trabalho referente ao nosso País, como relatorio de viagem ou estudo de investigação cientifica, o qual se destina ás publicações universitarias.

Homenagem a Ricardo Severo — De S. Paulo chegou a Lisboa o livro de *Homenagem a Ricardo Severo, sessão civica de 31 de Janeiro de 1932*, volume luxuoso, que contem os discursos de C. Malheiro Dias, Roberto Moreira, Marques da Cruz e Ricardo Severo. Insere fotografias e um busto do homenageado por Pinto do Couto. Ao director de *A Portugalia*, foi uma homenagem bem merecida.

Doutouramento

No dia 30 realizou-se na sala dos Capelos da Universidade de Coimbra o doutoramento dos professores drs. Agostinho de Campos e Virgilio Correia. Fôram padrinhos os drs. Joaquim de Carvalho e Providencia Costa. O dr. Joaquim de Carvalho pronunciou um notavel discurso. Foi uma cerimonia cheia de imponencia e tradição.

★ ★ ★

Antonio Ferro publicou no *Diario de Noticias* de 12 um artigo de fundo intitulado *A Morte do Sebastianismo*. Esse artigo provocou no *Republica* uma resposta, no dia 13, com o titulo *Oiça, Antonio Ferro*, de Artur Inês, que no dia 15 novamente publicou *A. I., um que não responde!*

O mesmo jornal publicava no dia 17 *A luta pela ideia. Os republicanos de todo o País manifestam o seu aplauso á doutrina do nosso artigo, «Oiça, Antonio Ferro»*. Nos dias 18, 19 21, a *Republica* ainda se refere ao caso, anunciando no dia 27 que o artigo de Artur Inês ia ser impresso em opusculo. A 1.ª pagina do semanario *Pirolito* de 22, é uma caricatura referente ao assunto, com o titulo *«Oiça, Antonio Ferro»*.

—O jornal *A Republica*, de 4, publica uma entrevista, sôbre Fialho de Almeida com Albino Forjaz de Sampaio. No dia 14, o mesmo jornal publica um curioso artigo *A figura de Fialho e a evocação da sua mocidade angustiosa*, assinado C. S.

—No *Primeiro de Janeiro*, do Porto, do dia 2, publica Julio Brandão um interessante artigo, *Antonio Nobre e as «Despedidas»*.

—No *Diario de Lisboa*, de 7, publica F. A. Oliveira Martins *Uma carta inedita de Guerra Junqueiro*.

—A *Cultura estrangeira e Cultura portuguesa* do *Diario de Noticias* do dia 16, ocupa-se dos *Ensaios camonianos* de Afranio Peixoto; a do dia 27, de *O verbo Retorquir* — *Seara Nova n.º 336*.

—Sôbre judeus publicou o dr. Ricardo Jorge, no dia 5, um fundo no *Diario de Noticias, Portugal e Israel*.

—Ferreira de Castro publica no dia 16 em *O Seculo* um artigo interessante intitulado *Nós, os espanhois e a cultura*.

—O escritor inglês Aubrey Bell casou no Estoril com miss Barbara Lindsay Wilkie.

Damos na pagina central a fotografia do escritor que em *A Voz*, do dia 9, publicára uma interessante conferencia *Como o escritor inglês Aubrey Bell vê os grandes problemas modernos*.

b) Bibliotecas e arquivos

Sobre a *Nossa Lisboa* o *Diario da Manhã* do dia 4 publica um artigo intitulado *Na nossa Lisboa. — Vida cultural.—Bibliotecas e Arquivos.*— Refere-se ás principais Bibliotecas e Arquivos da cidade enumerando as preciosidades.

—No dia 25 foi inaugurada em Fornos de Algodres a sua Bibliotetca Municipal.

—No dia 17 reuniram na Inspecção Geral das Bobliotetcas e Arquivos, além do sr. director da Biblioteca Nacional e do sr. inspector da Boblioteca da Academia das Ciencias, os srs. professores-bibliotecarios das Faculdades de Ciencias, Direito, Medicina e Letras da Universidade de Lisboa, dos Institutos Superior Tecnico, Superior de Ciencias Economicas e Financeiras e Superior de Agronomia, e da Escola Superior de Medicina Veterinaria, a fim de se trocarem impressões quanto á possibilidade da coordenação de esforços no sentido do estabelecimento de um plano geral de aquisições de revistas cientificas, de forma a intensificar essas aquisições, a evitar as duplicações que não sejam consideradas necessarias, e a promover a organização de um roteiro ou guia geral pelo qual os leitores possam, ao consultar as revistas existentes em determinada biblioteca, ser informados dos locais onde se encontram á consulta outras revistas da mesma especialidade que os interessem.

A reunião realizou-se, ontem, tendo os srs. professores e bibliotecarios presentes manifestado o seu inteiro acôrdo com a iniciativa do sr. inspector geral, e posto em relevo a alta importancia das revistas tecnicas como instrumentos de trabalho e elementos indispensaveis de actualização dos conhecimentos cientificos. Foi, por unanimidade, resolvido que, sem prejuizo da autonomia de cada um dos organismos representados, a Inspecção Geral desempenhasse a necessaria função coordenadora dos programas de aquisição, devendo os professores ou tecnicos bibliotecarios de cada aculdade, Instituto ou Escola Superior enviar á mesma Inspecção, no mais breve espaço de tempo, a relação das revistas que possui e assinar, a fim de se organizar e publicar o roteiro geral das revistas estrangeiras existentes nas bibliotecas de Lisboa.

Foi ainda resolvido, tambem, por unanimidade, que se solicitasse das estações superiores o aumento das dotações da: Faculdades e Escolas Superiores para aquisição de publicações cientificas periodicas estrangeiras, e a criação das condições administrativas indispensaveis para que nas bibliotecas destes estabelecimentos de ensino se instituisse a leitura nocturna.

—O sr. dr. Antonio Ferrão, director do Curso Superior de Bibliotecario-Arquivista promoveu uma série de conferencias e visitas culturais. Realizaram-se das primeiras as do sr. dr. Armando Cortezão, na Sociedade de Geografia no dia 28, demonstrando que na Cartografia o primeiro lugar aos portugueses; do sr. tenente-coronel Costa Veiga sobre a Idade Média Portuguesa, na Sala Algarve da Sociedade de Geografia, no dia 29, ocupando-se da «Fidedignidade e antiguidade das ementas da cronica Gotherma», respeitantes ao reinado de D. Afonso Henriques. Das visitas realizou-se a de D. José Pessanha á Sé de Lisboa, no dia 27.

BIBLIOTECA PARA OS SOLDADOS Por iniciativa do sr. coronel Joaquim Torres, comandante de infantaria 19, Aveiro, vai ser criada no quartel dêste regimento uma biblioteca para os soldados.

Leilões de livros

No Porto, no dia 13 e seguintes vendeu-se a 3.ª parte da biblioteca que pertenceu a Joaquim Gomes de Ma-

cedo. O 3.º catálogo distribuido alcança de págs. 321 a 468, e entre os lotes vendidos figuravam um exemplar da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, de 1762, a *Portugalia*, de Ricardo Severo, os *Portugaliae Monumenta Historica*, as polémicas do *Bom senso e do bom gosto* e *Eu e o clero*, as *Navigationi et viaggi*, de Ramiro (1554-1556), a colecção holandesa da *Restauração de Portugal*, a *Colecção dos livros inéditos* do abade Corrêa da Serra, a colecção dos opusculos do abade Castro e Sousa, as *Cartas bibliograficas*, de Anibal Fernandes Tomaz, obras de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos e Sousa Viterbo, etc.

— No dia 10 vendeu-se em Lisboa, na Casa Liquidadora, uma colecção de livros antigos e modernos, realizando o leilão o conhecido livreiro José dos Santos. Livros antigos e modernos, camiliana excelente e uma colecção de autógrafos.

— No dia 24 vendeu-se na Casa Liquidadora, a livraria que pertenceu a António Augusto Gonçalves, de Coimbra. 1.136 lotes de publicações de Arte. Efectuou o leilão a Livraria Manuel dos Santos. Prefaciou o catálogo o dr. Luiz Xavier da Costa. O catálogo foi organizado por Arnaldo Henriques de Oliveira.

c) Bibliografia

BIBLIOGRAFIA: *Prosa:*—Julião Quintinha—*Imagens de actualidade;* Albano Negrão—*O Carnaval da Morte;* Antonio Botto,—*Antonio. Novela dramatica;* Alberto Freitas da Camara—*Vampiro lubrico;* Floriano Sergipe—*Os crimes do bandido Lampeão;* Severo Portela—*Novelas de Portugal.* Contos Emilia Sousa Costa—*Quem tiver filhas no mundo.* Novela. Contos; Armando Ribeiro—*Terras fradescas;* Sousa Costa—*Paginas de Sangue* 3.ª ed.; Ruy Sant'Elmo—*Má sorte.* Romance; Ferreira de Castro—*Eternidade;* Belo Redondo—*A Cidade dos Fantasmas.* Capa de Ferreira de Albuquerque. Caricatura por Zémarkes.

Poesia:—Alexandre de Cordova—*Auto da minha terra;* Antonio Nobre—*Despedidas* 2.ª ed.; José Sabreta—*O jantar dos Veteranos,* 2.ª ed.

Traduções — Flaubert — *Salammbô* Nova edição; Emillie Zola—*A suplica;* Clément Vautel—*Minha mulher não quere filhos;* O. S. Marden—*O Poder da Vontade;* L. Oliveira—*Um homem superior.* (Trad. de Neves Ferreira);

JORNAIS NOVOS — *Leia* — *Animatografo* — *A Gazeta* (Albergaria-a-Velha), *O Correio e as Telecomunicações.*

— Em Paris acaba de aparecer, dirigida por Laby e Laugier, uma nova revista trimestral *Le Travail Humain.* Ocupa-se da Fisiologia do trabalho e Psicotecnica, Biometria humana e Biotipologia, Orientação e selecção profissionais, Higiene mental e profissional; Acidentes de trabalho, Previdencia Social, Educação fisica e sports. O seu custo para Portugal é de 115 francos o ano.

LIVROS FRANCESES: — *La Jeunesse d'Auguste Comte et la formation du positivisme,* 32 francos.

— Seymour de Ricci — *Le probléme des bibliothéques françaises.* (Pequeno manual prático de biblioteconomia), 10 frs.; Caron et Stein — *Répertoire bibliographique de l'histoire de France.* T. IV, 1926 et 1927. 100 frs.; Garcia de la Puente — *Catalogo de los Manuscritos Franceses y Provenzales de la Biblioteca de Escorial,* 20 frs.; Preeters-Fontainas — *Bibliographie des impressions espagnoles des Pays-Bas,* 50 frs.; Polain — *Catalogue des livres imprimés au Quinziéme siécle des Bibliothéques de Belgique,* 710 frs.; Mahé — O tomo II da *Bibliographie des livres de luxe,* 200 frs.

—Pierre Champion—*François Villon sa vie et son temps.* 100 frs.; Antoine Albalat—*Gustave Flaubert et ses amis,* 6 frs.; Bocquet—*Autour d'Albert Samain,* 12 frs.; Parché—*Verlaine tel qu'il fut,* 18 frs.

—N... *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen age,* 40 frs.; Vallery-Radot—*Anthologie de la Poésie catholique.* Dés origines á nos jours, 15 frs.

—M. Thireau—*L'Art moderne et la graphie, 40 frs.*

HOMENAGENS — No dia 6 realizou-se em Santarem a colocação de uma lapide, na casa onde nasceu o poeta Guilherme de Azevedo, na travessa do Sequeira.

— Tambem na mesma cidade, no dia 20, se promoveu uma homenagem ao poeta Salazar Moscosa.

LISBOA. — O *Diario de Noticias* durante o mês publicou curiosos artigos ilustrados com zincogravuras sobre *Alfama de Cima,* no dia 6; *O Bairro Alto,* no dia 13; *Santos-o-Velho e a Madragôa,* no dia 16; *A Mouraria,* no dia 23; *S. Paulo,* no dia 27. São curiosos artigos com abundantes notas historicas, arqueologicas e de grande curiosidade.

CONFERENCIAS — No dia 7 realizou, na Faculdade de Letras da Universidade de Bruxelas, o professor Le Gentil, uma conferencia sob o titulo *O romance português.*

O professor Thomas, da Universidade, fez a apresentação do conferente, exaltando-lhe as altas qualidades de talento. Citou o papel desempenhado pela poesia portuguesa no desenvolvimento da literatura europeia e salientou que todos os que se interessam por estudos literarios devem voltar os olhos para Portugal.

Concedida a palavra ao conferente, começou este por afirmar que o romance coincidiu em Portugal com a expansão maritima colonial e, mais tarde, no seculo XIX, com o despertar da nacionalidade. As caracteristicas do romance do primeiro periodo foram a exaltação, o amor e o misticismo. Nessa atmosfera nasceu o livro de Amadis. Seguidamente, o conferente exemplificou as obras de Gil Vicente, Sá de Miranda, D. Francisco Manuel de Melo e Bernardim Ribeiro, e afirmou que o verdadeiro romance português data da fase do romantismo e que todo o Portugal moderno saíu do choque entre o absolutismo e o liberalismo.

Após ter lido vários textos e comentado diferentes obras, definiu Herculano, Rebelo da Silva, Andrade Corvo e Oliveira Marreca como grandes romancistas históricos.

Passou depois ao estudo do romance de costumes, evidenciando a obra de Camilo. A infancia, hiper-sensibilidade, nevrose e vida tumultuosa deste igregio escritor mereceram largas referencias ao conferente. Considerou Camilo essencialmente romantico por temperamento e sistema. Referiu-se á sua facilidade prodigiosa de escrever, ao seu espantoso conhecimento da lingua, e comparou-o a Balzac.

Depois de marcar o contraste entre Camilo e Julio Deniz, estudou a escola coimbrã e pôs em relevo a figura, acção e psicologia de Eça de Queirós, o seu cosmopolitismo, os seus exageros resultantes do seu dom de ironia.

Esta parte da conferencia foi admiravel de espirito critico e profundo conhecimento da obra de Eça de Queiroz.

Aludiu, por fim, a Abel Botelho, Teixeira de Queiroz, Venceslau de Morais e Aquilino Ribeiro, sendo as ultimas palavras do conferente coroada pelos mais lavras do conferente coroadas pelos mais *vidades* de 9.

NECROLOGIA—Faleceu em Paris, no dia 30 a condessa de Noailles. Romena de origem, Ana-Isabel de Benaraba, princesa de Brancovan, nascera em Paris em 1876 e casara com o conde Mathieu de Noailles.

Estreiou-se com o volume de versos *De coeur innombable.* Era comendador da Legião de Honra, distinção que nenhuma mulher alcançou e reputada a maior poetisa da França.

— Em Malaga, Espanha, no dia 1 faleceu o poeta Salvador Rueda, «o principe da lirica espanhola contemporanea». Foi bibliotecário e vivia quási cego, com 75 anos, numa pequena vivenda que lhe ofereceram os seus admiradores. Visitou a América Espanhola, as Filipinas, o Rio de Janeiro, e publicara ultimamente *O poema do beijo,* colecção de conetos.

NECROLOGIA—Em Tanger no dia 5, Walter Harris, redactor do «Times» em Marrocos desde 188. Grande amigo dos franceses era gran cruz da Legião de Honra. Em 24, em Madrid Felix Lorenzo, tuberculoso, com 53 anos.

Portugal na Imprensa estrangeira

— *The Sphere* publica no numero de 8 de Abril uma gravura representando o dr. Rolão Preto atravesando duas filas de correligionários que o saúdam: *Portugal's Hitler: Senhor Rolão Preto, leader of Portugal's blue shirts, who are known as the National Syndicalists, takes the salute from members of his army.*

VI -- Arte

A) Belas Artes
a) Arquitectura. Urbanismo.
b) Pintura, escultura, desenho. Artes decorativas. Diversas.
c) Museus. Exposições. Vendas de Artes. Gremios e Sociedades. Os artistas.
B) Teatro. Cinema. Musica
Canto e dansa. Telefonia e discos. Os artistas.

c) Museus. Exposições. Vendas de Artes. Gremios e Sociedades. Os artistas

Museu Nacional "Soares dos Reis„

O Museu «Soares dos Reis», no Porto, que há anos estava fechado, foi separado da Escola de Belas Artes, elevado á categoria de nacional, sendo a sua direcção confiada ao dr. Vasco Rebelo Valente, autor do estudo de arte «Jerónimo Rossi». Dispõe o museu de quatro mil escudos e foi essa a importancia com que se fez o milagre da sua reorganização. «Ao fundo do Museu, numa «abside», fica a estátua do «Desterrado», de Soares dos Reis, e por todas as dependencias desse recinto de arte alinham-se obras de notável merecimento, como esculturas, pinturas, desenhos, *vitrines* com obras de ourivesaria, etc. Tudo arrumado numa impressão de apurado gôsto e de excellente ordem».

No dia 11 realizou-se a cerimonia da reabertura do Museu, efectuando-se no gabinete do director uma sessão a que presidiu o dr. Agostinho José Costa Lobo, secretariado pelo coronel sr. dr. Augusto de Sousa Rosa e pelo arquitecto sr. José Marques da Silva. Rodeando a mesa viam-se entre outros os srs. dr. Vasco Valente, João Grave, dr. Joaquim Costa, Julio Brandão, professor dr. Aarão de Lacerda, Teixeira Lopes, Antero de Figueiredo, Ricardo Spratley, prof. dr. Almeida Garrett, dr. Manuel de Figueiredo, José Meneres, engenheiro Francisco Lima, dr. Jacinto de Magalhães, dr. Couto Soares, dr. Leopoldo de Oliveira Mourão, José Rosa, Joaquim de Freitas Gonçalves, Emanuel Ribeiro, arquitecto Joaquim Martins Gaspar, Joaquim Lopes, Diogo de Macedo, António Azevedo, a viuva de Soares dos Reis e filha, dr. Pedro Vitorino, Julio Pina, Henrique de Castro Lopes, Eduardo Lopes, Henrique Moreira, etc.

O sr. dr. Costa Lobo abre a sessão e elogia o dr. Vasco Valente, que fala a seguir, e explica a orientação que deu aos trabalhos efectuados. Elogia o sr. ministro da Instrução por ter criado o Museu Nacional Soares dos Reis com a promulgaão do decreto n.º 21.504 porque ele corresponde ás velhas aspirações da cidade.

«Forçado a cingir-me á minguada dotação orçamental que me foi concedida, — prossegue o sr. dr. Vasco Valente — tive de desprezar pormenores de decoração que seriam relativamente dispendiosos, contentando-me com fazer desaparecer o deploravel aspecto de armazem que dantes tinha este Museu, dando-lhe uma tonalidade mais agradavel e dispondo as telas por forma a que não brigassem entre si, mas pudessem ser melhor apreciadas.

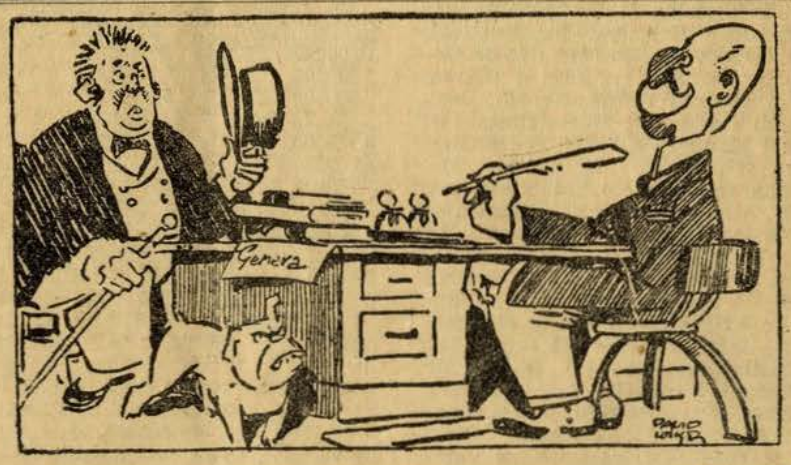
«Muitas das antigas obras não figuram no elenco moderno porque ou são de valor inferior ou não há espaço disponivel, havendo necessidade de lhes obter instalação condigna.

«O Porto que há um século preciso — diz o sr. dr. Vasco Valente — marcou o seu lugar na história da Arte em Portugal, criando nestas mesmas salas o primeiro Museu publico do País, que nos principios do século XIX tivera nha e Comércio, antepassada da Real Academia de Marinha e Comércio, professores como Vieira Portuense, Sequeira e Teixeira Barreto, bem merecia que finalmete o Estado começasse a atender as suas legitimas aspirações culturais. E', portanto, justo que as nossas homenagens se estendam a todos aqueles que, no passado, impulsionaram o culto da Arte nesta cidade: em primeiro lugar á Academia Real de Marinha e Comércio, antepassada da Universidade do Porto e fundada pela Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, á sua aula de debuxo e desenho e respectivos professores, um dos quais, o já citado José Teixeira Barreto, efectivou o primeiro passo para a criação de um Museu, legando em 1810 a sua colecção de quadros ao mosteiro de Tibães.»

Lembra seguidamente D. Pedro IV, o fundador do Museu, e João Baptista Ribeiro, seu primeiro director. Assim dispuz na sala da entrada as obras deste e numa sala própria as dos três mais categorizados professores da Academia de Belas Artes, noutra a que chamou de Arte Antiga, a riquissima colecção de esmaltes limosinos «um dos justos padrões de glória» do Museu, o Jerónimo de Frei Carlos e o célebre triptico da capela do Espirito pela confraria do santissimo Sacramento de Miragaia.»

«Noutra sala dispuz, prossegue o dr. Valente, algumas obras de João Glama e de Augusto Roquemont, artistas que no Porto trabalharam, e, por fim, como que servindo ante-camara ao «Desterrado», genial produção de Soares dos Reis, encontram-se alguns quadros de Silva Porto e a colecção das encantadoras produções de Henrique Pouzão, que só por si ennobrecem este Museu.

«Numa pequena abside, fica



—Convencionou-se que as bombas serão todas pequenas.... e se o senhor for esmagado por um "tank„, lembre-se que ele não pesa menos de 15 toneladas.
—O.... O.... Obrigado.

(Do *Lu* de 21 de Abril)

exposto o «Desterrado» obra prima do grande estatuario Soares dos Reis, patrono deste Museu, o seu retrato, original do professor Marques de Oliveira, desenhos, diplomas, medalhas e outras recordações oferecidas pela viuva e filha do malogrado Artista. Pelas diferntes salas poder-se-ão apreciar alguns dos seus gostos originais e na falta destes as reproduções em bronze de outras obras do mesmo artista.

«Esta instalação é de caracter provisorio, e portanto modesta, estando bem longe de ser modelar, o que vem pôr de manifesto a conveniencia de se conseguir um edificio mais apropriado, que torne este Museu digno da capital do Norte e das preciosidades artisticas que ela possui e, sobretudo, este evite a dispersão de outras pertencentes a particulares, animando-os a legá-las ou a depositá-las num Museu devidamente instalado». E' muito aplaudido por todos os assistentes.

Pede seguidamente ao sr. ministro da Instruão, por intermedio do chefe do distrito, para que a Arte seja protegida e o Museu auxiliado nas suas aspirações. O sr. coronel Sousa Rosa felicita o director, em nome do Municipio, e o sr. dr. Costa Lobo, elogiando o esfôrço realizado, felicitam o director. O Museu está patente ao publico.

A XXX Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes

30.ª *exposição de pintura, escultura; arquitectura, desenho e gravura.*—No dia 7 efectuou-se a visita da Imprensa, realizando-se no dia 8 a sua abertura ao publico. Expuzeram PINTURA A OLEO os srs. Fortunato Anjos (dois trabalhos), Mario Augusto (5), Frederico Ayres (3), José Basalisa (1), Carlos Bonvalot (2), D. Regina Branco (3), Raul Carapinha (2), D. Maria de Lourdes de Melo e Castro (5), José Contente (2), Joaquim Costa (3), José Albino Armando Costa (4), Pedro Cruz (2), Romano Esteves (3), Falcão Trigoso (5), Martinho da Fonseca (3), Simão da Veiga Frade (1), D. Maria Izabel Gentil (1), Frederico Henrique George (2), Pedro Guedes (3), José Leite (2), Raimundo da Silva Machado da Cruz (5), José Augusto Madeira (1), José Malhôa (5), Eduardo Malta (1), José Serra da Mota (3), Emarico Nunes (5), D. Beatriz Pais (3), Severo Portela Junior (3), João Reis (5), D. Maria Luiza Reis (5), José Veloso Salgado (1), D. Alda Machado Santos (5), Antonio Saude (1), Constancio Silva (3), Luiz Salvador Marques da Silva Junior (3), D. Maria de Lourdes Ribeiro de Carvalho e Silva (2), José Augusto de Sousa (1), Henrique Fernandes Tavares (2), Tulio Vitorino (2); AGUARELA os srs. João Hermano Baptista (1), D. Regina Branco (3), Luiz de Ortigão Burnay (1), Eugéne Colson, (1), Gabriel Constante (5), Joaquim Costa (1), Mario Costa (5), José Manuel Felix (2), Pedro Guedes (1), Adolfo M. Hubner (3), Eduardo Leite (5), João Marques (3), Alfredo Morais (5), Narciso de Morais (1), Carlos de Moura (1), D. Raquel Roque Gameiro Attólini (5), Emilio de Paula Campos (3), D. Signa Osorio Teixeira Rebelo (2), Alfredo Roque Gameiro (3), João Alves de Sá (5), Luz Cristino da Silva (1), Manuel de Campos Silva (1), José Augusto Sousa 2); A PASTEL os srs. Benvindo Ceia (1), Joaquim Costa (1); DESENHO os srs. Luiz Varela Aldemira (5), José Contente Frederico Henrique George (1), Pedro Guedes (2), D. Aurora Alves de Figueiredo (1), Martinho da Fonseca (3), Carlos Moura (1), João Reis (1); GRAVURA os srs. Gustavo de Almeida Araujo (2), Luiz de Ortigão Burnay (5); ESCULTURA os srs. Marcelino Norte de Almeida (2), Albuqlerque de Bettencourt (1), D. Maria Izabel Gentil (5), Diogo de Macedo (1), Delfim Maya (3), João da Silva (2), Anjos Teixeira (5), Julio Vaz Junior (1), Raul Maria Xavier (5); ARQUITECTURA o sr. Luiz Cristino da Silva (5).

Está publicado Catalogo que insere 23 reproduções.

O Estado adquiriu *Pescadores* de Carlos Bonvalot, e *Pedras á tarde* de Roque Gameiro. Foram premiados com 3.ª medalha de Pintura, Frederico George, e com menção honrosa, D. Beatriz Pais, Fortunato Anjos, Machado da Luz, e José Contente. Na gravura obteve a 2.ª medalha Ortigão Burnay e menção honrosa Gustavo de Almeida Araujo. Na escultura obteve medalha de honra Anjos Teixeira e na arquitectura Luiz Cristino da Silva.

—O mais caro da exposição é o trabalho n.º 59 *As promessas* de José Malhôa por 25.000$00 escudos, e o mais barato o n.º 188 gravura em madeira *Narinas* de Gustavo de Almeida Araujo que vem no precario por 100 escudos.

Ha 1 trabalho para 25.000$00, e já apontado, 2 de 15.000$00, 2 de 10.000$00, 1 de 9.000$00, 1 de 8.500$00, 2 de 8.000$00, 2 de 7.000$00, 2 de 6.500$00, 4 de 2 de 7.000$00, 2 de 6.500$00, 4 de 6.000$00, 1 de 5.000$00, 1 de 4.500$00 2 de 4.000$00, 2 de 3.500$00, 7 de 3.000$00, 6 de 2.500$00, 10 de 2.000$00, 1 de 1.800$00, 10 de 1.500$00, 5 de 1.200$00, 1 de 1.100$00, 6 de 1.000$00, 1 de 950$00, 2 de 900$00, 3 de 850$00, 7 de 800$00, 1 de 750$00, 6 de 700$00, 4 de 650$00, 14 de 600$00, 1 de 550$00, 13 de 500$00, 2 de 450$00, 7 de 400$00, 10 de 350$00, 10 de 300$00, 1 de 280$00, 6 de 250$00, 2 de 220$00, 6 de 200$00, 1 de 180$00, 2 de 170$00, 5 de 150$00 e 1 de 100$00. Ha como se vê para todos os preços.

Na exposição saíram largas criticas na imprensa diaria. Podem ver-se no *Diario de Lisboa* dos dias 4 (Varela Aldemira e J. V.), no *Diario de Noticias* nos dias 8 (Varela Aldemira e A. P.), 17 e 20 (A. P.), no *Seculo*, dias 8 e 10, *Republica*, dia 12 (Mardel) e *Diario da Manhã*, dia 16 (J. A.).

Exposições de pintura

No dia 3 inaugurou-se na rua Serpa Pinto, galeria U. P., a exposição do artista brasileiro Tom, pseudonimo de Tomaz de Melo, com 33 quadros, desenho, aguarela e oleo. Critica no jornal *Novidades* do dia 6 (A. S. M.).

—Nos dias 4 a 18 expoz na sucursal do *Seculo*, no Rossio, o sr. Alfredo Antunes, colaborador de *O Seculo*, infantil. Caricaturas e desenho de tipos populares.

—No dia 5, no salão de *O Seculo*, a pintora D. Guiomar Fagundes, artista de S. Paulo, Brasil. Apresentou-a Matos Sequeira, discursando o poeta brasileiro Guilherme de Almeida. Sobre a artista uma larga entrevista no *Republica* do dia 10 (A. A.).

—Do dia 5 ao dia 20, na Casa da Imprensa, exposição de oleos de Antonio Alegre de Sampaio e Melo, discipulo da E. B. Artes do Expõe 39 quadros de assuntos de Lisboa, Estoril, Porto, Tramosa, Ancada (Mangualde) etc.

—No dia 19, na galeria U. P. exposição de desenho e pintura de Almada Negreiros. Critica de Rui Santos no *Republica* do dia 20. Porto.

—No dia 21 no salão de *O Seculo*, exposição de pintura de Alvaro Gaspar Perdigão, Celestino Alves, Mattre de Carvalho. Encerra-se a 4 de Maio.

Exposição de mobiliario

—Inaugurou-se no dia 8, no Porto, salão Silva Porto, a exposição de mobiliario alentejano.

Os artistas

—Na actual exposição de Belas Artes expuzeram o seu autoretrato Eduardo Malta e D. Beatriz Pais.

—A pintora D. Beatriz Pais tem nela tambem um busto feito por Marcelino Norte de Almeida.

★ ★ ★

No *Diário da Manhã*, o escritor António Pedro declara numa entrevista: «Cultive-se a saúde na Arte portuguesa, cuide-se da moral do nosso povo e vêr-se-á que o trabalho não é canga...».

—Em Montreal, no Canadá um incendio destruiu uma da salas do castelo da familia William Vanhorne. Perderam-se muitos quadros celebres. Os prejuizos ascendem a 15 milhões de francos.

—O macaco está na ordem do dia. Esgotado o cão pelos ilustradores inglezes, tratam agora o macaco. Em *The Shetch*, revista londrina, Lawson Wood no numero de 5 de Abril tem uma página colorida *O macaco equilibrista e jongleur de ovos*, que é uma composição admirável. Numa revista alemã Lawson Wood aparece reproduzido no seu trabalho *O macaco saltando a corda*.

BIBLIOGRAFIA—Julio Jesus—*Joaquim Manuel da Rocha, Joaquim Leonardo da Rocha. Pintores do seculos XVIII-XIX;* Luiz de Pina—*O Castello de Guimarães.*

NECROLOGIA:—Faleceu, em Madrid, no dia 1, o caricaturista Xaudaró. Xaudaró era o mais conhecido dos caricaturistas espanhóis. O seu jornal preferido era o «A. B. C.». As suas criações preferidas: o cão e o homem das barbas. O cão acompanhava sempre as suas caricaturas.

Um dia, para preencher um espaço em branco num desenho, traçou nele um cão. Depois repetiu esse desenho, dando ao animal atitudes e expressões extraordináriamente cómicas. O publico habituou-se a vêr o cão e não conhecia outra caricatura de Xaudaró sem o comentário mudo do animal.

Um dia, ao representar na habitual caricatura uma catástrofe ferroviária, não teve espaço onde desenhar o cão. Isso alarmou toda a Espanha. Na madrugada do dia seguinte, quando Xaudaró aguardava noticias dum neto, que estava doente e distante, um boletineiro bateu á porta para entregar um telegrama. Abriu-o, emocionado, toda a familia em sobressalto, com receio duma má noticia. O telegrama era, apenas, dum admirador, preguntando se o cão teria morrido no desastre.

Depois, sempre que Xaudaró deixava de incluir o cão nas suas caricaturas, choviam cartas a preguntar-lhe por ele. Por fim, não mais deixou de o desenhar, e numa caricatura, que representava um aspecto dum gabinete médico, como não tinha pavimento para colocar o animal, meteu-o dentro dum frasco de alcool.

Outra das suas criações que ficaram célebres foi a do «homem das barbas», tipo de grande comicidade, cujas expressões eram o comentário das caricaturas em que entrava, dispensando quási as legendas. Estas, segundo dizia Xaudaró, eram o que mais trabalho lhe dava. Encontrando o assunto, fazia o desenho num quarto de hora ou vinte minutos;; mas a legenda levava ás vezes uma hora, para saír concisa, intencional, mordaz. Não era porque Xaudaró tivesse dificuldade em escrever, pois redigia com brilho, tendo escrito várias conferencias humoristicas e três peças cómicas, uma delas em colaboração com outro grande caricaturista, K. Hito. A dificuldade estava em encontrar a sintese, que o desenho ilustrava. Uma dessas legendas, ao acaso: A cena desenhada representa um inventor a descrever um complicado aparelho, «infalivel para evitar catástrofes de aviação». O interlocutor, maravilhado, pregunta como funciona a máquina e a resposta é: «Muito simplesmente; carrega-se um botão e ouve-se, em três idiomas, estas palavras: «Não vá em avião, ainda que lho peçam de joelhos».

Xaudaró tinha o espirito da caricatura popular, da graça natural e sádia, que fazia rir tudo. Assim, a caricatura politica não era o seu forte, nem curava da pessoal. Criava simbolos cómicos, tipos que não eram ninguem e tinham algo de toda a gente. Com a sua morte perdeu a Arte e a Espanha uma das suas maiores figuras.

b) Teatro, Cinema e Musica

Teatro

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES—No Teatro Maria Vitoria foi no dia 7 a 1.ª representação de *As Lavadeiras*, original de Lopo Lauer, Vasco Sequeira e Alvaro Santos, musica de Vasco Macedo. Primeira figura Maria das Neves. Outras Maria Cristina, Costinha, Alfredo Henriques, Pereira Saraiva, Leonor d'Eça.

Peça popular, tipos conhecidos dos arredores de Lisboa. Agradou. No dia 4 realizou-se no Politeama a recita de despedida dos quintanistas de Direito. A revista *Costumada justiça* de José Jaime Neves e José Gonçalves, quintanistas foi desempenhada por alunos da Faculdade agradando inteiramente.

No dia 10 realizou-se no Teatro Nacional a 3.ª tarde classica. *Dois Surdos*, 1 acto do Barão de Roussado; Quem desdenha... 1 acto de Pinheiro Chagas; *As duas bengalas*, 1 acto de Sousa Neto. Introdução do professor Antonio Pinheiro; no dia 15 no Coliseu, e *Desfile Tropical* pela Companhia Brasileira; no dia 16 em S. Carlos a primeira da *Rainha Santa*, 3 actos e 6 quadros historicos, ultimo trabalho de Rui Chianca. Ilda Stichini foi a interprete principal. Irene Izidro, Amelia Pereira, Assis Pacheco, Alexandre Azevedo, outros. Oscar Pacheco leu palvras sobre Rui Chianca, merecidas e elogiosas; no dia 18 *O Animador*, 3 actos de Henry Bataille, traduzidos por A. Dias Costa. Interprete Alves da Cunha. Outros Berta de Bivar, Abilio Alves, Branca Riquetti, Carlos de Oliveira, outros.

No Coliseu a 26 *Salada de Frutas* pela companhia brasileira, original de Miguel Santos e Alfredo Breda musica de Hakel Tavares, Lauro de Araujo, Jardel Jercolis e Bonfiglio de Oliveira; a 30 *A Fera Amansada* de Shakeaspeare no Teatro da Trindade, interpretação de Alves da Cunha e no Variedades, *Ganha Pão* pela companhia Amarante e Hortense Luz. *O Ganha Pão* é imitação de João Bastos.

* * *

Na Sociedade de Escritores, Autores e Compositores Teatrais recebeu na sua séde no dia 28 os seus camaradas brasileiros foi uma festa intima muito cordeal.

—O *Diário de Noticias* publicou a sua página teatral no dia 12 com uma curiosa resenha sôbre os teatros que arderam, desde 1697, o do Pátio da Rua das Arcas até ao Carlos Alberto, no Porto, em parte, já este ano. Insere este numero outro curioso artigo sôbre *As revistas de há 50 anos*. Publica 1 acto de D. Fernanda de Castro, *Foi assim*.

—No *Diário da Manhã* de 12, publica Mem Bugalho um artigo *Como foi representada a «Leonor Teles» há trinta anos*. No de 14 publica J. de F. (Jorge de Faria), um artigo sôbre *A Santa Isabel de Rojas;* no de 16 sôbre *A Santa Isabel romantica;* no de 21, *Os saloios;* no de 23, *Os «Misterios da Inquisição» pelos reizeiros;* no de 24, *Voltaire em Alfarrobeira;* no de 25, *Um cómico brigão;* no de 26, *Chinesices;* no de 27, *A Estátua equestre*.

—No dia 1, em Vigo, no teatro Garcia Barrão Matos Sequeira realizou uma conferência sôbre *Gil Vicente, pai da comédia portuguesa*. Foi apresentado pelo jornalista Avelino Rodriguez Elias. Seguiram-se bailados de Francis e Ruth e representou-se o 2.º acto da peça de Carlos Selvagem *Entre giestas*, por Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro. Rey Colaço recitou versos galegos de Rosália de Castro. Estêvão Amarante cantou fados e o tenor Gastão Mineiro canções populares.

Cinema

Estrearam-se durante o mês; no Palacio e Odeon *O Rei dos vigaristas*, comedia de William Haines; *O Azul do Ceu* e *O Filho inesperado* no S. Luiz; *O Grande Fidalgo* no Royal Cine; *Mater Dolorosa* e *O Secretario de Madame* e *Aldrabão á força* no Condes; *O Misterio do Avião Correio* no Olimpia; *Catolicismo* e *Minha mulher noiva de outro* no Tivoli; *A filha do regimento* no Central e no Gimnasio; *Esta ou nenhuma* no Palacio e Odeon; *Mãos culpadas* no Gimnasio.

—A Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros abriu concurso para admissão de interpretes para o filme *A Canção de Lisboa*. Juri Leitão de Barros, Cotinelli Telmo, Paulo de Brito Aranha, dr. José Galhardo e René Bohet constituiram o juri. Foram muitas e lindas as escolhidas. No dia 6 foram as instalações da Tobis Klang-filmes visitados pelos srs. ministros do Comercio, Obras Publicas e Instrução. Os estudios situados na Quinta das Conchas á Alameda das Linhas de Torres têm uma superficie de 19.000 m2. As instalações são modernas e excelentes.

—O ministerio da Instrução publicou o argumento da primeira pelicula adjudicada sob o parecer da Comissão do Cinema Educativo.

Radiotelefonia

—O Posto emissor Radio-Toulouse foi destruido por um incendio na noite de 5.

Musica

CONCERTOS.—Realizaram-se inumeros no Salão do Conservatorio e varios. Sobressairam os concertos populares realizados pelo professor Herminio do Nascimento; o concerto do dia 9, em S. Carlos, de musica religiosa; e o espectaculo do dia 19, tambem em S. Carlos, *As mulheres que amaram Jesus e cenas biblicas.*

* * *

Antonio de Andrade, artista lirico, foi agraciado com a comenda de S. Tiago da Espada.

Na *Republica* de 28, Alvaro Pinto, publica um curioso artigo sobre *A verdadeira situação de Oscar da Silva, o ilustre português, actualmente no Rio de Janeiro.* E' uma *Carta do Brasil* em que se descreve, de verdade, a vida do compositor português.

CONFERENCIAS—No dia 2, na Casa da Madeira, em Lisboa, pelo sr. Visconde do Porto da Cruz, sôbre *Danças, versos e musicas madeirenses.* O professor Freitas Branco executou musicas regionais da Madeira.

—No Porto, no dia 1, na festa da mulher portuguesa, D. Judit Lima Fuentes, falou sôbre *A arte do canto através dos tempos.* Baseou a sua conferencia num pensamento de Quintiliano—duas são as vidas que neste mundo se vivem, a material e a espiritual, e fazendo o elogio da musica assevera que foi o canto a primeira manifestação musical. Historia a evolução da musica e diz que «o nosso País é talvez um dos que mais elementos reunem para conseguir vozes frescas e bem timbradas».

VII -- Vida Social

A) O homem e a mulher: *Festas e reuniões.*
B) Sports e educação fisica: *Caça, pesca, gimnastica, jogos, equitação, natação, esgrima, automobilismo, foot-ball, toureio, corridas, etc.*
C) A moda: *Artes femininas. Economia domestica. Culinaria e gastronomia.*
D) Vida religiosa
E) O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

b) Sports e Educação Fisica

Em *sport*, os factos mais importantes foram a perda, no «foot-ball», da «équipe» portuguesa que em Vigo foi vencida por 3 a 0. A iniciação da série de corridas de morte no Campo Pequeno; o enpate, 3 a 3 dos militares portugueses em Tourcoing; a Escola de Esgrima do Exercito ganhando a «Taça dr. Manuel Queiroz»; a selecção de França, ganhando-nos por 56-28 no Basket-ball; o dr. Henrique da Silveira ganhando o campeonato de florete, e a inauguração da nova Carreira de Tiro para armas de precisão em Pedrouços. Foi do mais falado no meio sportivo o que relatamos, o que emocionou as gentes, mobilizando a Semana de Vigo, um mundo de interessados.

NECROLOGIA—No dia 4, faleceu no Estoril o sr. dr. Mateus de Oliveira Monteiro, consultor judido do Conselho Superior de Viação e antigo director do Automovel Club.

* * *

LIVROS FRANCESES: — Williams — *Le Bridge tel qu'on le joue aujourd'hui*, 12 francos.

c) A moda — d) Vida religiosa

A Exposição da Criança

No Parque Eduardo VII inaugurou-se no dia 15 a Exposição da Criança. Expuzeram os Estabelecimentos da Assistencia oficiais e os de Assistencia Particular. Machado Pinto foi o grande animador da Exposição que foi inaugurada solenemente com a assistencia de S. Ex.ª o sr. Presidente da Republica e ministros. Fez a conferencia inaugural a Sr.ª Dr.ª D. Maria Carolina Ramos, medica e professora de Puericultura, na Assistencia, no dia 21, tendo realizado outras conferencias os srs. drs. Salazar de Sousa, filho; Alvaro Caires, dr.as D. Branca Runa e Palmira Lendo, drs. Pina Junior, Dias Costa e varias enfermeiras visitadoras.

As ideias praticas

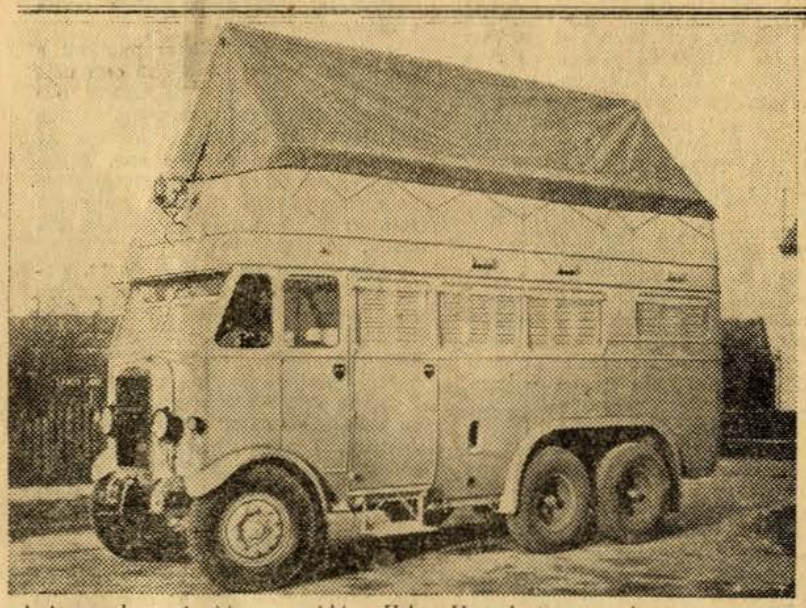
Um anuncio em *L'Art Vivant* lembra-nos que as nossas estações telégrafo-postais podiam vender umas carteirinhas com 10 selos de 40 centavos, exactamente como as estações francesas dos correios e as estações do *Metro* em Paris. E as pequenas capas podem ainda conter anuncios que as paguem.

No Porto, no dia 9, no Palacio de Cristal e perante milhares de pessoas, realizou-se o concurso do *Vestido barato* e a eleição da *Rainha das Costureiras.* A principal base do concurso era que o vestido não custasse mais de 25 escudos. Foi premiada a menina Idalina de Freitas Magalhães em primeiro lugar e em 2.º e 3.º Maria Alice Ferreira da Silva e fra. Clotilde da Conceição Falcão. Rainha das costureiras ficou D. Leontina de Macedo.

CONFERENCIAS—No dia 5, na sede da Sociedade Naturista, o professor sr. Moreno da Fonseca, sôbre *Alimentos convenientes a cada profissão.* No dia 19 realizou o mesmo senhor, na mesma Sociedade, outra sôbre o tema *Alimentos que curam.*

BIBLIOGRAFIA—Baronesa X—*Saber viver. Regras de etiqueta.*

—N... — *Les Carriéres feminines. Le livre que toutes les jeunes filles doivent consulter.* 20 francos; Binet — *L'Amour et l'Emotion chez la femme,*



Automovel construido para Abbas Hilmi II ex-kediva do Egito fazer as suas viagens pelo deserto. Constitue uma casa completa

(De *The Spheee* de 5)

A CARICATURA EM PORTUGAL

A EXPOSIÇÃO DA CRIANÇA

... da criada pela ama de Santa Comba—Premio de honra do certame

(Do *Sempre fixe* de 20 de Abril)

Machado Pinto

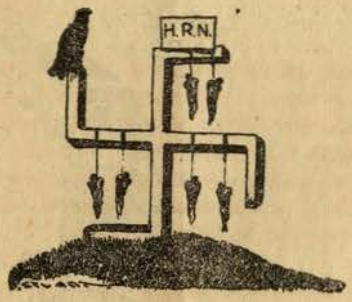
Director geral da Assistencia Publica, a primeira cabeça e o primeiro nariz da beneficencia nacional

(Do *Sempre fixe* de 6 de Abril)

Sobre a terra e sobre o mar

—Então que ha de novo?
—De novo só o «Gonçalo Velho»

(Do *Diaro de Noticias* de 9 de Abril



Hilter Rex Naziorum

(Do *Diario de Lisboa* de 14 de Abril

Retrato de Hitler quando está com a moca

(Do *Sempre fixe* de 20 de Abril)

—Uma vez, no mar do Norte, quando eu era mergulhador...

tive de descer ao fundo do mar para procurar um tesouro...

Ao subir encontrei gelada a superficie do mar.

Não perdio sangue frio Peguei no serrote e puzme a serrar o gelo

—E salvou-se?
—Não senhor.

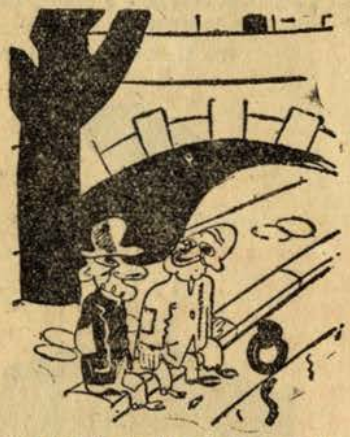
(De *O Primeiro de Janeiro*.—Porto, 16 de Abril)

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

O tio Sam, decrépito e exausto:—Não me peçam a mim, que já chegou a minha vez de pedir tambem. (De *L'Ami du Peuple*, de Paris, rep. na *Republica* de 17 de Abril)

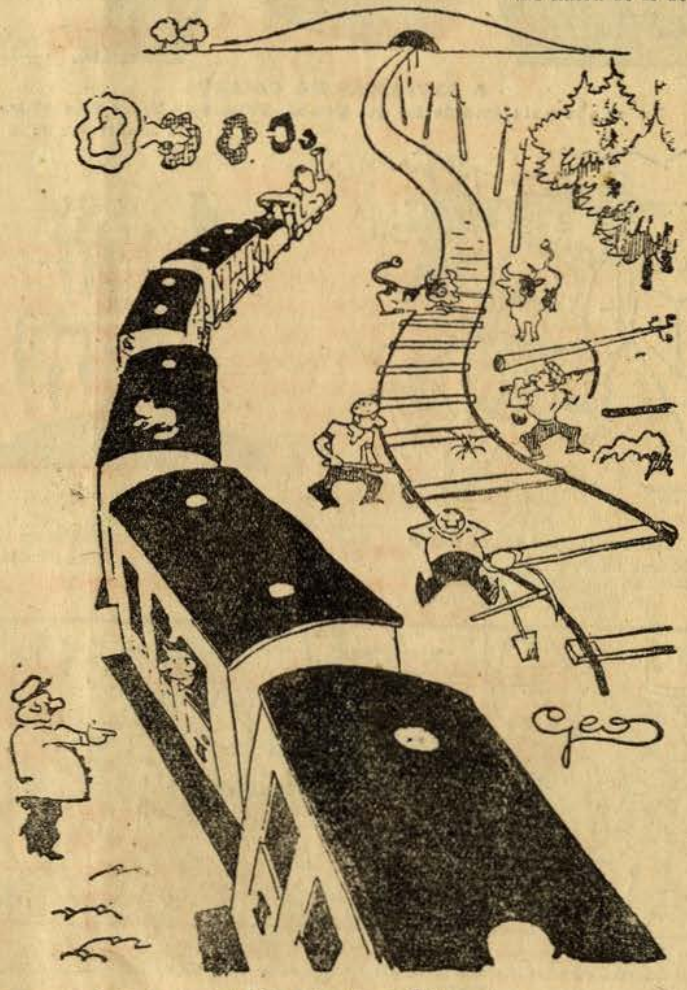
Momento mal escolhido—Mademoiselle Fifi, estão a chamá-la ao telefone...
(Do *Lu* de 21 de Abril)

—Como eu gostaria de pintar assim
—Deveras?
—Pelo menos para principiar.
(De *Ahora* de 21 de Abril)



—Bem gostava eu de ser «nazi» ou fascista.
—Para?
—Para que me dessem uma camisa.
(De *Ahora* de 21 de Abril)

Na Grecia—Vês? Já da antiguidade vem esta manía de construir edificios sem dispor de fundos para os acabar.
(De *Ahora* de 14 de Abril)



—Mas porque é que o comboio não vai pelos rails?
—Então v. não vê que estão a reparar a linha?
(De *L'Humour* de 7 de Abril)

O **Diario de Lisbôa** (edição mensal) procura elucidar o publico de uma maneira sintetica e completa de todos os factos, acontecimentos e ideias, inventos, modas, de tudo enfim o que acontece e vai pelo mundo. Procura preencher uma lacuna, como é uso dizer-se, procura ser util e, para isso, se o publico o ajudar, melhorará todos os numeros as suas secções. Colaboração especializada, advogados, professores, medicos engenheiros, literatos, artistas, musicos, homens da finança e homens do comercio, homens do mar e da guerra, aviadores e industriais, todos enfim que representem um sector da vida moderna, todos serão buscados para darem o seu saber, iluminarem o seu sector com as luzes da sua experiencia e o saber de uma vida a ele devotado. Este numero é um ensaio. Bom? Procurará melhorar. Mau? Faremos o possivel por que seja bom.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) dividir-se-á nas seguintes secções:

I -- Ciencias sociais e politicas. Direito.
II -- Comercio, Industria, Tecnologia, Agricultura.
III -- Ciencias.
IV -- Historia e Geografia.
V -- Letras.
VI -- Arte.
VII -- Vida social.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) receberá de bom grado informações e sugestões dos seus leitores, indicações de nomes para a sua expansão, etc.

Desenvolverá as suas secções, procurando evitar o desequilibrio que é obvio os seus primeiros numeros hão de ter; procurará enfim servir de orgão orientador e informativo dos homens que desejam uma vida retrospectiva que mês a mês os ponha a par de tudo, e lhes preencha as lacunas que o tempo, os afazeres, ou o dinheiro, a todos estabelece.

Toda a correspondencia e assuntos de redacção devem ter bem legivelmente — Redacção do DIARIO DE LISBOA (edição mensal).

Todos os assuntos de administração apenas á Administração do DIARIO DE LISBOA.

Os preços de assinatura são:

Um ano (12 numeros) . . . . . 25$00
Um semestre (6 numeros) . . 15$00
Numero avulso . . . . . 2$50

Africa Ocidental, India, Macau e Timor . Um ano 27$00, um semestre 16$00
Africa Oriental . . . . . Um ano 27$40, um semestre 16$20
Estrangeiro . . . . . Um ano 28$60, um semestre 16$80

Publicidade: — O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) feito para pessoas cultas, servindo um público especial e durante 30 dias, alem da sua encorporação em colecções, é util a livrarias, colegios, papelarias, imprensas, etc. Estabelecemos preços convencionais e equitativos, no proposito de prestarmos ao publico que nos lê, com os nossos anuncios, uma honesta e segura fonte de informações. Dirigir á Administração do DIARIO DE LISBOA, Rua da Rosa, 57. Telefones 2 0271, 2 0272, e 2 0273.